



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

FAZER RIR PARA NÃO CHORAR:

Estudo Psicodinâmico sobre o Humor
num Grupo de Humoristas

INÊS FILIPA MARTINS FRANCISCO

Coordenador de Seminário e Orientador de Dissertação:
Professor Doutor Luís Delgado

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Luís Delgado, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Ao Professor Luis Delgado, pela dedicação e apoio, verdadeiramente, sentidos. Por transmitir motivação ao trabalhar e me relembrar a própria vontade em aprofundar este tema, principalmente quando o cansaço parece falar mais alto. Obrigado pela sua orientação.

Agradeço à minha mãe, ao meu pai, ao Luís e ao Bruno, acima de tudo, pela paciência, pela preocupação e cooperação que sempre demonstrámos entre nós. Agradeço à Andreia Cruz, à Ana Gomes, à Marta Santos, ao André Fernandes, à Inês Pereira, ao José Igreja, à Patricia Machado, ao Sergio Carvalho, à Francis Carneiro, ao Martinho Palha, à Filipa Correia, ao Erickson Felix pela amizade, sinceridade, genuinidade e carinho que sinto em cada um de vós. Pela partilha em conversas e em silêncios.

Ao Sr. Reis, ao Toni, à Patrica da Biblioteca, à Sofia da Reprografia por nos compreenderem quando nem nós próprios nos conseguimos explicar. Obrigada por nos facilitarem a vida.

Ao meu avô, à eterna jovialidade.

RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo compreender a função psíquica de humor, enquanto mecanismo de defesa. Explorar e aprofundar a sua função desimpedimento, através do método qualitativo estudo de caso. Com recurso a uma entrevista semiestruturada e à aplicação do método projetivo T.A.T.. Procedeu-se à análise dos dados obtidos segundo uma perspetiva psicodinâmica. Os resultados dos cinco casos revelam em comum as dificuldades relacionais na infância que são reparadas, por meio do humor, na idade adulta. Fundamentalmente, o humor demonstrou ser um meio para atingir uma relação satisfatória intra e inter-pessoal.

Palavras-Chave: Humoristas; Mecanismos de Defesa; T.A.T.

ABSTRACT

This study aims to understand the psychic function of humor, as a defense mechanism. Explore and deepen its function of relief, through the qualitative method case study. Using a semi-structured interview and the application of projective method T.A.T.. Next step was the analysis in a psychodynamic perspective of the data obtained. The results of the five cases reveal common relational difficulties in childhood that are repaired through humor, in adulthood. Fundamentally, humor proved to be a mean or a way to both an intra and interpersonal satisfactory relationships.

Key-Words: Humorists; Defense Mechanisms; T.A.T.

Índice

Introdução.....	6
I. Estado da Arte.....	8
O Chiste, o Cómico e o Humor.....	8
Humor enquanto forma de Arte.....	9
Humor enquanto Mecanismo de Defesa.....	12
II. Método.....	17
Desenho do Método e Metodologia de Investigação.....	17
Instrumento.....	18
Participantes.....	18
Procedimento.....	19
III. Resultados.....	20
Caso Cristóvão.....	20
Análise da Entrevista do Caso Cristóvão.....	20
Análise do Protocolo de T.A.T. do Caso Cristóvão	24
Caso Benjamim.....	28
Análise da Entrevista do Caso Benjamim.....	28
Análise do Protocolo de T.A.T do Caso Benjamim.....	30
Caso Pedroso.....	34
Análise da Entrevista do Caso Pedroso.....	34
Análise do Protocolo de T.A.T do Caso Pedroso.....	37
Caso Ângelo.....	40
Análise da Entrevista do Caso Ângelo.....	40

	Análise do Protocolo de T.A.T do Caso Ângelo.....	42
	Caso Dolores.....	45
	Análise da Entrevista do Caso Dolores.....	45
	Análise do Protocolo de T.A.T do Caso Dolores.....	49
IV.	Discussão.....	52
	Caso Cristóvão - “Se as pessoas se riem, não te chateiam; não te chateiam, não te põem a um canto” (sic).....	52
	Caso Benjamim - “Tu vais tentar fazer rir, portanto chutas logo para canto” (sic).....	53
	Caso Pedroso – “Se estão a rir, não se vão meter contigo agora, está tudo bem” (sic).....	54
	Caso Ângelo – “(O humor é) uma arma brutal de arremesso” (sic).....	56
	Caso Dolores – “Isto do humor não tem muita graça” (sic).....	57
	Considerações Finais.....	58
	Limitações e Estudos Futuros.....	59
V.	Referências Bibliográficas.....	60
VI.	Anexos.....	63
	Anexo A: Folha de Análise do T.A.T.....	63
	Anexo B: Consentimento Informado.....	65
	Anexo C: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T. do Caso Cristóvão.....	66
	Anexo D: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T. do Caso Benjamim.....	80
	Anexo E: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T. do Caso Pedroso.....	100
	Anexo F: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T. do Caso Ângelo.....	130
	Anexo G: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T. do Caso Dolores.....	152

Introdução

Com o humor, vem o riso. Com o riso, o prazer. Do prazer nasce a *indispensável leveza do ser*.

Ahahah
(aplausos)

Mas por detrás do riso, escondido do aplauso, permanece oculto uma parte do *ser* onde pesa um sofrimento. A *insustentável leveza do ser*.

Choro
(silêncio)

Slava Polunin. O palhaço mais famoso do mundo. O seu último espectáculo inicia-se com dois palhaços, unidos por uma corda. Não percebem, mas esta corda está atada ao pescoço. É no encontro deles, entre dois *risos*, que se apercebem do *choro*. Riem, mas estão enforcados. Fazem rir enquanto estão enforcados. Fazem rir porque estão enforcados.

Afinal, para que serve o humor: de que rimos, porque rimos?

Claramente, o humor e o processo humorístico podem ser vistos e pensados sob diferentes perspectivas. Pelo interesse na compreensão das motivações que (se) criam (n)um humorista, será encarado – e aqui estudado – através da perspectiva psicodinâmica, i.e., pela sua natureza defensiva.

“Man goes to doctor. Says he's depressed. Says life seems harsh and cruel. Says he feels all alone in a threatening world where what lies ahead is vague and uncertain. Doctor says, "Treatment is simple. Great clown Pagliacci is in town tonight. Go and see him. That should pick you up." Man bursts into tears. Says, "But doctor...I am Pagliacci.”

Alan Moore, *Watchmen*, 2009

I. Estado da Arte

O Chiste, o Cómico e o Humor

As primeiras abordagens ao humor, na sua função psicológica, foram elaboradas por Freud (1905). Compreendendo o impacto do riso e do fazer rir, o autor distingue três generos: o Chiste, o Cómico e o Humor.

O Chiste seria o que, em português, entendemos popularmente por anedota. A formação do chiste está extremamente ligada às pulsões agressivas e/ou sexuais, com o objectivo da descarga pulsional, sendo como tal uma formação psíquica do inconsciente. Isto é, o Chiste seria o resultado da permissão de que alguma coisa da ordem do recaiado surja sem ter que pagar o preço neurótico da angústia (Freud, 1905) o que proporciona o prazer ou, aqui como sinónimo, o riso. Tal como os sonhos e os actos falhados. Assim, enquanto o Chiste é construído por uma ideia recaiada no inconsciente que, sob certa pressão, força a passagem e liberta-se (Ribeiro, 2008) satisfazendo e provocando o riso; o Cómico despertaria o riso pelo contrasenso, pela surpresa e pelo inesperado (Freud, 1905). O Cómico surge pela relação dual de quem constata e quem/o que é constatado. Provoca prazer pela percepção consciente da surpresa - criada pela confrontação entre a expectativa de uma ideia e a sua constatação. (Ribeiro, 2008).

Por último, o Humor é o meio pelo qual a pessoa se recusa a sofrer. Esta seria uma forma elevada de lidar com as dores de existir (Freud, 1905). Actua como alibi da verdade, até então, aprisionada no sujeito (Freud, 1905). Ou seja, um processo que envolve o Humor tem origem no pré-consciente e consiste em retirar certa quantidade de energia da libido transferindo-a para o Super-Ego. O prazer obtido do que é humorístico deve-se a uma economia de gasto em relação ao sentimento (Freud, 1927).

Em suma, o Chiste privilegia o simbólico, o Cómico é atravessado pelo imaginário, ficando o Humor na confrontação com o real (Ribeiro, 2008). Distinguem-se pelos processos psíquicos envolvidos e pela eficácia e equiparam-se pelo objectivo comum da primazia do princípio do prazer. São formas construídas para lidar com o mal-estar na cultura e, conseqüentemente, no próprio (Ribeiro, 2008).

Pela distinção destes conceitos compreendemos que, em maior ou menor grau, se relacionam com a sublimação. Como se de um gráfico exponencial se tratasse: o Chiste implica, por muito diminuto que seja, algum nível de sublimação. Não podendo ser concretizada, a pulsão não é satisfeita nem realizada, é sublimada - pelo facto de ser colocada numa linguagem que não sendo valorizada, já é culturalmente aceite. No outro extremo, estaria o humor que implicaria uma sublimação mais complexa e elaborada. As pulsões afastam-se do primeiro alvo, dificultando a compreensão da origem e tornando aquilo que é dito não só como algo aceite pelo Outro, como valorizado e enobrecido socialmente (Freud, 1927)

Humor enquanto forma de Arte

A sublimação seria o processo pelo qual a pulsão sexual dirigida para um determinado objecto é redirigida para um novo alvo - um objecto não-sexual - aceite e, principalmente, valorizado socialmente (Laplanche & Pontails, 1967/1970). Este processo sublimatório resulta da impossibilidade de satisfação da pulsão e é, precisamente, perante a impossibilidade de satisfação (por obstáculos externos ou inibições morais) que o Ego se sente obrigado a retirar a força libidinal do primeiro objecto e a deslocá-la para o objecto não sexual, possibilitando, mesmo que parcialmente, a satisfação libidinal – que já não é sexual mas ainda está psiquicamente ligado ao primeiro” (Freud, 1908).

Assim, o mecanismo de sublimação surge, sempre, associado ao conflito entre o desejo e o interdito. A sublimação parece ser a solução conciliadora do princípio do prazer com o princípio da realidade. No mesmo sentido, Roheim (1943/1969) define que a sublimação (objecto cultural) se situa como estabilização da libido entre a posição narcísica e a posição objectal erótica. Anzieu (1979, p.32) define que “a arte dá lugar a uma reconciliação peculiar entre dois princípios”. Define-se como peculiar no sentido em que “o problema consiste em transpor os objectivos dos instintos de tal maneira que o mundo exterior já não os possa negar ou opor-se à sua satisfação” (Freud, 1929/1981, p. 3027 cit. por Delgado, 2012). Anzieu clarifica que o criador substitui a satisfação sexual directa pela gratificação narcísica (1979). Esta gratificação narcísica é sinónimo do retorno narcísico – da valorização do Self por meio da criação. Ou seja, “o artista é originalmente um homem que se afasta da realidade porque não pode aceitar a renúncia à satisfação dos instintos que esta por princípio exige, e um homem que permite que os

desejos eróticos e ambiciosos actuem plenamente na sua vida fantasmática. Sem dúvida, ele encontra uma maneira de regressar desse mundo de fantasia à realidade utilizando estratégias especiais para moldar as suas fantasias como verdade de um género novo, que os homens apreciam como valiosos reflexos da realidade. E assim se converte de certo modo no herói, no rei, no criador ou no favorito que desejava ser sem necessidade de recorrer ao longo e tortuoso caminho que obriga a fazer alterações no mundo externo” (Freud, 1911, p. 242).

Por outras palavras, é simulado que a produção de uma actividade artística ou de uma investigação intelectual almeja, como objectivo último, a obtenção de um retorno ao Ego. Como forma de arte, também no humor surge a importância do julgamento do Outro. O que parece relevante considerar que o que determina a necessidade e importância do Outro é o próprio criador e que portanto, o Outro tem o poder de acrescentar conforme o valor que o primeiro lhe confere. Nem toda a arte é partilhada, o que remete para que a arte e a sublimação ambicionem um retorno intrapsíquico anterior ao retorno narcísico.

Isto é, “a arte (...) (é) uma actividade destinada a acalmar desejos insatisfeitos, primeiro no próprio artista criador e depois nos seus ouvintes ou nos seus espectadores (...) O primeiro objectivo do artista é libertar-se ele mesmo e, mediante a comunicação da sua obra a outras pessoas que sofrem os mesmos desejos retidos, oferecer-lhes idêntica libertação” (Freud, 1913, p. 189). Assim, a criação seria, em si mesma, a libertação da agressividade, que vem sempre acompanhada pela, inerente, função reparadora (Segal, 1991/1993).

A origem da arte está ligada à agressividade, compreendemos que a arte é a alternativa à inibição – num caso em que a angústia de retaliação das pulsões agressivas seja demasiado intensa haverá intervenção da inibição (Klein, 1937/1996). A arte está relacionada com a agressividade e, por isso, em maior ou menor medida, com a necessidade de reparação dos danos causados.

A evolução do processo criativo pode centrar-se em dois objectivos, que não funcionam de forma exclusiva para cada individuo. Por um lado, a reparação do objecto, devido a sentimentos de culpa ou receio de retaliação do objecto – representando-se como uma formação reactiva. Ou seja, a criação teria como objectivo redimir e reparar a possível danificação do objecto; Por outro lado, a reparação do próprio Self, na medida

em que o objectivo é enriquecer e satisfazer o próprio Ego. Neste sentido, a descarga de pulsões sublimadas facilita a restauração da própria integridade que antes parecia frágil (Chasseguet-Smirgel, 1984). “A verdadeira reparação, ao contrário da reparação maníaca, deve incluir um reconhecimento da agressividade e do seu efeito” (Klein, 1937/1996). Neste sentido, compreende-se que este mecanismo defensivo se relaciona com a angústia e culpabilidade depressivas (Laplanche & Pontails, 1967/1970).

Em suma, a vontade e, por vezes, necessidade de recriar é sinónimo de recuperar o que se perdeu – tanto interno como externo (Delgado, 2002, p. 113). Ou seja, a criatividade deriva do sentimento de incompletude. O que assinala, assim, a reparação de uma ferida narcísica. O artista é compelido a criar pela permanente confrontação com o passado, mesmo que não tenha consciência disso (Delgado, 2012). A percepção da realidade, do potencial e das limitações do criador são usadas tanto para superar como para reparar. Isto é, arte vem associada à tarefa de criar algo novo como um meio de restauração simbólica do seu mundo interno – função reparadora da arte. A reparação é, então, o mecanismo pelo qual o indivíduo procura reparar os efeitos produzidos no seu objecto de amor pelos fantasmas destruidores direccionados. Mais do que o carácter defensivo perante os impulsos, emerge a aceitação dos impulsos. Tal como a sublimação, a reparação é um mecanismo que permite a administração dos impulsos. (Grotsein, 1983).

Por fim, assumimos o humor como forma de arte não só pelo carácter literário que o envolve, como pelos pontos de convergência com a sublimação: ambos sugerem um ténue limite entre a defesa frente à angústia promovida pelos excessos pulsionais e o movimento criador; ambas encontram a origem no brincar infantil; denotam a afirmação do sujeito, das suas experiências de prazer, e o reconhecimento dos limites impostos a qualquer triunfo onipotente; e, finalmente, produzem uma modalidade de laço social (Kupermann, 2010). O acto criador, tal como o humor, é uma tentativa de atingir a integridade, de ultrapassar a castração a todos os níveis (Chasseguet-Smirgel, 1984).

Humor enquanto mecanismo de defesa

Sabendo que, enquanto humanos, permaneceremos pre-destinados ao sofrimento psíquico - pela morte, o envelhecimento, a doença, ameaças do mundo externo, a natureza com suas fúrias – acabamos por criar defesas regressivas contra o sofrimento – tais como, a neurose, o delírio, as drogas, a êxtase, as sublimações. Incluindo-se na sublimação, o humor é também um destes caminhos onde o princípio do prazer triunfa sobre o princípio da realidade, onde, dentro do campo da saúde psíquica, o desejo se realiza e se contrapõe à pulsão de morte (Morais, 2008).

A essência do humor é poupar afectos (Morais, 2008). A função económica do humor, por meio de deslocamentos, foi designada por Freud (1905), desde os seus primeiros textos sobre a temática. Define que o humor “é um meio de obter prazer, apesar dos afectos dolorosos que interferem com ele; actua como um substitutivo para a libertação destes afectos, coloca-se no lugar deles” (Freud, 1905, p. 211). Mais tarde, na teoria psicanalítica, compreende-se que não se trata de uma substituição, mas sim de uma transformação do afecto doloroso – ou seja, na citação acima transcrita, «apesar de» poderia ser substituída por «por causa do». No entanto, o enquadramento do humor no processo de deslocamento não se torna desadequado. Apesar de, actualmente, o associarmos à sublimação, o conteúdo da ideia inicial permanece actual – um mecanismo de defesa a realizar a tarefa de impedir a geração de desprazer (Freud, 1905).

O humor possui “qualquer coisa de grandeza e elevação (...) O Ego recusa-se a ser afligido pelas provocações da realidade. Insiste em que não pode ser afectado pelos traumas do mundo externo” (Freud, 1927, p. 166). O humor Significa a vitória do Ego sobre o mundo externo e a vitória do princípio do prazer, do modo de funcionamento do processo primário, característico do inconsciente (Kuperman, 2010). O sujeito recusa-se a sofrer e é nesta recusa que surge o humor. Surge o riso perante os obstáculos externos ou internos, até perante a morte. Chegando, até, a ousar usar a morte como fonte de prazer. Assim, o sujeito compreende os seus limites e por isso encontra novas formas de satisfação. Na maioria das vezes, usa os obstáculos como degrau ou bengala para atingir a Vitória ou Triunfo do Ego. Assim, pela percepção de que existem obstáculos compreendemos que não se trata de um verdadeiro triunfo (Kupermann, 2010). O recurso ao humor denuncia a noção de fracasso e a impossibilidade de realização das

ilusões narcísicas do Ego. Portanto, na questão do humor trata-se, não do verdadeiro triunfo do Ego, mas sim, “da afirmação teimosa e rebelde do erotismo e do desejo do sujeito, diante das adversidades impostas pelo destino, pelo acaso e pela morte” (Moraes, 2008, p. 6) A impossibilidade de satisfação, obriga à desidealização do objecto não alcançado, que no caso do humor é possível através do superego benigno (Moraes, 2008). Desta forma diferencia-se da melancolia pela qualidade benigna do superego e a consequente possibilidade de desidealização que permite o Ego procurar outras possíveis fontes de prazer.

A disposição benigna do superego permite que o Ego reaja, inove e enfrente a realidade, escapando do sofrimento. Ou seja, diante da angústia de castração o Ego ri de si próprio (Salles, 2011). O humor representa a reação benévola do superego perante a castração, um superego complacente com o Ego, como um pai para seu filho (Moraes, 2008). A atitude humorística é definida por “uma situação em que o indivíduo se comporta para com eles (Outro) como um adulto o faz com uma criança, quando identifica e sorri da trivialidade dos interesses e sofrimentos que parecem tão grandes a esta última” (Freud, 1905, p.205). O sujeito reconhece-se como simbolicamente castrado. O triunfo narcísico do Ego consiste em que ele mantenha o amor-próprio mesmo diante da castração (Salles, 2011).

Enquanto o chiste permite a produção de prazer a serviço da agressividade (Freud, 1927); o humor, não proporcionado um prazer de igual intensidade, tem um valor maior. O prazer do humor não se cinge à descarga pulsional, abrange, também, o triunfo do narcisismo perante os limites e a finitude do ser (Kupermann, 2010).

A produção de um acto humorístico transforma quem o produz, momentânea e idealmente, em alguém superior e mais poderoso. Ridicularizar é um poder: é a capacidade e a liberdade de tornar algo objecto de riso, portanto, algo do qual não se tem medo. Ao realizar essa operação, desvanece-se, o que automaticamente acarreta um alívio de tensão. O humor recria - magicamente - a percepção de controlo, de domínio sobre o ameaçador (Kupermann, 2010).

O riso do Outro surge como forma de enaltecer o Ego que se aproxima do que é característico de uma lógica narcísica em que a libido é retirada dos objectos no mundo e dirigida ao Ego. Este investimento no Ego ou na imagem conduz, com frequência, a actividades destinadas a enaltecer a sua imagem (Kernberg, 1985).

“Os narcisistas apresentam várias combinações de ambição intensa, fantasias de grandesa, sentimentos de inferioridade e excessiva dependência da admiração e aprovação externas” (Kernberg, 1985, p. 264). Nas quais a grandiosidade exibida é uma defesa eficaz contra a depressão, vulnerabilidade e dependência (Kernberg, 1985)

Relativamente ao humorista, e às suas piadas, convida-nos ao gozo e ao prazer. Dedicar-se a uma sedução quase de graça, mas não o é, inteiramente, porque tem como retorno o seu Ego insuflado. (Ribeiro, 2008). Isto é, sendo um catalisador do gozo do outro, isto confere-lhe prestígio, equilibrando-se a nível narcísico através do reconhecimento. Constatando as falhas narcísicas, o humor o chiste e o comico são formas de não aceitar essas falhas, muito menos permitir ser confrontado por um Outro (Ribeiro, 2008). Assim, coloca-se a possibilidade de o uso excessivo da piada e do chiste, socialmente, ser uma máscara para uma personalidade instável, que se quer acreditar onipotente (Ribeiro, 2008). O caso de alguém que faz do humor profissão representará o, acima citado, uso excessivo da piada socialmente, que se aproxima da máscara e portanto, do conceito de Falso *Self* de Winnicott.

O recurso ao Falso *Self* denuncia a necessidade de defender o Verdadeiro, independentemente da razão da sua emergência, seja ocultando a existência do verdadeiro, seja permitindo que o verdadeiro *Self* exista pelo Falso *Self*. (Winnicott, 1960).

Seguindo a premissa de que o humor acarta a primazia do princípio do prazer - o humor parece ser um processo em que o verdadeiro *Self* transparece sem aparecer. Ou seja, exprime-se escondido atrás de uma máscara. A coexistência do verdadeiro e Falso *Self* reenvia para o humor e a ironia, no sentido em que, assim, perante a vida em sociedade é permitida a desdramatização e relativização do verdadeiro trágico, pela técnica do uso moderado e ajustado desta máscara civilizada (Rosa, 2004).

O caso dos humoristas poderia equiparar-se ao que Winnicott refere sobre os actores: “há aqueles que podem ser eles mesmos e também representar, enquanto há outros que podem só representar, e que ficam completamente perdidos quando não exercem um papel” (Richards & Wilce, 1996, p. 137).

Nesta lógica, o processo humorístico envolve três objectos, o humorista, o assunto/alvo e um terceiro – o que ouve (Kupermann, D., 2010). Assumindo estas três

componentes, Freud (1905, pp. 166) refere que “ninguém se contenta em fazer um chiste apenas para si” (Freud, 1905, pp. 166), e acrescenta que o circuito cómico só se completa quando ele é partilhado com outro (Freud, 1905). Contraditoriamente, sendo o humor assumido como forma de arte e sublimação – já que também envolve o processo criativo literário – seria, também, uma actividade com objectivo de acalmar as pulsões insatisfeitas no artista criador e, somente, depois nos seus ouvintes (Freud, 1913; cit por Delgado, 2012). Subsistindo a compreensão de quanto este terceiro é essencial para o processo humorístico, Coimbra de Matos (2011) refere que enquanto na ironia, atacamos agressivamente a imagem do Outro; no humor rimo-nos com benvolência de nós mesmos o que parece revelar que a necessidade do Outro depende do que está subjacente ao humor. Freud (1905) assume a hipótese de que se poderá prescindir do público para extrair graça da sua arte, “o que aponta para um estado de solidão que parece acompanhar, em maior ou menor grau, a capacidade para o humor (...) o *stand up comedy*, na qual o candidato enfrenta um público *a priori* hostil, assumindo a árdua tarefa de seduzi-lo apenas com um microfone e da lâmina cortante das suas palavras espirituosas, sugere a imagem de uma extrema e ameaçadora solidão” (Kupermann, 2010, p 6).

Neste processo que envolve solidão, tal como em qualquer processo criativo, rir em relação ao próprio pode revelar uma regulação da auto-estima desgastada, por banais insucessos do quotidiano. Por outro lado, pode ter como função reparar falhas narcísicas mais antigas e profundas – o humor seria, assim, “um mecanismo de compensação narcísica, semelhante à defesa maniaca ou dela constituinte” (Coimbra de Matos, 2011)

Concluindo, o humor parece assumir-se psicologicamente eficiente enquanto mecanismo defensivo. Assume a função de catarse, de economizador de desprazer; de reparação e de, perante a realidade castradora, a vitória do Ego. É, constatando a sua funcionalidade que o humor se parece aproximar do mecanismo defensivo maniaco; no qual, o afecto doloroso é, de forma extrema, ignorado. Por meio das fantasias onipotentes, da exaltação do Self, da negação da realidade psíquica e do desprezo, a mania acarreta a função de proteger o Ego da melancolia (Klein, 1940/1996), da vivência de ansiedade depressiva. Para um melhor entendimento, surge uma transposição, na forma de *regra de três simples*, que serve de questão de investigação: A mania está para a melancolia assim como o humor para a depressividade?

Assim como o humor acarreta a função de colmatar o desprazer, a mania é a forma de fuga à melancolia, representa o triunfo do Ego sobre o objecto, o triunfo das pulsões eróticas sobre as pulsões de destruição (Mijolla, 2002). Procedemos assim, à exploração do significado do humor para os humoristas – pela presença e relevância atribuída ao humor.

II. Método

Desenho do Método e Metodologia de Investigação

Em virtude das questões de investigação, desenhou-se um estudo qualitativo do tipo estudo de caso (Shaughnessy & Zechmeister, 1985). Foram utilizados dois instrumentos de avaliação psicológica, fazendo recurso a uma entrevista não-estruturada (Breakwell, & col., 2010) e, para uma compreensão dinâmica do mundo interno mais aprofundada, ao Teste de Aperceção Temática (T.A.T.).

Instrumento

A entrevista. A entrevista seguiu um delineamento não-estruturado (Breakwell, & col., 2010) permitindo que, tendo em conta algumas questões-chave sem ordem fixa, o sujeito falasse livremente e decidisse o decurso da entrevista. No início da entrevista fomos sugerindo que o sujeito falasse sobre si – não somente enquanto humorista. A restante entrevista foi conduzida tendo em conta as seguintes questões: a) O que é que o faz fazer humor?; b) Quando achou que era útil para si fazer humor?; c) Existe algum tema mais recorrente quando escreve/faz humor? E se esse tema tem alguma relação com a sua experiência de vida?. Por fim, foi elaborada uma questão aberta de forma a permitir que o sujeito pudesse acrescentar alguma informação relevante. Posteriormente, as análises foram realizadas em grupo segundo a orientação e supervisão do Professor Luís Delgado, nas quais a análise de conteúdo de cada entrevista seguiu a perspectiva psicanalítica.

O Teste de Aperceção Temática. O Teste de Aperceção Temática (T.A.T.) foi concebido por Henry Murray em 1935, e foi, desde o início, concebido como um exame psicológico que aprofunda o modo de funcionamento psíquico do sujeito. Solicitando a situação projectiva a partir da instrução «imagine uma história a partir do cartão», surge também o apelo à conjugação da imaginação livre e do controlo. É ao tentar conciliar o processo primário e o secundário que se torna perceptível a capacidade do Ego e os mecanismos de defesa usados pelo mesmo, bem como as problemáticas mais emergentes no sujeito.

Solicitações latentes e os cartões Escolhidos. A aplicação do T.A.T começou por ser um complemento à entrevista que não seria analisado por escrito nestas páginas. No

entanto, devido à riqueza de conteúdo pareceu-nos importante incluir as conclusões da prova na análise de cada caso. Foram apenas aplicados 7 cartões escolhidos por serem, para além de pertinentes, essenciais às questões em estudo. Os cartões escolhidos são o cartão 1 por, de forma latente implicar o reconhecimento da angústia de castração, a possibilidade de aceder ao prazer ou as insuficiências no investimento do sujeito; o cartão 3BM por reenviar à problemática de perda do objecto e nos dar a conhecer a elaboração da posição depressiva; o cartão 6BM pela representação da proximidade mãe-filho num contexto que evoca a perda de objecto (com frequência para o luto do pai), pondo em questão a reacção do sujeito perante um estímulo depressivo; o cartão 7BM por nos dar a conhecer a energia pulsional (pulsão agressiva ou libidinal) direccionada à figura paterna e portanto a resolução do conflito edipiano; o cartão 13B por, para além de reenviar à solidão num contexto de precaridade do simbolismo materno, reactivar a posição depressiva; o cartão 13MF por remeter para a expressão da sexualidade e da agressividade, i.e. por explicar de que forma é integrada e partilhada com o Outro a dimensão pulsional; o cartão 16 por nos dar a conhecer a estrutura dos seus objectos privilegiados, as relações estabelecidas com os mesmos (Shentoub et Al., 1961).

A análise e a interpretação dos dados obtidos pela aplicação do T.A.T irão seguir os pressupostos da escola Psicanalítica Francesa. Desta forma, será realizada a codificação dos procedimentos de elaboração do discurso com a utilização da *Folha de Análise do T.A.T.* (Anexo A) (Brelet-Foulard e Chabert, 2003; cit. por Delgado, 2011, p.187- 189).

Participantes

A amostra foi seleccionada por conveniência (Pais-Ribeiro, 2007). O critério de inclusão no presente estudo foi o facto de os sujeitos produzirem humor de uma forma profissional - ainda que o humor não seja a única fonte de rendimento. A amostra é constituída por 5 participantes, dos quais quatro são do sexo masculino e as idades compreendem-se entre os 23 e os 41 anos.

Procedimento

Todos os sujeitos foram contactados previamente. Inicialmente por meio telefonico e, posteriormente pessoal. Neste primeiro contacto explicaram-se

sinteticamente os principais objetivos e ideias do estudo («Compreender melhor o que é o humor e o que implica ser humorista»), foram esclarecidas todas as questões colocadas e por conseguinte fornecida a autorização para posterior recolha da amostra.

De seguida, as entrevistas foram marcadas conforme a disponibilidade dos participantes e realizadas no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA- IU), de forma a garantir uma «conversa sem interrupções ou barulhos de fundo».

No final de todas as entrevistas foi sugerida a aplicação do T.A.T., revelando apenas que se tratavam de vários cartões/imagens a partir dos quais deveriam imaginar uma história (Shentoub & col., 1999). Foi esclarecido que a aplicação da prova era dissociável da entrevista e que, portanto, não era necessário que prosseguíssemos – inicialmente a aplicação do T.A.T. não seria alvo de análise. Todos os sujeitos concordaram com a aplicação da prova (Anexo B). Cada entrevista em conjunto com a aplicação dos 7 cartões do TAT tiveram a duração de uma hora e meia, aproximadamente.

III. Resultados

A compreensão de cada caso envolve a análise da entrevista e, separadamente, a análise do método projectivo TAT. Todas as análises foram realizadas segundo a orientação e supervisão do Professor Luís Delgado, nas quais a análise de conteúdo de cada entrevista seguiu a perspectiva psicodinâmica.

Caso Cristóvão

Análise da Entrevista do Caso Cristóvão:

Cristóvão tem 29 anos. Inicia a entrevista (Anexo C) focando-se e delineando cronologicamente as mudanças sentidas na infância. Anuncia que nasce em Portugal mas, desde os seus 30 dias vive em Angola, até aos 3 anos. Retorna em Portugal e aos 4 anos os pais divorciaram-se – a mãe bibliotecária e o pai “dono de uma empresa de estruturas metálicas e painéis solares. É a mais antiga da europa a fazer painéis solares. Tem sede em Portugal, Angola e Peru” (sic) – revelando o maior investimento e admiração pela figura paterna. Parece definir a sua imagem enquanto filho único (apesar da referência aos dois irmãos da parte do pai) que, mais explicitamente, vem associada a uma imagem de solidão tanto no meio intrafamiliar como no contexto extrafamiliar – “Não sei se foi por causa do divórcio ou não. Comecei a ler muito cedo (...) A partir dos 9 anos, comecei a ler livros um bocado mais pesados para a minha idade. Comecei a ler Voltaire, Kafka, Camus e Woody Allen” (sic); “Brincava muito sozinho. Fazia os meus mundos dentro da minha cabeça e as minhas histórias. Não tinha muitos amigos” (sic). Os autores a que faz referência são autores que, para além do característico sentido crítico, recorrem à ironia para abordar as temáticas das relações e da impotência humana. O mundo que cria parece colmatar a ausência de relações.

Como resolução da solidão sentida recorre à criatividade, ao investimento do mundo interno: “Sempre fui muito virado para um mundo que não existe, muito irreal, de criatividade (...) tentava sempre mudar as coisas em meu redor em coisas mais interessantes (...). Acrescenta, por recurso à denegação, a falta sentida – “Como estava tão fechado no meu mundo não pensava muito na falta (...) não foi muito difícil, até porque eu também tinha bastantes brinquedos, portanto dava para compensar”, fazendo notar a necessidade de investimento das relações objectais. Compreende-se que é por iniciativa própria que associa a criatividade à solidão - sabendo que só cria quem não

está satisfeito – esta é mais uma forma de demonstrar a sua insatisfação com o real. A criação constante e diária demonstra, assim, a capacidade de Cristóvão de, na sua forma positiva, se resgatar do sentimento de falta/solidão.

Revela carência de investimento no e do Outro e como consequência, a dificuldade na relação com o Outro – “a insegurança vem um bocado daí (infância), apesar da confiança aparente que toda a gente tem ideia, eu sou extremamente inseguro” (sic). Parece recorrer a barreiras defensivas e protectoras das fragilidades do Self. Com a mesma função defensiva, encontra o humor – “as primeiras coisas que eu fiz com piada eram maneiras de contornar *bullies*”. Acrescenta, explicando, que faz humor “porque a tal necessidade de aceitação, é uma maneira. Quando estás em palco estás sozinho. És só tu contra o mundo e o mundo aceita-te. Aquele bocadinho está-te a aceitar. O que é muito bom.” (sic). Evoca a necessidade de aceitação, de ser amado. Generaliza, atribuindo esta característica a todos os comediantes mas nem por isso a torna menos pessoal: “O meu vem de certeza dessa parte de não ter muitos amigos então querer agradar a toda a gente. Uma maneira disso é ir para o palco e fazer as pessoas rir” (sic). Na sequência da explicação do que o faz fazer humor, volta a generalizar. Refere que escreve humor porque cada pessoa é criativa à sua maneira, e que esta é a sua forma, simplesmente por se identificar a este tipo de escrita. Reenviando-nos para a identificação e impacto dos autores já referidos, determinantes para a sua forma de criatividade.

Como última razão descreve a necessidade de transmitir a sua mensagem – o que traz à tona, para além das dificuldades na relação já referidas, a necessidade de ser ouvido/reconhecido – “a comédia é a maneira mais fácil, como eu te disse, de passar uma mensagem” (sic). Quando o desejo não é realizado, o resultado é “uma mistura entre raiva porque não conseguiste fazer aquilo, aquela coisa resultar e ao mesmo tempo frustração quando sabes que o trabalho é bom e que não chegou é porque alguma coisa falhou e não consegues identificar” – ou seja, a frustração vem associada à impotência de não fazer rir, de não ser suficiente; enquanto a raiva vem associada à não-reciprocidade na relação.

O tema mais recorrente é passar uma mensagem crítica sobre a realidade externa – já que “o mundo caminha para um abismo horrível” e “como fico em depressão constante com aquilo que acontece à volta sinto necessidade de apresentar soluções e

então acabo sempre por ir ter à intervenção social em todos os meus sets” (sic). Neste último excerto, compreende-se a descentralização da realidade (“à volta”) e o sentimento de não-pertença que, simultaneamente, elícita a necessidade de pertença simbolizada pela procura de soluções para esta realidade. Uma vez encontradas a realidade insuficientemente boa estaria mais próxima do seu ideal, do seu imaginário, de si próprio.

Na compreensão da importância do riso surge, quase como substituto, a importância da escuta do público (“sentimento de missão cumprida” (sic)). O riso significaria a aceitação do Cristóvão nesta realidade, enquanto a atenção à mensagem/solução que está a ser transmitida confere a possibilidade de mudança nesta realidade. (“O mundo não devia ser assim” (sic)). Demonstra que a mudança que tanto almeja é também uma mudança interna – “Porque o mundo devia ser uma coisa simpática e agradável de se viver onde todos vivíamos felizes e bem. Apesar de... A vida é infelicidade atrás de infelicidade com pequenos períodos de felicidade” (sic). Isto é, a representação leviana do mundo em contraste com a representação depressiva do ciclo da vida suscita que a necessidade de mudança interna representaria a necessidade de transformar aquilo que o caracterizou, pela falta, a sua infância. A ênfase no pensamento e no lógico é a solução que encontra para este (seu) conflito – “Mas não tem de ser assim. E o caminho para não ser assim é pensar fora da caixa” (sic).

Seguidamente, contradiz-se e anula a possibilidade de solução do (seu) conflito, retomando-o: “A partir do momento em que pensas, és infeliz” (sic). Acrescenta: “Então criamos isto (sociedade) para nos distrairmos de um facto simples que nos deixa infelizes se nós pensarmos muito nele: Nós não sabemos porque é que aqui estamos e o que é que aqui estamos a fazer. Nunca vamos saber o sentido da vida e o nosso sentido pessoal. E isso é, obviamente, uma questão que nos deixa a todos infelizes de pensarmos e inseguros” (sic). A infelicidade surge no pensamento, através da impossibilidade de resposta humana, através da impotência e incerteza humana – o que nos reenvia para a anterior profissão do Cristóvão: Arqueólogo, na procura incessante da resposta a esta questão que tanto invade o fantasmático. Vencido pela sua condição humana, parece desistir e investir no humor como profissão. No entanto, a procura *re*-surge, desta vez pelo “bem” do Humor, procura “essas coisas que estão numa zona da tua cabeça, que o teu cérebro tira-as para não te foder a vida para sempre” (sic), assumindo agressividade em resposta à angústia.

O humor revela, para além da função de liberação pulsional, a função de reparação do Self (“faz-te combater um bocado os demónios” (sic)). Concluindo, o humor representa a possibilidade de reviver e transformar os traumas, Por conseguinte, compreender a, tão desejada e angústia, origem; permitindo, para além da reparação, a aceitação do próprio.

A crítica activa à sociedade desenvolve-se numa polarização, na qual de um lado está o pensar constante e a infelicidade permanente e, no outro polo, o não-pensar, a tendência à irracionalidade do ser que vem associada, ao invés da felicidade, a caricatura de concorrentes de *realityshows*. Com isto, põe-se em hipótese que a ambivalência na crítica ao não-pensar surge por formação reactiva ou como necessidade de inferiorizar o Outro para, como retorno, se poder narcisar a ele mesmo. São evocadas expressões como: “O mundo não devia ser assim” (sic) e “Eu sou muito assim e não pretendo mudar” (sic), nas quais encontramos latente o sentimento de não-pertença a par dos movimentos de desvalorização do Outro que vão possibilitando o narcisismo do seu próprio Self.

A utilidade do humor vem associada à aceitação, à defesa e à integração no grupo – “Se as pessoas riem não te chateiam; não te chateiam, não te põem a um canto” (sic) – proporcionando o investimento narcísico e a valorização do Self. A utilização do humor parece estender-se ao dia-a-dia – o que não implica, necessariamente, um Falso Self mas sim, através do humor, a liberdade para expressar o verdadeiro Self. O recurso ao humor no dia-a-dia não é reconhecido na sua forma defensiva por não existir o sentimento de ataque mas sim, como forma de catarse (“no meio de uma discussão com a minha namorada. Ela está a chorar e eu desmancho-me a rir porque me lembrei que aquela expressão ficava gira naquele sketch” (sic)). Apesar de negar o carácter defensivo do humor evoca duas componentes essenciais do humor que surge do mal-estar (ironia e agressividade).

Comparando-se, caracteriza-se descontraído e depressivo no dia-a-dia e, em cima do palco, mais tenso mas mais engraçado. Encontra, supomos, o equilíbrio no palco, pela transformação de depressividade em humor.

Análise do Protocolo de T.A.T. do Caso Cristóvão:

Cartão1: Após um tempo de latência inicial breve (5''), o sujeito recorre a precisões espaciais (A1-2). A continuidade do relato revela permitir o investimento na proposta de aceder ao imaginário pela introdução de personagens não figuradas na imagem (B1-2). Eleva-se o evitamento do conflito recorrendo a mecanismos de referênciação ao quotidiano e a afectos de circunstância (CF-2).

O conflito encenado no intrapsíquico revela, para além do desejo do infantil e da imaturidade funcional subjacente, o desapontamento e desilusão para com as figuras parentais demonstrando, assim, a insuficiência das mesmas e a carência afectiva. O conflito centra-se na impossibilidade de concretização do desejo pulsional.

Cartão 3BM: Após um tempo de latência prolongado (20''), surge a introdução de personagens não figuradas na imagem (B1-2) e uma representação de agressividade maciça (E2-3) nhjo seio da relação. Seguidamente, a invasão fantasmática leva a fabulações fora da imagem (E2-1) e conduz à evocação do mau objecto (E2-2) percebido como agressor. A emergência do processo primário é seguida pelo evitamento do conflito latente que o cartão sugere. Ou seja, em resposta à depressividade evoca a agressividade maciça. E quando a resposta emocional à agressividade evocada parece surgir (“a chorar”) surgem movimentos de sobre-investimento da realidade externa (CF-1 e CF-2). O comentário final revela a restrição do pensamento e, portanto, o evitamento da elaboração do conflito.

Em resposta à depressividade latente, mobiliza agressividade maciça sob forma de defesa do *Self* frágil e desnarcisado. Percebe-se a identificação à vítima, cuja relação de objecto é centrada na necessidade de investimento narcísico e no medo de rejeição. Apesar de aceder ao conflito, não chega a elaborá-lo pela intensidade da angústia.

Cartão 6BM: Após um tempo de latência longo, demonstra o acesso ao imaginário pela elaboração do conflito; apesar da hesitação entre diferentes interpretações (A3-1/ A3-2). Esta hesitação precede, para além do distanciamento, a desqualificação do papel materno, a desvalorização da competência do materno. Neste sujeito, este cartão reactiva uma carência primária de retorno narcísico. A figura materna é representada sem vida apesar de não estar morta, caracterizada através da diferenciação entre o dentro – sem movimentos relacionais ou emocionais - e o fora (CN-4) com vida. O

relato sugere que dentro de casa e/ou com o materno existe, somente, o vazio e o filho permanece, por consequência, também sem vida, esperando que algo aconteça dentro de casa – representa, assim, a falta/carência da função materna. Por meio da expressão crua de agressividade, retira qualquer valor ao materno - na medida em que a simbolização da morte traria mais vida do que o vazio em que se encontram, juntos. Este discurso evidência a carência emocional e a necessidade de investimento narcísico dos cartões anteriores, através da representação de uma figura materna que não vive nem dá vida. Após um silêncio (CI-3) elogia o cartão, reconhecendo, assim, a intensidade da representação-afecto/ fantasmática que foi suscitada.

Em paralelo, podemos pôr em hipótese, pelo latente interdito de aproximação latente e pelas costas voltadas ao filho, que a desvalorização, depreciação e agressividade dirigidas à figura materna tenham surgido, devido às anteriores falhas narcísicas, pelo receio de rejeição conduzindo a um movimento que se traduz em: «rejeitar para não ser rejeitado»

Cartão 7BM: Após um tempo de latência curto, a entrada na expressão surge a par das referências pessoais (CN-1) que, apesar do distanciamento (a proximidade pai-filho é substituída pela proximidade avô-neto), acede à problemática-chave num contexto de reticência do filho/neto, reconhecida pelo recurso à ironia (CM-3) na qualificação do poder/conhecimento/herança do avô. Os movimentos de oposição e de reticência à palavra do avô são representados, também, pela expressão crua na sua forma sexual e agressiva (E2-3).

Quanto à problemática, parece reenviar para uma relação onde o que é emocional carece e, como consequência, a energia pulsional surge de forma intacta. O masculino é possuidor da pulsão agressiva; enquanto o feminino, carecendo também de emoções, representa o vazio e o alvo das descargas agressivas e sexuais que o homem possui.

Cartão 13B: Após um tempo de latência curto, o relato denota o distanciamento do que evoca a imagem (CN-3), o que, ainda evitando o conflito, possibilita a introdução de personagens não figuradas na imagem (B1-2). Reconhece a solidão latente, explicativa da necessidade de introdução de personagens, sem evocar o seu impacto emocional – evita a elaboração do conflito por meio do sobre-investimento da realidade externa através da referência às acções do Outro e da banalização da falta (chuteiras) (CF-1).

A identificação ao “menino sentado” revela, para além da não-vida, a impossibilidade de interacção. Atribui esta impossibilidade a uma causa externa ao próprio que parece ser o símbolo da carência de investimento narcísico por parte das figuras parentais, mais especificamente – tal como o cartão solícita – a precaridade do símbolo materno, o que veste. Por conseguinte, a introdução de personagens na imagem perde a função de colmatar ou fugir à solidão sentida. Revelando que a sua representação de solidão se traduz em «estar sozinho mesmo quando acompanhado» - uma solidão massiva, que vai para além da solidão solicitada pelo cartão.

Por fim, após justificar a incapacidade funcional do “menino sentado” termina o relato sem a procura de uma solução do conflito, demonstrando o quão determinante e irresolúvel é esta condição de incompletude (que, como consequência, acarta a falta de ferramentas para se relacionar com o Outro).

Cartão 13MF: Após um tempo de latência muito curto, o relato desenvolve-se de uma forma evitante pelo acento posto à norma exterior (CF-1), com recurso à banalização, ao anonimato das personagens e à evocação do conflito sem justificação (CI-2).

A problemática põe à tona o recio do reconhecimento das falhas próprias por Outro, demonstrando que, para além de reconhecer as falhas narcísicas, tem uma atitude crítica/punitiva em relação às mesmas, suscitando assim o receio de rejeição.

Neste relato, compreende-se o acesso aos movimentos pulsionais libidinais e agressivos, assim como, a capacidade de os distinguir e ligar. O recurso à inibição e evitamento surgem pela angustia perante a relação Eu- Outro.

Cartão 16: Inicialmente, parece apegar-se à descrição do material (“folha em branco”). No entanto, a referência ao vazio elícita um estado emocional de terror (B2-4). Surgindo, a partir da evocação do vazio exterior, o vazio interno que tenta preencher sem sucesso homeostático por meio, precisamente, do investimento da realidade interna – intelectualização (A2-2). O recurso ao intelectual permitiria o apego à razão como sinónimo da não-emoção. No entanto, a ressonância fantasmática conduz ao retorno do tema mobilizado, pelo mecanismo da ruminação (A3-1) que, em sequencia, elícita, mais uma vez, a tentativa de preenchimento do vazio. Para além de reactivar movimentos entre o vazio interno e o preenchimento do vazio, este relato reenvia, de forma latente, para a insignificância humana – pela representação da, já, definida e pre-destinada

finitude - e, como consequência, a defesa – sentimento de onipotência. Representado através da ilimitada capacidade humana em criar.

Concluindo, tem capacidade de aceder à angústia mas, aquando é percebida, elícita movimentos defensivos que colmatem e reformulem a expressão emocional da angústia – sem função desentupidora, no sentido em que o valor angustiante *re-surge* – tornando-se um ciclo.

A sequência das problemáticas abordadas segundo a apresentação dos cartões parece esclarecer o modo de resposta à angústia. Despoletado pela impotência e pela carência como resultado da insuficiência afectiva presente no primeiro cartão, surgem sequencialmente a agressividade e o vazio. A carência afectiva leva ao sentimento de vazio interno e a resposta possível a esta angústia passa pela agressividade. Estas três problemáticas parecem ser as problemáticas centrais do sujeito. Em todos os cartões apresentados, o Cristóvão representa relações insuficientes a nível afectivo; perante uma relação, o feminino representa o vazio e a frieza emocional, enquanto o homem é representado pelo fogo que queima e a agressividade.

Caso Benjamim

Análise da Entrevista do Caso Benjamim

Inicia a entrevista (Anexo E) com a descrição dos projectos em que esteve envolvido, como se de um currículo se tratasse. Mostrando tendência a focar o discurso na sua credibilidade enquanto humorista. A solicitação ao pessoal em conjunto com a continuidade da linha de pensamento em que se encontrava resulta na evocação da utilidade do humor. Revela que: “a comédia é uma forma de (...) primeiro chutares para canto”. O humor permite o distanciamento do que é incomodo e elícita o bem-estar quando em relação.

Denota a necessidade de aceitação e a repercussão interna do julgamento do Outro. A possível exclusão do grupo parece ser fonte de angústia - “(no humor) não há essa pressão de dizer coisas válidas, percebes?!” (sic) - que só pode ser colmatada pela conquista do amor do Outro. Acrescenta a importância de notar, no concreto, a aceitação (“sempre gostei de fazer alterar a expressão da forma da cara da outra pessoa” (sic)). O humor no grupo é, primeiramente a forma de garantir a aceitação e, posteriormente, a forma de ser investido narcisicamente - “é uma forma de ser aquele rapaz do grupo que chama um bocado às atenções nas conversas” (sic); “porque acho que o humor, acima de tudo, também é uma forma de ser bonito” (sic).

A utilidade do humor é descrita sempre centrada na aceitação, validação e no reconhecimento do Outro: “Começas a fazer comédia para te integrares. Para as pessoas te darem ouvidos e acharem que aquilo que dizes, cada vez que abres a boca é interessante. Para ser mais bem aceite. Pá, eu acho que faço comédia para ser aceite mais facilmente nos grupos e com as raparigas, nas relações pessoais e depois porque é uma coisa que me dá prazer (...) quando acertas num pormenor giro num jantar de família, sentes-te bem com isso” (sic). Neste excerto sobressaem a necessidade de ser notado e aceite, assim como o riso do Outro, que é símbolo de que Benjamim é fonte de prazer e isso gera prazer também, possibilita ao Ego o retorno narcísico que foi investido. Parece estar na procura constante do investimento narcísico, uma vez que, desta forma, o Ego torna-se subitamente, como um balão, maior, mais forte e mais capaz.

O humor funciona como catalisador, na sua função económica de poupar afectos “sentimentos de raiva” “Toda a gente tem coisas que não conta a ninguém (...) isto depois é aqui uma bolha pesada e nós temos a vantagem em palco de dizer as coisas” (sic).

Ao descrever a sua forma de fazer humor, anuncia que “a partir do momento em que acontece alguma coisa dramática na minha vida, ou boa ou má, depois eu utilizo isso em palco” que nota serem as “partes mais fortes ao vivo. É das que as pessoas se riem mais” (sic). Revela: “quando me acontecem coisas más é daí que eu retiro a comédia toda” (sic). Deste modo, é importante distinguir que não é o escrever sobre “alguma coisa dramática” que revela a função reparadora do Self. Benjamin explicita que o Self é reparado pelo riso do Outro quando demonstra a necessidade do riso e das palmas – “às vezes quase que estou desejoso que me aconteçam coisas más para ter material para escrever” (sic). Não parece tratar-se da escrita como reparação do Self e/ou do objecto; não parece tratar-se do triunfo do Ego mas sim, com as palmas e o riso, da escrita humorística como meio de atingir a inflação do Ego, tornando-o exponencialmente maior.

O tema mais recorrente é categorizado por “pequenas questões grandes questões” (sic). Associa este tema recorrente - procura no quotidiano do que faz rir – ao tema presente em toda a entrevista, a vida social e a interacção com varias pessoas. O que parece tornar-se um ciclo, a “vida social” e o humor passam a confundir-se, onde a evocação de um envolve a evocação do outro.

Representando o palco como uma necessidade, afirma: “Há uma coisa que me acontece muito. Se eu fico muito tempo sem ter um espectáculo... por acaso fiquei 2, 3 semanas sem actuar, comecei a entrar numa espiral depressiva” (sic). Com isto, compreendemos que não é ao processo criativo humorístico que Benjamin dá enfase. É sim, ao ouvir o riso do Outro que surge o bem-estar. A fragilidade narcísica denuncia a necessidade de aceitação e a real demonstração da aceitação do Outro (desde a mudança na expressão facial às palmas), caso contrário leva a tendências depressivas. As palmas e o riso funcionam como alimento ao Ego – “o espectáculo é isso, quando corre bem estás no auge” (sic). Quando o reforço externo é possível, o seu narcisismo é temporariamente restaurado “Não estava muito confiante e as pessoas riam-se. Eu saí de lá bem. Com uma auto-estima porreira” (sic). O Outro representa o objecto de apoio. No

próprio processo criativo descreve como mais fácil escrever em dupla, no sentido em que, com o Outro, a validação imediata é possível.

Quando não tem esse alimento o Ego parece tornar-se mais frágil – “Muitas vezes nós também entramos em momentos depressivos porque estamos numa série de actuações que correram mal” (sic). Como o objecto interno não é securizante precisa do reforço externo, caso contrário confronta-se com as falhas narcísicas, chegando a questionar o que antes eram certezas – “Nós vivemos da opinião dos outros” (sic) – e a necessidade de reforço externo surge demonstrada em forma de clivagens (e.g: “Ou tens piada ou não tens graça nenhuma. E isso é uma angústia do caraças” (sic)). A própria forma como vê o humor revela a fraca capacidade securizante dos objectos internos – “Tu vales aquilo que tu és no último momento” (sic).

As generalizações estão presentes ao longo de toda a entrevista, demarcando tanto a pouca confiança como a necessidade de validação. É no encontro com um semelhante que existe a possibilidade de ser. Ou seja, existe através do Outro – aproximando-se do conceito de relação especular.

Concluindo, o Benjamin, tentando fugir ao julgamento dos outros, razão pela qual o humor é útil, retorna ao peso e impacto desta problemática – evocando a necessidade de aceitação, de ser narcisado quando num palco. Assim, o humor como mecanismo defensivo apenas tem função de desimpedimento aquando o Outro valida e, portanto, ri. Neste caso, é necessário o Outro que valida para completar o processo humorístico.

Análise do Protocolo T.A.T. do Caso Benjamin

Cartão 1: O início do relato suscita, desde logo, procedimentos de investimento narcísico, centrando-se em detalhes narcísicos representados no seu valor negativo (CN-2) e nas experiências passadas do sujeito (CN-1), avocando a identificação com a personagem figurada. O que, identificando-se, elícita o recurso à ironia e ao humor (CM-3) e, num registo mais lábil, representações contrastadas (B2-3) às quais atribui, separadamente, valência positiva e negativa (CN-2). Pela insistência da representação negativa da personagem figurada, surge a descrição de detalhes sem justificação (A1-1). O relato retoma-se nos detalhes narcísicos (CN-2). De uma forma geral, o relato centra-

se, de uma forma rígida, na ruminação (A3-1) e evitando o conflito, no investimento narcísico (CN-2).

A impossibilidade de tocar o objecto adulto não é colocada como temporária, mas sim, permanente. A idealização negativa do Self leva a que o sujeito incapacite a personagem de qualquer aptidão relacional ou intelectual e a que evidencie as suas falhas narcísicas.

Cartão 3BM: Após um tempo de latência curto, identifica a personagem e define-a pelas características femininas (A1-1; A1-2). Seguidamente, surge a introdução de personagens não figuradas na imagem (B1-2) e pelo investimento, surge a identificação do mau objecto (E2-2). A massividade projectiva leva à expressão crua de agressividade (E2-3). No entanto, a percepção da invasão fantasmática restringe o discurso (CI-1) evocando um comentário pessoal (CN-1). O relato prossegue respeitando o decurso do pensamento e dando continuidade à expressão crua da agressividade (E2-3) procurando, por meio do humor, a intencionalidade da imagem (E2-2).

A identificação do feminino na imagem parece ser uma forma de se distanciar da identificação com a figura depressiva, no sentido em que o feminino de cabelo curto é reconhecido com necessidade de ser justificado. A reactivação da posição depressiva leva à mobilização da agressividade. Sem nunca expressar a resposta emocional da figura agredida, compreende-se a dificuldade de elaboração do conflito e uma idealização negativa do Self.

Cartão 6BM: Inicia o relato com um comentário pessoal (CN-1) que demonstra a ressonância fantasmática provocada pela imagem. O relato é iniciado com a entrada directa na expressão (B2-1) que é seguida pelo investimento da relação (→ B1-1), na qual surge, pela introdução de personagens (B1-2), a relação especular (CN-5). Emerge, em associação ao tema de morte, o investimento narcísico pela representação negativa (CN-2) do Outro/de Si (CM-2). O procedimento anti-depressivo anterior dá conta do reconhecimento do conteúdo latente o que gera o isolamento entre representação e afecto (A3-4) e a descrição de detalhes sem justificação da interpretação (A1-1), impedindo, de forma rígida, a continuidade da história e a sua ressonância.

A proximidade mãe-filho num contexto de mal-estar é evocada mas a sua elaboração não é representada. Em substituição do comum luto do pai, surge o luto do irmão gémeo, representando os fantasmas de realização incestuosa.

Cartão 7BM: Inicia o relato com um comentário, desta vez, demonstrativo da inibição (CI-1). O relato recorre à intelectualização (A2-2), ao isolamento entre a representação e o afecto (A3-4). Mobiliza o investimento da relação pela introdução de personagens não figuradas (B1-2), seguida de uma encenação interpessoal que mobiliza a função de apoio do objecto (CM-1) e o acento nessa relação (B1-1) que gera a introdução de personagens (B1-2) e a representação do objecto na sua forma negativa (CN-2), numa tentativa de retirar o peso da representação negativa atribuída ao feminino, recorre, enquanto a pronuncia, à “piscadela de olho” (CM-3).

A problemática centra-se na perda de amor do objecto. Como elaboração da angústia, mobiliza, enquanto defesa, o Outro com a função de apoio. O detrimento do feminino revela, para além da idealização do masculino, a rivalidade com o feminino, reenviando para a problemática edipiana.

Cartão 13MF: Após a entrada directa na expressão (B2-1). Evidenciando a angústia sentida: surge a introdução de personagens não figuradas (B1-2), labilidade nas identificações (B3-3). E neste investimento mobiliza, com necessidade, referências à realidade externa, centrando-se em detalhes sem justificação da interpretação (A1-1). O impacto fantasmático sobre a relação mobiliza a formação reactiva (A3-3), a ruminação (A3-1). Procede de modo evitante investido no quotidiano (Cf-1) e investindo em detalhes narcísicos (CN-2) de valência positiva para o masculino e, com recurso ao humor (CM-3), à subentendida valência negativa do feminino (CN-2).

A reactivação pulsional determina movimentos de inibição tornando-se, restritamente, focado no factual. Fuga à problemática pulsional latente do cartão. Distancia a relação e os conteúdos pulsionais por recurso à intelectualização.

Cartão 13B: O início do relato, numa tentativa de descrição, revela uma tendência geral à restrição (CI-1) a par do apelo ao clínico (CM-1). O afecto de tristeza ligado à solidão não é elaborado e surgem personagens não figuradas (B1-2) acentuando a não elaboração da posição depressiva. Investe no quotidiano (CF-1). O investimento de valência positiva na personagem figurada e o investimento de valência negativa na

personagem não figurada revela instabilidade das identificações (CM-2), que leva ao isolamento entre representações (A3-4). Perante a representação negativa do objecto são mobilizados afectos fortes (B2-2) e positivos, por meio da formação reactiva (A3-3). O relato mobiliza procedimentos anti-depressivos pelo apelo à caricatura e ao jogo e de tendência à restrição (CI-1) de forma a evitar o conflito.

Os procedimentos anti-depressivos utilizados em conjunto com a tentativa de introdução de personagens assinalam o reconhecimento da solidão, cuja elaboração fracassa pela angústia que acarreta. Constatando a fuga à depressividade, a problemática é remetida para a representação de si perante o grupo. Alternando nas identificações, ambas sugerem a não-integração no grupo.

Cartão 16:

O discurso colocando a imagem em quadro (CN-3) que se segue por hesitações no discurso (A3-1). Apele ao clinico (CM-1). Surge a idealização da representação de Si na sua forma positiva (CN-2) que precede a ruminação (A3-1).

A história coloca, inicialmente, em evidência a impossibilidade de retirar prazer da vida. Acentua o desejo de onipotência em contraposto ao sentimento de insuficiência quando deparado com a realidade. O que parece conduzir a que a evocação do tema da morte do próprio surja associada a um desejo – pela impossibilidade de retirar prazer, pelo seu estado depressivo. A elaboração da problemática depressiva surge, neste cartão, evidenciando a depressividade e a fuga desse sentir quando em relação (pelo evitamento dos cartões anteriores) ou quando estimulado pelo externo o que conduz à hipótese de um Falso *Self* quando em relação – demonstrando a necessidade de lutar contra uma imagem de si frágil e negativa – e a representação do verdadeiro *Self* como impossível de ser suficiente – evidenciando as falhas e carências narcísicas.

Caso Pedroso

Análise da Entrevista do Caso Pedroso

Considerando o caso do Pedroso (Anexo E), inicialmente, faz recurso a referências espaciais e a descrições factuais. No primeiro contacto é defensivo. No entanto, parece realçar a importância do “núcleo” (sic) e a par das mudanças que o afastaram.

Surge, quando abordado o tema da família, uma crítica à figura materna – “A minha mãe é muito mãe galinha. Eu sou filho único. É super mãe galinha e só não é mais porque eu a impeço de ser mais” (sic). A figura materna é representada como invasiva o que elícita sentimentos de raiva; por outro lado, o paterno é “desligado” (sic), não tendo força suficiente para impedir que a figura materna domine a psique. A relação com as figuras parentais impele ao distanciamento, ao pouco investimento emocional, investindo, antes, nos limites da relação – “São pais, ponto final” (sic).

Referindo-se à mudança de país (Londres), permite o primeiro acesso ao emocional (“muito assustador” (sic)) que, rapidamente, inibe e volta a limitar (“um bocado assustador” (sic)). Prossegue, inibindo - “E foi... acabou por ser fácil” (sic) - e racionalizando, associando o sentimento assustador à capacidade de aprendizagem. Em Londres, aos 8 anos, parece assumir a função das figuras parentais, parece assumir a função de contenção (“os meus pais precisavam de ajuda e eu ajudava-os pronto” (sic)). Pela hesitação, compreendemos que assume a função de quem toma decisões: “Eu voltei... Nós voltamos a viver” (sic); “eu meti-me... os meus pais meteram-me numa escola” (sic), Inibindo o afecto, suscita mecanismos como negação e formação negativa, numa tentativa de, mais uma vez, retirar a carga emocional dolorosa.

Persiste na limitação da ressonância emocional pelo recurso a referências factuais, à descrição. O isolamento e a minimização de afectos são, frequentemente, mobilizados. Quando permite a ressonância emocional recorre à racionalização. Estes mecanismos perante o que é emocional evocam a incapacidade de contenção dos pais, e simultaneamente a necessidade do Pedroso conter os pais (em Londres) levando, assim a que a capacidade de elaborar e exteriorizar, levemente, a emoção não seja possível.

A experiência passada de bullying – tratando-se de um ataque à socialização- e o investimento na profissão de professor de línguas (português e inglês) a crianças (sendo

o professor é o detentor do poder, reparando ou numa tentativa de reparação de inverter a sua experiência na escola) fazem crer que o humor é uma ponte para a relação com o Outro.

Refere que o humor enquanto profissão surge de uma forma não-planeada nem prevista, começa a fazer chamadas para um programa, do qual, até então, era simplesmente espectador. O humor ocupou, assim, um espaço de preenchimento da solidão – “por iniciativa minha, estava em casa, não tinha nada para fazer. Um dia decidi ligar para lá com um sotaque ucraniano” (sic). O sotaque ucraniano sugere a criação de um Self que permite a comunicação, sem se comprometer e identificar. Acrescenta que: “disse-me que tinha gostado da minha interacção e que um dia iria ligar para nós trabalharmos juntos. E eu disse: «Claro. isso nunca vai acontecer. Ele deve dizer isso a 50 pessoas diferentes»” (sic). A comunicação e o humor remetem, assim, para a necessidade de relação/interacção com o Outro e, simultaneamente, evidência a crença de que o seu lugar perante o Outro não é significativo.

O B (personagem pela qual se inicia no humor) exerce, defensivamente, a sua função de máscara e barreira na relação Eu-Outro. No entanto, depois de se apresentar através de um Outro e de estabelecida a devida comunicação e relação é possível «tirar a máscara» e apresentar o verdadeiro *Self* – “chegou uma altura em que eu comecei a desligar mesmo e a envergar só pelo *Pedroso*. Pronto” (sic). No entanto, a possibilidade de o Outro não o aceitar permanece - “o stand-up é sempre um processo de tentativa-erro” (sic).

Ao longo da entrevista evidência vontade de se mostrar ao Outro “sintam que sou mesmo eu que estou de cima daquele palco, não é apenas um personagem vá” (sic). O palco serve como aparelho psíquico colectivo que ajuda a conter e perlaborar as histórias da sua vida que vão acontecendo – notada pela reconstrução dos textos, na sua forma integral, como se o próprio se reconstruísse neste processo. Evidência a necessidade de se reinventar, pela função reparadora da partilha e aceitação do outro, “no stand-up eu faço ciclos de textos de um ano e meio, dois anos já é muito. E ao fim disso, esse texto vai para o lixo. E texto completamente novo” (sic).

O tipo de humor e os temas que aborda encontram-se, directamente, relacionados com a utilidade do mesmo. Os temas a que recorre são temas sensíveis, que facilmente incomodam o Outro. Acrescenta: “Quero-me afastar cada vez mais do

riso fácil” pois o riso fácil é representado por algo impessoal; isto é, fazer piadas com celebridades e usar anedotas é tido como fácil. O desafio é essencial pela vontade em aprofundar (as relações).

O humor, servindo como ponte de relação, permite que o assunto seja o próprio, que se explique e se apresente através da personagem: “Eu gosto de ver comediantes em palco que eu sinta que estão a falar sobre eles. Que aquilo que eles estão a contar é verdade” (sic).

Esclarece, tornando mais nítida a questão da aceitação do Outro, fazendo um paralelismo entre o stand-up e um monólogo de teatro – “o stand-up não tem nada que ver com teatro” (sic) - porque o humor está relacionado com a interacção e com o mostrar ao Outro o Verdadeiro Self, mesmo que abrigado por um escudo (a personagem). Enquanto os monólogos de teatro consistem em representar sem desejar nada em troca, o stand-up, neste caso, é exactamente o oposto - mostrar o que é do próprio com uma máscara e, aproveitando a oportunidade, interagir com o Outro.

Revela: “Eu gosto muito de escrever mas gosto de muito mais de estar no palco (...) Em cima do palco tens uma reacção... e tu consegues ver na cara das pessoas se estão a gostar ou não estão a gostar” (sic) - o que remete para a aceitação do Outro. Sabendo que, no palco, está uma “personagem” (sic), está a mostrar-se ao outro através de uma máscara, para que, se esse outro não o aceitar, está protegido pela máscara. Como consequência e valorização da honestidade na relação, surge a culpabilidade sentida pela contradição da necessidade de contar a história dele e, simultaneamente a necessidade de se defender do Outro; remetendo para a onipotência infantil de que não depende de um terceiro, contrapondo a importância que reconhece ao público pela interacção durante os espectáculos. Colocamos a hipótese de se tratar de uma formação reactiva à dependência do Outro que estará relacionado com a experiência de uma mãe que invade e se junta.

Sobre a relação com o Outro, ressalta a fidelidade e honestidade. Mobiliza o Outro com função de apoio e de contentor da agressividade – como um por em prova – para garantir a possibilidade de mostrar o verdadeiro Self, cuja relação valoriza a fidelidade e honestidade (pela caracterização de amigos desde a infância e a evocação de um público seu e específico) - “estás a apanhar essas pessoas também” (sic). Numa procura da idealização e da veneração, garantindo, assim, uma relação não abandonica.

A utilidade do humor prende-se à ideia de que «quem tem o humor detém o poder». É uma forma de dominar o outro. Através do humor consegue sublimar a agressividade. Coloca-se a hipótese, devido às experiências passadas de bullying, a identificação ao agressor sublimada – “Dá-me particular gozo meter-me com essas, sim. Porque... Sei lá, Gosto de as tirar da zona de conforto” (sic); “O facto de tu saberes que és capaz de o destruir também dá-te maior à vontade” (sic). Sob forma de denegação, surge a identificação ao agressor sublimada: “Não quero fazer a pessoa sentir-se mal mas estou ali a brincar com ela” (sic). O Outro tem a função de receber e conter a agressividade: “Às vezes gosto mais de ouvir um *ishhh* que uma boa gargalhada” (sic); “Se a pessoa me responder do outro lado e começar também a entrar naquilo ou a gozar comigo óptimo. Se calhar está ali um amigo” (sic). Remete para o impacto que tem no Outro e o prazer sentido quando provoca mal-estar, assim como a contenção da agressividade que desencadeia e possibilita a relação.

Quando o Outro não contém, ou seja, não cumpre a sua função, mobiliza mecanismos defensivos de formação reactiva perante a relação, crença de que não depende do Outro – “Fico frustrado mas comigo mesmo” (sic) – assim, não pode frustrar o Outro porque ele é que tem que ter o poder de contenção (transmitido pela Parentalização do filho). Nesta lógica, se permite o poder ao Outro, o Outro poderá fazer dele o que quiser, ficaria dependente. Pelo humor, permite que a raiva flua, exteriorizando. O humor simboliza o poder, a capacidade de destruir o Outro e destruindo-o, para além de ter mais poder, não se submete à destruição do Outro – inerente ao perigo da relação.

Por fim, concluímos que é por meio do humor que a circulação da agressividade na relação é possível. A necessidade de uma “personagem” surge como um capacete ou escudo para se defender do ataque. Mas somente como defesa em caso de retaliação. O humor é a possibilidade do Pedroso se expor e contar a sua verdade em palco, que elicia uma identificação ao agressor.

Análise do Protocolo T.A.T do Caso Pedroso

Cartão 1: inicia o relato, após um tempo de latencia curto, mobilizando precaução verbal (A3-1) o evitamento do conflito por meio de referências pessoais (CN-1) ao que acrescenta

uma representação de si de valência negativa (CN-2). Perante a representação de impotência recorre ao humor (CM-3) e à minimização do afecto evocado (A3-4).

A problemática latente no cartão é elaborada através das referências pessoais. Perante a impotência e a desvalorização narcísica recorre ao humor, como salvação perante a angústia, e triunfa perante a impotência. O relato evoca é, de forma narcísica, auto-centrado e revela as dificuldades no manuseamento do objecto adulto

Cartão 3BM: Após um tempo de latência curto, mobiliza referências sociais (A1-2; A1-3) e o sobre-investimento da realidade externa (CF-1; CF-2). Mobiliza precisões temporais e espaciais (A1-3) e a denegação (A2-3) recusando a possibilidade de aceder ao fantasmático e permanecendo no anonimato da personagem (CI-2). A história termina numa descrição do quadro (CN-3).

A denegação denuncia a inibição e rigidez do curso de pensamento. A problemática é totalmente distanciada de forma a impedir a identificação com o conteúdo latente do cartão. Recorre a um contexto lúdico (evocando o humor e a sátira) para colmatar a ressonância da problemática depressiva – evidenciando a dificuldade de confrontação com a depressividade.

Cartão 6BM: A entrada na expressão mobiliza precauções verbais (A3-1) e, numa tentativa de inibir o afecto, o isolamento entre representação e afecto (A3-4). Recorre à precaução verbal (A3-1) e o discurso mobiliza o isolamento entre representações (A3-4) e ao anonimato das personagens (CI-2). A dúvida e a precaução (A3-1) persistem perante a relação e surge a expressão de afectos (B1-3). Permitido o acesso ao latente, substitui a elaboração da narrativa pelo recurso ao humor (CM-3).

O conteúdo latente não elaborado do cartão anterior (percepção da arma) parece perserverar neste cartão. O foco relacional está associado ao medo e à agressividade. A relação mãe-filho evoca retraimento e inibição, evidenciando o mal-estar na relação mãe-filho como defesa à proximidade. O humor surge como fuga à problemática evocada.

Cartão 7BM: Iniciando a história, mobiliza o investimento narcísico por meio da centração de detalhes raros (EI-2). São evocados detalhes narcísicos da valência positiva (CN-3) com tendência à ruminação (A3-1). Prossegue representando detalhes narcísicos de valência negativa (CN-3). A elaboração do conflito é substituída pelo recurso ao humor (CM-3) e à ridicularização do Outro que parecem permitir o investimento da relação, pondo em diálogo (B1-1). O relato termina, com uma tentativa de anulação (A3-2).

A reactivação da problemática edipiana surge num cenário de agressividade e rivalidade. Evoca a noção de imaturidade funcional de uma das personagens. A diferença de poder representando detalhes que elicitam falhas narcísicas. A problemática da castração centra-se no «ter» e «não-ter» o falo, acentuando que quem é castrado é alvo do riso do outro, é desdenhado. A identificação com a figura falica reenvia para a carencia do investimento da figura paterna e a relação de inferioridade perante a mesma.

Cartão 13B: A tendência à recusa (CI-1) é determinada pelo silêncio e pelo comentário inicial. A restrição permanece e mobiliza o humor (CM-3) permitindo a expressão da pulsão agressiva (A2-3). As referências e precisões temporais e espaciais (A1-3) distanciam a problemática (CN-3) o que permite o investimento (B1-1). Termina o relato recorrendo a referências sociais (A1-3).

A problemática latente não é elaborada, apesar de reconhecida. Representa, tal como no cartão 7BM, a dinâmica relacional Agressor-Agredido o que remete para uma fixação na fase anal do desenvolvimento psicosssexual. Perante a angústia e a agressividade recorre ao humor atribuindo-lhe a função de liberação da agressividade. O distanciamento é necessário na mesma medida em que é necessária uma «personagem» em palco.

Cartão 13MF: A entrada directa na expressão (B2-1) precede a tendência a pôr em diálogo (B1-2). Pelo recurso ao humor (CM-3), justifica a problemática agressiva e sexual evocada (E2-3).

O conteúdo sexual e agressivo latentes no cartão elicitam, imediatamente, o recurso ao humor como forma de poder expressar. A relação Agressor-Agredido volta a surgir, desta vez numa relação heterossexual. Cujas evocações evidenciam a íntima relação entre as pulsões agressivas e sexuais. O gozo e a sexualidade são fontes de prazer porque ambas permitem a expressão de agressividade.

Cartão 16: O relato centra-se no modo rígido e evitante, centrado na intelectualização (A2-2).

A problemática reenvia para o recurso ao humor enquanto possibilidade de evitar o conflito, permitindo uma compreensão precária sobre a forma como estrutura e se relaciona com o Objecto.

Caso Ângelo

Análise da Entrevista do Caso Ângelo

Relativamente à entrevista do Ângelo (Anexo F), este assinala, desde logo, uma experiência de vida que se pode dividir em duas, apesar das mudanças geográficas assinaladas serem em maior numero. A primeira, vivida no Porto aquando a mudança de escola, é caracterizada por dificuldades em socializar e interagir -“o tão proclamado bulliynng aconteceu-me” (sic). Denota as fragilidades e a necessidade de um Outro “Era um alien. Estava sozinho. Não tinha ninguém” (sic). Nota-se a descoberta do humor perante estas fragilidades, que é definido como uma “arma brutal de arremesso” (sic) com a função de defender, atacar e seduzir. O que conduz à segunda fase: Vivida em Lisboa como se de um recomeço se tratasse. Surge o investimento no humor. Em Lisboa, o Outro não conhece nem reconhece as suas fragilidades narcísicas – estão resguardadas pelo humor.

Na relação com o Outro, Ângelo diz-se “desapegado” (sic), parecendo este padrão relacional ter sido originad na infância. Colocando a hipótese de que a necessidade de afirmação de desapego e liberdade advenham da necessidade do investimento do e no Outro - a palavra «desapegado», por si mesma, revela a denegação. A forte necessidade do Outro, a par da rejeição outrora sentida, levam-no a distanciar-se por forma a evitar quaisquer riscos e danos assciados à proximidade.

Sobre a relação familiar, recorre à minimização de afectos e à banalização da relação. A rivalidade com a figura paterna sentida como demasiadamente esmagadora, leva à ruptura do investimento na relação e à necessidade de sobrevalorização do intelectuo como forma de insuflar o *Self* - “fez com que eu desde os 13 anos deixasse pura e simplesmente de comer à mesa (...) via o telejornal que eu gostava de ver e sabia que me fazia bem para ter informação para a minha cabeça e ser melhor que os outros a esse nível” (sic). Assim, o investimento no que é intelectual é também uma forma de colmatar a ausência relacional.

As dificuldades com o paterno parecem estar na base das suas dificuldades de comunicação. Surgiu também uma identificação negativa em relação à figura paterna que elicitou a identificação a uma outra figura masculina (“Normalmente pode ser a projecção do teu pai. Eu era a projecção do Miguel Eseves Cardoso” (sic)).

Assim compreende-se a importância da comunicação para o Ângelo, que se nota presente, de forma transversal, em toda a entrevista. O humor parece ser a fórmula para cativar o Outro e seduzindo, é possível comunicar e relacionar-se (“só faz sentido eu escrever algo se perceber que posso partilhar” (sic); “Não tem sentido eu falar sozinho” (sic)). Neste movimento, compreende-se o Outro como imprescindível. Parece transparecer que sem o Outro perde-se o sentido da vida e da própria existência (“De que é que importa ires comprar alguma coisa espetacular para comer se depois não tens de dividir aquele prazer com alguém?” (sic)).

Por outro lado, este Outro que tanto é imprescindível surge, quando colocado no lugar de público, como algo ameaçador - “Tipo os forcados quando vão para a arena (...) tenho que pegar o touro pelos cornos e o touro ali é o público (...) entendo o público como faço em relação ao mar e à minha mota que é: sei que são dois prazeres incríveis mas que são temíveis, que nos podem levar à destruição (...) podes morrer na praia” (sic). O público é colocado portanto numa posição de extremo poder, no sentido em que pode aniquilá-lo, cabendo ao Ângelo dominá-lo através da sedução e conquista por forma a impedir esta destruição. O Triunfo do Ego parece estar presente quer no humor, em que dominando se torna o detentor do poder, quer em relação a outras atividades prazerosas em que existe risco de aniquilação. No entanto e devido às fragilidades narcísicas acima mencionadas, surge o conflito entre querer relação versus retraimento libidinal, por medo da rejeição, da destruição. Ou seja, ao mesmo tempo que o Outro é desejado é também temido.

Para o Ângelo o humor não é usado para fazer rir o Outro mas sim como uma ferramenta que permite dominar aquele que *a priori* o poderá destruir. É através do humor que surge a possibilidade de finalmente se sentir capaz de rivalizar, ao contrario do acontecera na infância em que se retirava física e emocionalmente (“quando percebes que não estás a ter piada... a vontade é imediatamente saíres do palco” (sic)). Através do humor e desta medição de força/poder consegue colocar-se a si no mesmo patamar que o Outro (ou o pai) e assim estabelecer a tão desejada comunicação (“poder falar de coisas sérias” (sic)).

Sobre o tema mais recorrente - o amor – realça necessidade de se rever numa relação profunda de reciprocidade, numa relação compensadora; e seguidamente, ainda em prol da relação, realça a importância dada pelo Outro a esta temática: “as pessoas

adoram ler-me quando escrevo sobre ele” (sic). É precisamente o emocional que tanto tenta inibir que surge como o tema mais recorrente, demonstrando assim, a sublimação da temática. É por meio da racionalização (“analista do amor” (sic)) e do humor que surge o emocional. Assim compreendemos que a racionalização, assim como o humor, é uma forma de tentar alcançar a satisfação pulsional; não sendo possível surge o investimento no pensamento, na racionalização – surge a sublimação.

Por sua vez, o humor como forma de sublimação e como possibilidade de catarse surge pela expressão “Estás num dia mau até tens um humor melhor, mais ácido, mais consistente (...) E é surpreendente (...) Pode ter a ver com o esforço suplementar (...) faz com que estejas mais atento e mais obstinado em te salvares disso, não é?” (sic).

A utilidade do humor aparece associada à necessidade de se defender “da vida e das fragilidades (...) a nível de timidez” (sic). Acrescenta, explicitando a utilidade: “Quando percebi que as pessoas adoravam outras pessoas que as fizessem rir e as vantagens de fazeres rir uma pessoa são imensas. Sobretudo do sexo feminino” (sic) – reenvia-nos, assim, para as fragilidades e falhas na relação; o humor possibilita o investimento do Outro.

O humor representa uma forma de seduzir e cativar o Outro, por palavras do próprio: “Eu acho que para passares uma mensagem (...) as minhas analogias são sempre mundanas (...) nunca faço uma coisa demasiado densa, caso contrário as pessoas possivelmente não irão entender e brincar sempre com isso” (sic); “Não é propriamente pelos meus olhos castanhos que quiseram (...) Não são por aí que elas vão. Acho que depois poderão ver isso, estás a ver, mas o que cativa é o humor” (sic).

Análise do Protocolo T.A.T. do Caso Ângelo

Cartão 1: Inicia o relato apresentando um afecto-título (CN-3). Mobiliza referências ao senso comum (A1-3) e mantém os motivos dos conflitos não-precisados (CI-2) de forma a inibir a elaboração do conflito. Prossegue o relato com recurso às referências sociais (A1-3) e termina-o minimizando o afecto (A3-4) subentendido na problemática.

A problemática reenvia, ao invés do desejo do objecto fálico, para o desejo do objecto materno e criativo (moda). Demonstra afastar-se da identificação positiva com a imagem paterna.

Cartão 3BM: Após um tempo de latência curto, mobiliza referências pessoais (CN-1) a par do recurso ao afecto-título (CN-3) e a consequente expressão de afectos (B1-3). O discurso prossegue com hesitações e precauções verbais (A3-1) que precede a minimização de afectos (A3-4). O relato permanece, de forma a evitante, na imprecisão do conflito (CI-2).

A problemática latente é captada, mas, por meio da inibição, não chega a ser elaborada. A forma como evoca a problemática reenvia para a identificação com o feminino.

Cartão 6BM: O relato é iniciado com precauções verbais (A3-1) e, distanciando, recorre à imobilização do fantasmático num quadro (CN-3). Após o reconhecimento do conflito surgem precauções verbais (A3-1) associadas à imprecisão do conflito e ao anonimato das personagens (CI-2). O relato mobiliza os mesmos procedimentos (A3-1, CI-2) numa tendência à ruminação (A3-1). Impede a continuação do relato após a inimização de afectos (A3-4).

Dá conta da possibilidade de evocar a ausência e a perda; todavia a impossibilidade de precisar o conflito, numa tendência à banalização pela angústia suscitada não permite a sua elaboração da perda. A problemática latente no cartão reenvia para que a proximidade mãe-filho tenha como base a identificação com o feminino, tal como foi suscitado no cartão 1.

Cartão 7BM: As precauções verbais (A3-1) precedem a evocação da problemática que leva à mobilização da imprecisão e banalização dos conflitos (CI-2). Recorre ao isolamento entre representação e afecto (A3-4) e, elaborando a problemática, evoca a função de apoio do objecto (CM-1). A imprecisão do conflito é perseverada (CI-2).

Apesar da aparente relação satisfatória pai-filho, a postura do filho perante o conflito (“alheamento”) reenvia para o distanciamento perante o pai e a insatisfação perante a relação.

Cartão 13B: Surge o acento posto no quotidiano (CF-1) e a dúvida perante a imagem (A3-1). De forma a evitar o conflito, investe na realidade externa por recurso ao senso-comum (A1-3) e à inimização da representação-afecto (A3-4). O relato é demarcado pela tendência geral à recusa (CI-1).

Perante a problemática da solidão, evoca a inibição do pensamento como proteção da invasão da angústia no fantasmático. Deixa transparecer esse não-pensar para o cartão, notando a identificação com a personagem, apesar da não elaboração.

Cartão 13MF: A ressonância fantasmática suscitada pelo cartão mobiliza o procedimento de pôr em quadro (CN-3). O relato é prosseguido com precauções verbais e dúvidas na interpretação (A3-1). Recorre à clivagem (CL-4) de forma a inibir o conflito evocado pela imagem. O relato é continuado por precauções verbais (A3-1) e numa tendência ao anonimato da personagem (CI-2) masculina, banaliza, centrando-se no quotidiano (CF-1). Emerge uma outra interpretação (A3-1) – a clivagem na sua valência negativa – que mobiliza a evocação do mau objecto (E2-2) com recurso à expressão de afectos (B1-3) e, retornando à inibição, surge a descrição de detalhes justificando a interpretação precedente (A1-1). Surgem a dúvida e as precauções verbais (A3-1) com recurso ao senso comum (A1-3). O relato termina numa tentativa de reparar a invasão fantasmática precedente com recurso a referências culturais (A1-4) à hesitação entre interpretações diferentes (A3-1)

A problemática evocada sugere o reconhecimento das pulsões libidinais e agressivas perante o casal heterossexual. A integração das pulsões na dimensão relacional aparece de forma clivada, o que remete para a dificuldade em lidar com as pulsões agressivas. No entanto, a culpabilidade perante a externalização da agressividade demonstra a capacidade de ligação dos movimentos agressivos e libidinais

Cartão 16: Inicia o discurso descrevendo o cartão e inibindo o fantasmático. Surge o recurso ao humor (CM-3) o que leva a uma tendência a pôr em dialogo (B1-1). Prossegue o relato inibindo o fantasmático com recurso a referências a normas exteriores (CF-2), mobiliza referências pessoais (CN-1) e, termina, evocando referências ao senso-comum (A1-3).

O recurso ao humor coloca a hipótese de um Falso Self e, simultaneamente, revela a necessidade de preencher e de pôr em relação perante o vazio, defendendo-se, assim, com recurso ao humor.

Caso Dolores

Análise da Entrevista do Caso Dolores

Em relação a esta entrevista (Anexo G), realça-se que a elaboração da experiência passada remete para uma idealização da primeira infância. Descreve, traçando um quadro, “uma infância espetacular” (sic) que pelo decorrer do discurso revela ser uma defesa que a protege do lado mais sombrio e doloroso da infância, possível de ser reconhecido posteriormente – “foi muito terrível” (sic). A idealização remete, assim, para a impossibilidade de direccionar a zanga ao seu alvo – a família, os pais.

Vive com o avô e as tias porque os pais trabalhavam até tarde nos seus dois restaurantes. Sobre as relações intrafamiliares destaca: “os meus pais via ao fim de semana (...) tive muita proteção e apoio das minhas tias (...) o meu avô foi a minha referência masculina na minha vida. E as minhas tias nunca conseguiram ocupar o lugar de mãe porque a minha mãe, independentemente, de passar pouco tempo comigo conseguia fazer bem o seu papel e eu percebia que ela era minha mãe, com o meu pai não se passou tanto assim” (sic). Sobre as imagens parentais sobressai a insuficiência das capacidades emocionais. O pai é representado como uma figura superegoica que julga (“ele nunca aprovou nada daquilo que eu fiz” (sic)) e a mãe criticada pela sua falha na função materna “Se calhar é normal as mães deixarem de perceber tudo (...) sinto que ela não percebe” (sic). No entanto, perante estas imagens atribui as falhas na relação a ela própria, incitando culpabilidade. A infância é caracterizada pela perda dos objectos de amor. A mudança de casa (do avô para casa do pai) parece revelar uma regressão - “comecei a não saber falar” (sic).

A adolescência foi o período pelo qual o trauma da perda e a negligência sentida tomaram forma, a reactivação da perda foi também acentuada pela morte de um objecto de amor (melhor amiga). O reviver das problemáticas da primeira infância conduziram a uma depressão e a passagens ao acto regidas pela pulsão de morte. Sendo esta a forma encontrada para exprimir a zanga contida (“foi cheio de sentimentos” (sic)). Revela consciência a adolescência foi regida pelo que se passou na infância – noção de sensibilidade à perda que parece estar associada ao medo de perder o controlo, abrangendo também a dimensão profissional.

A mudança de área profissional deve-se pelo desinvestimento do Outro. Como reação ao desinteresse surge primeiramente, a agressividade perante o objecto e, posteriormente, o desinteresse. O humor surge durante a faculdade, como uma arma de defesa com a função específica de mudar o mundo externo e interno circundante. Investe num humor mais culto que ataca a actualidade numa vertente política e social. Através do humor, a zanga e raiva é direccionada para a dimensão social – “comecei a interessar-me mesmo por estas questões todas de injustiças (...) Na prática, na lei, o sistema, o que é que está errado” (sic).

A crítica às injustiças sociais parece ser o tema central e a sua importância reside, precisamente, por ser o modo de resolução da crise psíquica. Isto é, o humor é o meio de Dolores deslocar a zanga (que não pode ser) direccionada aos pais para a sociedade - “vale a pena em termos de mudar o mundo, mudar mentalidades, mudar alguma coisa” (sic) ao que acrescenta, mais tarde no discurso: “os meus pais tinham uma mentalidade mais fechada, mais antiga pronto” (sic); como crítica à sociedade acrescenta que “as pessoas não deviam trabalhar tantas horas” (sic) remetendo para a razão pela qual não viveu a primeira infância com os pais. Na sua forma sublimada o medo de retaliação perde o sentido e a introjecção da agressividade deixa de ser a única possibilidade. Dolores evita, desta vez de uma forma eficaz, a possibilidade de entrar numa depressão. Demonstrando a sua função defensiva e terapêutica: “Então o humor para mim é, eu descobri uma arma e por isso é que não me quero livrar dele. Não quero deixar de fazer isto” (sic).

A ansiedade sentida e referida prossegue nesta lógica em que parar é morrer. Ao referir que “odeio dormir” (sic) remete-nos para o objecto interiorizado que não securiza. Sem contenção, sem capacidade de função alfa, o beta tem que ser exteriorizado. Se não existe forma de exteriorizar (pela acção/criação) não existe, também, forma de evitar o sentimento depressivo e a introjecção da agressividade - “para eu me sentir útil porque estava na merda” (sic). O sentimento de utilidade parece estar directamente associado à representação da imago paterna como superegoica: “não estava a conseguir lidar com o não estava a fazer nada. Eu não estou a produzir, eu não estou a ser útil. Obviamente são coisas que vêm de casa porque os meus trabalham para carças (...) para o meu pai quem não trabalha não é bom” (sic).

O facto de ser reflectida pelo Outro enquanto figura agressora causa desconforto pois implica o reconhecimento da pulsão agressiva. Ou seja, implica não cumprir os critérios impostos pela figura superegoica, implica não estar perto do Ideal do Ego, ou seja, não ser digna do amor do Outro – reenviando para a relação com a imago parental.

Assim, não produzindo humor a pulsão agressiva é reconhecida, logo, a figura superegoica elicit sentimentos de culpabilidade (por introjecção da agressividade) se notam na sua forma ansiosa. Assim, o não-fazer/o silêncio leva a que as vozes internas e superegoicas invadam o pensamento, ou seja, externalizar é a única forma de impedir a invasão – “Eu não consigo ficar calada (...) corrói-me” (sic). Assim, a confrontação com o mundo interno é símbolo da confrontação com a toxicidade interna. O Super-Ego severo, castrador, sádico e culpabilizante representado caracteriza o Super-Ego de um depressivo. O humor representa, na Dolores, uma arma contra a depressão.

Como o medo de retaliação do objecto, inerente às personalidades depressivas, invade torna-se insuportável a ideia de subir a um palco. Seria necessário “uma auto-confiança (...) super blindada” (sic), caso contrário eliciaria “pensamentos menos bons e começar a potenciar a meter-me em causa, a achar que não sou boa o suficiente (...) é uma exposição muito grande” (sic). Detém a crença de que quem ama, julga e, tem como objectivo agradar o Outro (“é muita gente para agradar e eu sempre tentei fazer isso (...) todas as escolhas que eu fazia era sempre a pensar: ali vão ficar contentes” (sic)). Assim, vive no permanente conflito de, pondo-se de parte, agradar o Outro para atingir o ser investimento narcisico o que, quase inevitavelmente, leva ao desenvolvimento de um Falso Self pois, o Verdadeiro Self frágil e pouco seguro não é suficiente – “eu tenho esta imagem de auto-confiante *bueda* forte... mas eu sou uma merda” (sic).

Compreendemos que a Dolores, perante a impossibilidade de dirigir a zanga ao alvo que frustra – pois isso é sinónimo de perder o amor do objecto – encontrou duas soluções: a introjecção da agressividade e o humor. Compreendendo a eficácia da segunda (já que a primeira resultou em comportamentos autodestrutivos e a uma depressão diagnosticada) a Dolores desloca e sublima a zanga para o que não retalia e é socialmente valorizado, permitindo que a agressividade seja externalizada. A dificuldade em estar num palco parece directamente associada a este fantasma de

retaliação do objecto – o público/Outro julga. Explicando, assim, que escrever humor é uma necessidade mas apresenta-lo ao Outro uma impossibilidade.

Análise do Protocolo T.A.T do Caso Dolores

Cartão 1: Inicia o relato apresentando uma falsa percepção (E1-3) a que apresenta interpretação sem justificação arbitrária (E1-2). Surge a introdução de personagens não figuradas na imagem (B1-2) e o acento posto nas relações anunciando uma tendência ao diálogo (B1-1). A emergência da problemática conduz à mobilização de conflitos intra-pessoais (A2-4). O fantasmático é inibido, o que elicit a hesitação entre interpretações diferentes (A2-4), consequência da hiper-instabilidade das identificações (CM-2) que leva a mobilização da experiência subjectiva (CN-1). O conflito latente mobiliza a expressão de afectos (B1-3) e o investimento nos conflitos inter-pessoais (B1-1). A emergência do fantasmático mobiliza a percepção de detalhes raros (E1-2) que precede a hiper-instabilidade das identificações (CM-2) e a porosidade dos limites entre narrador – personagem (CL-1)

A problemática remete para a guerra, sugerindo as dificuldades de conciliação no intrapsíquico que afectam e são afectadas pela dimensão relacional. O objecto adulto é transformado num objecto nocivo para a criança, é representado como tóxico. Perante o tóxico, a imagem paterna reenvia para uma figura superegoica, que suscita agressividade na relação e falhas na função de apoio. Surge a relação Vítima-Agressor, e a necessidade de não frustrar o Outro pela possível perda de amor do objecto. Assim, a solução possível é a resolução do conflito psicotizante.

Cartão 3BM: Após um tempo de latência longo (CI-1) surge uma precaução verbal (A3-1) que possibilita a introdução da problemática através de referências a normas exteriores (CF-2). Evoca tendência para motivos dos conflitos não precisados (CI-2) que após a precisão do conflito mobiliza, defensivamente, o isolamento da representação e afecto (A3-4), e o distanciamento da imagem a partir de referências temporais (A1-2) a expressão de afectos (B1-3).

Perante a problemática latente no cartão, evoca o conflito intra-psíquico representado pela prisão (entre o verdadeiro e Falso-Self). A figura superegoica remete para o medo da retaliação do objecto mobilizando questões existenciais e sentimentos de culpa pelo incumprimento dos ideais do Ego – que aqui aparecem com egodistónicos e castradores. O conflito não é elaborado, o que remete para a ruminação e possível desorganização perante a solidão e a falta de liberdade de ser.

Cartão 6GF: O recurso ao objecto de apoio (CM-1) por comentários ao material por recurso ao humor (CM-3) inicia o relato. Surge, numa tendência à perserveração do objecto, a descrição de detalhes narcísicos (CN-2) com justificação da interpretação (A1-1). A representação da figura masculina vem associada à idealização da representação do objecto (CN-2). A problemática suscita o investimento na relação (B1-2) e, como consequência, a mobilização de conflitos inter-pessoais (A2-4) associados a uma clivagem (CL-4). O relato mantém o motivo do conflito inter-pessoal anónimo (CI-2), o que não impede a precisão e resolução do conflito intra-psíquico pelo recurso à introdução de personagens na imagem (B1-2) pela sua função de apoio (CM-1).

A problemática suscitada revela, mais uma vez como peça fundamental da relação interpessoal, o medo da retaliação do objecto. O masculino simboliza a figura superegoica que detém o poder enquanto o feminino é representado pelo que deve e não-deve fazer a par da desvalorização da figura materna (representada como empregada). A solução do conflito revela a possibilidade de emergência do verdadeiro Self.

Cartão 7GF: A hesitação entre interpretações diferentes (A3-1) leva a mobilização de referências pessoais (CN-1). A evocação do conflito é iniciada pelo recurso à representação do objecto de uma forma idealizada (CN-2) numa relação inter-pessoal (B1-1) representada pelo isolamento entre representações (A3-4) e, respectivamente a cada personagem, o balancemaneto entre a expressão pulsional e a defesa (A3-4). A história termina neste tipo de procedimento (A2-4).

A problemática reenvia para a relação mãe-filha, na qual a figura materna é desvalorizada e, imediatamente a seguir, idealizada como figura super protectora o que dá conta de uma formação reactiva de forma a inibir a angústia. O conflito evoca o medo da retaliação do objecto (figura super egoica - pai) e a capacidade de apoio do objecto securizante. A problemática não é elaborada, conservando a problemática inter-psíquica e contaminando a dimensão inter-psíquica – crença de que tem que contentar, caso contrário perde o amor do objecto.

Cartão 16:

A emergência da pulsão da morte perante o estímulo de vazio. Remete para a toxicidade perante o mundo interno e, por isso, inibe-o permanecendo no evitamento do

pensamento. A pulsão de morte é projectada para o exterior para não se perder no lado depressivo – chegando a este lado a agressividade é introjectada. O deslocamento e a sublimação são os mecanismos que permitem a projecção da pulsão de morte sem medo da retaliação do objecto, possibilitando a externalização da agressividade e, portanto, o combate à depressão.

IV. Discussão

Caso Cristóvão – “Se as pessoas riem, não te chateiam; não te chateiam, não te põem a um canto” (sic)

A infância é caracterizada, pelo próprio, como solitária. A imagem que o define é a de «filho único» que vem associada a uma imagem de solidão tanto no meio intrafamiliar como no contexto extrafamiliar que se parece estender à idade adulta. A resolução para solidão sentida surge na sua forma positiva (Morais, 2008) na medida em que recorre ao investimento no mundo interno, no fantasmático - na criatividade.

Assim, revela carência de investimento no e do Outro e a consequente, dificuldade na relação com o Outro. Parece recorrer a barreiras defensivas e protectoras das fragilidades do Self. Estas últimas são transparentes pela evocação da insuficiência das figuras parentais ilustradas no cartão 1 do protocolo T.A.T e pela representação da impossibilidade de interacção e de relação ilustrada no cartão 13B e, de forma geral, pela representação de relações cruas (que evocam o sexual e/ou o agressivo). Com o humor, encontra a eficácia da barreira defensiva que permite a capacidade de se relacionar – “as primeiras coisas que eu fiz com piada eram maneiras de contornar *bullies*”.

A utilidade do humor vem associada à aceitação, à defesa e à integração no grupo (Rosa, 2004), é por este meio que é proporcionado o investimento narcísico e a valorização do Self (Kupermann, 2010). A utilização do humor parece estender-se ao dia-a-dia – o que não implica, necessariamente, um Falso Self (Rosa, J., 2004) mas sim, através do humor, a liberdade para expressar o verdadeiro Self – concebendo a possibilidade de catarse referida e acentuada por Freud (1905).

A necessidade de transmitir a sua mensagem - enquanto razão pela qual faz humor- traz à tona, para além das dificuldades na relação já referidas, a necessidade de ser ouvido/reconhecido. Define esta razão como o tema mais recorrente, ou seja, passar uma mensagem crítica sobre a realidade externa – transparecendo a liberação da pulsão agressiva sublimada (Freud, 1927) e que este é o meio para atingir o Triunfo do Ego (Kupermann, 2010). Compreende-se o sentimento de não-pertença que, simultaneamente, elícita a necessidade de pertença simbolizada pela procura de

soluções para esta realidade. Uma vez encontradas, a realidade insuficientemente boa estaria mais próxima do seu ideal, do seu imaginário, e portanto, de si próprio.

Na compreensão da importância do riso surge, quase como substituto, a importância da escuta do público. O riso significaria a aceitação do Cristóvão nesta realidade, enquanto a atenção à mensagem/solução que está a ser transmitida confere a possibilidade de mudança nesta realidade, possibilitando mais do que a aceitação - a pertença.

O humor revela, para além da função de liberação pulsional, a função de reparação do Self (“faz-te combater um bocado os demónios” (sic)). A aplicação do T.A.T., elicitava a que Cristóvão use o conteúdo do cartão 6BM para uma piada sobre o dia da mãe - demonstrando, tanto a ressonância fantasmática (e o seu impacto) como a necessidade de transformar o angustiante e o incómodo em humor – reparando inconscientemente o trauma que foi mobilizado pelo cartão. Como reflexo do desejo de compreender a tão angustiante origem e finitude – ilustrada pela inicial profissão de arqueólogo a par da temática presente no cartão 16 do protocolo T.A.T. Concluindo, o humor representa a possibilidade de reviver e transformar os traumas (Chasseguet-Smirgel, 1984).

Caso Benjamin – “Tu vais tentar fazer rir, portanto chutas logo para canto.” (sic)

Neste caso, o humor parece ser reconhecido como essencial, e quase inato. Acrescenta, associando ao humor, a importância de notar, no concreto, o impacto no Outro.

A utilidade do humor é descrita sempre centrada na aceitação, validação e no reconhecimento do Outro. O riso provocado pelo Benjamin no Outro é símbolo de que ele consegue proporcionar prazer, o que possibilita ao Ego o retorno narcísico que fora investido. Parece haver uma procura constante do investimento narcísico, uma vez que, desta forma, o Ego torna-se, como um balão, subitamente, maior, mais forte e mais capaz. Quando não tem esse alimento o Ego parece tornar-se mais frágil. Como o objecto interno não é securizante precisa do reforço externo, caso contrário confronta-se com as falhas narcísicas, chegando a questionar o que antes eram certezas – elicitando um ciclo depressivo (Coimbra de Matos, 2001).

A própria forma como vê o humor revela a fraca capacidade securizante dos objectos internos – “Tu vales aquilo que tu és no último momento” (sic).

O cartão 16 do protocolo T.A.T, compreende, de forma sintética, as problemáticas essenciais do Benjamin e, por compelir a necessidade do humor no próprio. A elaboração da problemática depressiva surge, evidenciando a depressividade e a fuga desse sentir quando em relação, o que conduz à hipótese de um Falso Self quando em relação – demonstrando a necessidade de lutar contra uma imagem de si frágil e negativa e, por isso, evidenciando as falhas e carências narcísicas - a representação do verdadeiro Self acarreta a possibilidade de ser insuficiente (Zimmerman, 1999). As generalizações presentes ao longo de toda a entrevista, demarcam tanto a pouca confiança como a necessidade de validação. É no encontro com um semelhante que existe a possibilidade de ser. Ou seja, existe através do Outro – aproximando-se do conceito de relação especular.

Apesar do tema mais recorrente ser humor de observação, o que proporciona mais prazer é tratar dos temas pessoais em palco - o humor enquanto catarse (Freud, 1927). O humor, parece ser um modo de alcançar o amor do Outro. Isto é, pela ênfase dada à intensidade do riso, não é ao escrever sobre “alguma coisa dramática” que o humor repara o Self. O Benjamin explicita que o Self é reparado pelo riso do Outro quando demonstra a necessidade do riso e das palmas – “às vezes quase que estou desejoso que me aconteçam coisas más para ter material para escrever” (sic).

Quanto à função psíquica e defensiva, não se trata da função de reparação; não parece tratar-se do triunfo do Ego mas sim, com as palmas e o riso, o humor é o meio de atingir a inflação do Ego, tornando-o exponencialmente maior (Ribeiro, 2008; Anzieu, 1979). Assim, o humor como mecanismo defensivo apenas tem função de desimpedimento aquando o Outro valida, ou seja, ri. Neste caso, o Outro é um elemento essencial para completar o processo humorístico.

Caso Pedroso – “Se estão a rir, não se vão meter comigo agora, está tudo bem” (sic)

A relação com as figuras parentais impele ao distanciamento, ao pouco investimento emocional, investindo, antes, nos limites da relação (Cordeiro, 1988). A relação com o materno impele ao distanciamento como defesa, no cartão 6M

compreendemos que recorre às dificuldades na relação e ao mal-estar enquanto defesa contra a proximidade. A figura paterna é “desligada” (sic) e, pelo cartão 7BM, não se representa como objecto de apoio. Antes pelo contrário. É representada uma relação de inferioridade perante a figura paterna. Estas falhas no relacional parecem ser explicativas da forma como encara e utiliza o humor.

Inibindo o afecto, suscita mecanismos como negação e formação reactiva, numa tentativa de retirar a carga emocional dolorosa. Persiste na limitação da ressonância emocional pelo recurso a referências factuais, à descrição. O isolamento e a minimização de afectos são, frequentemente, mobilizados (Shentoub & col., 1999), o que nos remete para mecanismos defensivos de uma lógica narcísica em que perante o emocional surge a importância do Outro e a experiência de vulnerabilidade e possível humilhação (Lowen, 1983). Minimiza os seus sentimentos por ambicionar ser “frio” (Kernberg, 1985). Quando permite a ressonância emocional recorre à racionalização e ao humor – diminuindo e inibindo o afecto (Freud, 1905).

O humor começou por ocupar um espaço de preenchimento da solidão. A apresentação a partir de uma personagem sugere a criação de um Falso Self que permite a comunicação, sem se comprometer e identificar (Zimmerman, 1999). O humor exerce, defensivamente, a sua função de máscara e barreira na relação Eu-Outro. No entanto, depois de se apresentar através de uma personagem e de estabelecida a devida comunicação e relação é possível «tirar a máscara» e apresentar o verdadeiro Self. Ou seja, utiliza o Falso Self para poder revelar o verdadeiro Self (Rosa, 2004).

Ao longo da entrevista evidencia vontade de se mostrar ao Outro. O palco serve como aparelho psíquico colectivo que ajuda a conter e perlaborar as histórias da sua vida que vão acontecendo – notada pela reconstrução dos textos, na sua forma integral, como se o próprio se reconstruísse neste processo - função reparadora da partilha e aceitação do outro (Chasseguet-Smirgel, 1984). Nesta lógica, o tipo de humor e os temas que abordam encontram-se, directamente, relacionados com a utilidade do mesmo. Os temas a que recorre são temas sensíveis, que facilmente incomodam o Outro. Sabendo que, no palco, está uma “personagem” (sic), está a mostrar-se ao outro através de uma máscara, para que, se esse outro não o aceitar, está protegido pela máscara (Rosa, 2004).

A utilidade do humor prende-se à ideia de que «quem tem o humor detêm o poder». É uma forma de dominar o outro. Através do humor consegue sublimar a agressividade (Segal, 1991/1993). Coloca-se a hipótese, devido às experiências passadas de bullying, uma Identificação ao Agressor, tomando o lugar de agressor e reparando assim a experiência passada (Chasseguet-Smirgel, 1984). Quando em palco - que surge sob a forma de denegação: “Não quero fazer a pessoa sentir-se mal mas estou ali a brincar com ela” (sic). O palco e a relação que cria com o Outro através dele remetem para o impacto que tem no Outro e o prazer sentido quando provoca mal-estar – enquanto formas de poder - possibilita a relação. Pelo humor, permite que a raiva flua, exteriorizando. O humor simboliza o poder, a capacidade de destruir o Outro e destruindo-o, para além de ter mais poder, não se submete à destruição do Outro – inerente ao perigo da relação.

Por fim, concluímos que é por meio do humor que a circulação da agressividade na relação é possível. A necessidade de uma “personagem” surge como um capacete ou escudo para se defender do ataque. Mas somente como defesa em caso de retaliação. O humor é a possibilidade do Pedroso se expor e contar a sua verdade em palco, que revela uma identificação ao agressor.

Caso Ângelo – “(O humor é) uma arma brutal de arremesso” (sic)

O Ângelo assinala uma experiência de vida que se pode dividir em duas. A primeira, vivida no Porto aquando a mudança de escola, é caracterizada por dificuldades em socializar e interagir. Denota as fragilidades e a necessidade de um Outro “Era um alien. Estava sozinho. Não tinha ninguém” (sic). Perante estas fragilidades, compreende a descoberta do humor como uma “arma brutal de arremesso” (sic) fazendo referência à função de facilitador da relação social (Rosa, 2004). Atribui, ao humor, a função de defender, atacar e seduzir. O que conduz à segunda fase: Vivida em Lisboa e assinala, como se de um recomeço se tratasse, o Outro não conhece nem reconhece as suas fragilidades narcísicas – estão resguardadas pelo humor (Ribeiro, 2008).

Para o Ângelo o humor não é usado para fazer rir o Outro mas sim como uma ferramenta que permite dominar aquele que *a priori* o poderá destruir. É através do humor que surge a possibilidade de finalmente se sentir capaz de rivalizar, ao contrario do acontecera na infancia em que se retirava física e emocionalmente (“quando percebes que não estás a ter piada... a vontade é imediatamente saires do palco” (sic)). Através do

humor e desta medição de força/poder consegue colocar-se a si no mesmo patamar que o Outro (ou o pai) e assim estabelecer a tão desejada comunicação (“poder falar de coisas sérias” (sic)) ou seja, funciona como reparador do Self que foi danificado no passado (Chasseguet-Smirgel, 1984)

Sobre o tema mais recorrente - o amor – realça necessidade de se rever numa relação profunda de reciprocidade, numa relação compensadora. É precisamente o emocional que tanto tenta inibir que surge como o tema mais recorrente, demonstrando assim, a sublimação. O humor assume-se sublimado pela insatisfação das pulsões; como possibilidade de catarse e de Triunfo do Ego (Kupermann, 2010) – “Estás num dia mau até tens um humor melhor, mais ácido, mais consistente” (sic).

Concluindo, o humor aparece associado à necessidade de se defender “da vida e das fragilidades (...) a nível de timidez” (sic). O humor representa uma forma de seduzir e cativar o Outro. O humor possibilita o investimento do Outro. O humor é um meio para atingir a relação, para poder falar de “coisas sérias” (sic).

Caso Dolores – “Isto do humor não tem muita graça” (sic)

Particularmente no caso Dolores é evidenciada a privação extrema da relação primária na sua qualidade suficientemente boa (Winnicott, 1983). Surgem fragilidades narcísicas que são acentuadas para além do não-investimento; pelo carácter superegíocoda figura paterna – sendo que o que recebe desta figura paterna são críticas constantes que apenas elicitam uma representação de si insuficiente. O conflito entre o que deverá fazer para agradar e a vontade própria parecem ter origem nesta relação de insuficiência com a figura paterna. Este conflito é directamente relacionado na entrevista e surge ilustrado de forma transversal em todo o protocolo T.A.T. Sentindo a insuficiência, não existe espaço para direccionar a agressividade ao objecto (Klein, 1937/1996), pois isso seria a decisiva constatação de que não é digna do amor do objecto. Assim, a agressividade, não podendo ser direccionada ao objecto, regressa ao Ego na sua forma sádica levando a comportamentos auto-destrutivos (Klein, 1937/1996) – concretizados na adolescência de Dolores – que conduziram a um estado depressivo (Coimbra de Matos, 2001). O cartão 16 do protocolo T.A.T. ilustra, precisamente, a toxicidade perante o interno (estímulo branco) o que, num movimento defensivo exige o recurso à ironia – colmatando assim o afecto depressivo. A descoberta do humor enquanto arte literária, permite que Dolores sublime a agressividade (Segal, 1991/1993).

Dirigi-la para si deixa de ser a única opção. Com o humor, a agressividade é exteriorizada. Como seria de esperar, este novo alvo (sociedade) é caracterizado pela incapacidade de retaliar ou investir narcisicamente nela, ou seja, a Sociedade pode ser alvo de pulsões agressivas uma vez que esta nada lhe pode retirar ou devolver. O humor assume-se enquanto sublimação com a função de externalizar a agressividade sem correr o risco de perder o amor do objecto (Freud, 1927; Klein, 1937/1996).

A utilidade e o tema mais recorrente estão intimamente associados, no sentido em que é a escolha do tema que revela e proporciona a utilidade do Humor para Dolores. A crítica às injustiças sociais parece ser o tema central e a sua importância reside, precisamente, por ser o modo de resolução da crise psíquica com origem na relação com a figura superegóica

Ô facto de Dolores não conseguir subir ao palco para concretizar as piadas anteriormente escritas parece estar relacionado com a dificuldade de dirigir a agressividade ao Outro. A plateia representaria a sociedade e, como tal, a possibilidade de retaliação ou desinvestimento libidinal torna-se possível – retirando o propósito pelo qual Dolores faz humor. O humor permite que a agressividade seja externalizada; escrever humor é uma necessidade mas apresenta-lo ao Outro uma impossibilidade.

Considerações Finais

À luz do que foi analisado, pretendemos brevemente refletir acerca dos pontos que se mostraram comuns entre estes cinco participantes, tentando assim responder à questão de investigação proposta inicialmente para esta investigação.

Observou-se, claramente, que todos estes participantes mostraram dificuldades relacionais na infância e adolescência. Parece ser a descoberta do humor que permite a mudança no modo de relacionamento. Em todos os casos apresentados, o humor apresenta-se como uma arma, que de forma específica assume diferentes funções para cada um - desde o humor como forma de reparação do Self, circulação da agressividade e modo facilitador da relação Eu- Outro.

O Cristovão, o Pedroso e a Dolores, demonstram usar o humor como forma de externalizar e elaborar a agressividade contida – impedindo que esta seja introjectada e portanto impedindo que a depressividade invada o pensamento. Por outro lado, o Benjamim e o Ângelo demonstram usar o humor pelo Outro, para alcançar a relação.

Apesar destas diferenças, todos os casos analisados reflectem que o não socialmente aceite e correcto, encontra um meio de ser dito, por via do humor, sem ser alvo de julgamentos ou de possíveis ataques ao próprio. Pelo contrário, por meio do humor aquele que não era socialmente aceite passa agora a ser valorizado, uma vez que, ao invés de ser alvo de julgamentos eticos será agora apreciado e enobrecido. Deste modo, o humor permite que o sujeito, para além de se salvar da rejeição, fomente a sua valorização no grupo e na sociedade.

Limitações e Futuras Investigações

Tanto como limitação como sugestão de um futuro estudo, surge a pertinência da aplicação de todos os cartões/imagens do T.A.T. A incompletude na aplicação da prova levou a limitações nas considerações que seria possíveis numa situação padrão.

Relacionado com a limitação de falta de homogeneidade da amostra, emerge uma sugestão enquanto estudo futuro: Compreender de que forma e em que medida o tipo de humor (humor negro, de improviso, de observação, etc), as temáticas e a forma de estar em palco se relacionam com o modo de funcionamento psicológico de cada humorista.

Num futuro estudo, seria importante, também, aprofundar a importância do público, visto que, neste tipo específico de arte, o público tem um impacto instantâneo e extremamente relevante para definir a qualidade do humorista. Como tal, seria interessante compreender qual a ressonância da avaliação do Outro, qual o impacto do Outro no sujeito (em cima e fora do palco).

V. Referências Bibliográficas

- Anzieu, D. (1979). *La Sublimation: les sentiers de la création* (Vols. IIX). Tchou
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Schaw, C., Smith, J. A., & Haase, V. G. (2010). Métodos de pesquisa em psicologia. In *Métodos de pesquisa em psicologia*. Artmed.
- Brelet-Foulard F., Chabert C. (2003). *Nouveau Manuel de TAT: Approche Psychanalytique*, Paris, Dunod
- Chasseguet-Smirgel, J. (1984). Thoughts on the concept of reparation and the hierarchy of creative acts. *International review of psycho-analysis*, 339-406.
- Coimbra de Matos, A. (2001). A depressão. *Lisboa: Climepsi*.
- Coimbra de Matos, A. (2011). O humor segundo a psicopatologia. *Relação de qualidade. Penso em ti*. Lisboa: Climepsi
- Cordeiro, J. (1988). Agressividade no processo de individualização. *Os adolescentes por dentro*. Edições Salamandra.
- Delgado, L. (2006). *A dinâmica criativa através do thematic apperception test—Sublimação, reparação e função continente no processo criativo* (Doctoral dissertation, Dissertação de Doutoramento em Psicologia Aplicada (Psicologia Clínica). UNL-ISPA).
- Delgado, L. (2012). Psicanálise e criatividade: estudo psicodinâmico dos processos criativos artísticos. *Lisboa: ISPA-CRL*.
- Freud, S. (1905). O chiste e sua relação com o inconsciente. *Obras Completas de Sigmund Freud*, 5
- Freud, S. (1906-1908). *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1913-1914). O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência da estética. In *Totem e Tabu e outros trabalhos* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1927). Humor Vol. XXI. *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas*.
- Freud, S. (1969). Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental. In *Caso de schreber, artigos sobre tecnica e outros trabalhos* (Vols. XII (1911-1913), pp. 233-244). Rio de Janeiro: Imago.
- Grotstein, J. (1983) The significance of kleinian contributions to psychoanalysis: IV – Critiques of Klein, *International Journal of Psycho-Analysis and Psychotherapy*, 9, 511-535
- Kernberg, O. (1985). *Borderline conditions and pathological narcissism*. Rowman & Littlefield.
- Klein, M. (1996). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein, 1*.
- Klein, M. (1996). Amor, culpa e reparação (1937). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras Completas de Melanie Klein, 1*.
- Kupermann, D. (2010). Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia clínica*, 22(1), 193-207
- Lapan, S. D., Quartaroli, M. T., & Riemer, F. J. (Eds.). (2011). *Qualitative research: An introduction to methods and designs*. John Wiley & Sons
- Laplanche, J., & Pontails, J.-B. (1967/1970). Vocabulário da Psicanálise. Lisboa: Morais.
- Lowen, A. (1983). Poder e Controlo. *Narcisismo: Negação do verdadeiro Self*. São Paulo: Cultrix.
- Lowen, A. (1983). A Negação do Sentimento. *Narcisismo: Negação do verdadeiro Self*. São Paulo: Cultrix
- Morais, M., (2008). Humor e psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, (31), 114-124.
- Ribeiro, M., (2008). Do trágico ao drama, salve-se pelo humor!. *Estudos de Psicanálise*, (31), 104-113.

- Richards, V., & Wilce, G. (1996). *The person who is me: contemporary perspectives on the true and false self*. Trentham Books
- Rosa, J., (2004). Reflexões sobre o verdadeiro e o Falso Self. *Pulsional rev. psicanál*, 17(179), 51-53.
- Salles, A., (2011). Humor: dor e sublimação. *Reverso*, 33(61), 21-27.
- Segal, H (1991/1993). *Sonho, Fantasia e Arte*. Rio de Janeiro: Imago
- Shaughnessy, J. J., & Zechmeister, E. B. (1985). *Research methods in psychology*. Alfred A. Knopf.
- Shentoub, V., & col. (1999). *Manual de Utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Winnicott, D. W. (1960). Ego distortion in terms of true and false self. *The maturational processes and the facilitating environment*, 1965, 140-152.
- Zimerman, D., (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica, Clínica—Uma Abordagem Didática*. Artmed.

VI. Anexos

Anexo A: Folha de Análise do T.A.T

Folha de decomposição do TAT

Série A (rigidez)	
<i>A1 Referência à realidade externa</i>	
A1-1:	Descrição com ligação aos detalhes com ou sem justificação da interpretação.
A1-2:	Precisões: temporal – espacial – numérica.
A1-3:	Referências sociais, ao senso comum e à moral.
A1-4:	Referências literárias, culturais.
<i>A2 Investimento da realidade interna</i>	
A2-1:	Recurso ao fictício, ao sonho.
A2-2:	Intellectualização.
A2-3:	Denegação.
A2-4:	Acento posto nos conflitos intra-pessoais – Balanceamento entre a expressão pulsional e a defesa.
<i>A3 Procedimentos de tipo obsessivo</i>	
A3-1:	Dúvida: precauções verbais, hesitação entre interpretações diferentes, ruminação.
A3-2:	Anulação.
A3-3:	Formação reactiva.
A3-4:	Isolamento entre representações ou entre representação e afecto – Afecto inimizado.
Série B (labilidade)	
<i>B1 Investimento da relação</i>	
B1-1:	Acento posto nas relações inter-pessoais, pôr em diálogo.
B1-2:	Introdução de personagens não figurando na imagem.
B1-3:	Expressão de afectos.
<i>B2 Dramatização</i>	
B2-1:	Entrada directa na expressão; Exclamações; Comentários pessoais – Teatralismo; Histórias com altos e baixos
B2-2:	Afectos fortes ou exagerados.
B2-3:	Representações e/ou afectos contrastados – Balanceamento entre desejos contraditórios.
B2-4:	Representações de acções associadas ou não a estados emocionais de medo, de catástrofe, de vertigem...
<i>B3 Procedimentos de tipo histérico</i>	
B3-1:	Mobilização de afectos ao serviço do recalçamento das representações.
B3-2:	Erotização das relações, simbolismo transparente, detalhes narcísicos com valor de sedução.
B3-3:	Labilidade nas identificações.
Série C (evitamento do conflito)	
<i>CF Sobre-investimento da realidade externa</i>	
CF-1:	Acento posto no quotidiano, no factual, no fazer – referência “placada” à realidade externa.
CF-2:	Afectos de circunstância, referências a normas exteriores.
<i>CI Inibição</i>	
CI-1:	Tendência geral à restrição (tempo de latência longo e/ou silêncios importantes intra-histórias, necessidade de colocar questões, tendência recusa, recusa).
CI-2:	Motivos dos conflitos não precisados, banalização, anonimato dos personagens.
CI-3:	Elementos ansiogénicos seguidos ou precedidos de paragens no discurso.
<i>CN Investimento narcísico</i>	
CN-1:	Acento posto na experiência subjectiva – Referências pessoais.
CN-2:	Detalhes narcísicos – Idealização da representação de si e/ou da representação do objecto (valência + ou-).
CN-3:	Pôr em quadro – Afecto título – Postura significante de afectos.
CN-4:	Insistência nos limites e nos contornos e nas qualidades sensoriais.
CN-5:	Relações especulares.

<i>CL Instabilidade</i>	
CL-1:	Po
CL-2:	Ap
CL-3:	He
CL-4:	Cli
<i>CM Procedimento</i>	
CM-1:	Ac
CM-2:	Hi
CM-3:	Pir
Série E (emoção)	
<i>E1 Alteração</i>	
E1-1:	Es
E1-2:	Pe
E1-3:	Pe
E1-4:	Pe
<i>E2 Massividade</i>	
E2-1:	In
E2-2:	Ev
E2-3:	fis
E2-4:	ag
<i>E3 Desorganização</i>	
E3-1:	Co
E3-2:	In
E3-3:	D
<i>E4 Alteração</i>	
E4-1:	Pe
E4-2:	In
E4-3:	A
E4-4:	A

Anexo B: Consentimento Informado

Pedido de Autorização Formal:

Venho por este meio formalizar a utilização dos dados da entrevista na Dissertação de Mestrado «Fazer Rir para Não Chorar». O presente estudo tem como ideia primordial explorar o conceito do humor e a sua funcionalidade psíquica e como tal, a sua contribuição para este estudo será através da realização de uma entrevista.

A sua colaboração é voluntária, o que significa que a qualquer momento e por qualquer motivo poderá interromper o decurso da entrevista, sem que isso o (a) prejudique.

Os investigadores deste projeto comprometem-se a garantir total confidencialidade sobre os dados pessoais que forem fornecidos. Serão apenas utilizados dados que não o identifiquem e serão somente usados para fins de investigação.

Se concordar com a sua participação neste estudo, por favor assine no espaço abaixo. Obrigada pelo seu contributo.

Fui esclarecido sobre todos os aspetos importantes e tomei conhecimento que tenho o direito de participar neste estudo e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim. Assim, declaro que aceito participar nesta investigação.

Data: ____ / ____ / ____

Rubrica _____

Os investigadores:

Inês Francisco

Professor Luís Delgado

Anexo C: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T do Caso Cristóvão

Entrevistadora (E): A ideia é começares a falar um bocadinho sobre ti, sobre...)

Cristovão (C): no geral?

Ah ok. Eu nasci em Portugal mas fui com 30 dias para angola. depois voltei com 3 anos e qualquer coisa e os meus pais divorciaram-se aos 4. E passava as semanas com a minha mãe, fins-de-semana com o meu pai. E comecei... Não sei se foi por causa do divórcio ou não. Comecei a ler muito cedo. Aos 5 anos comecei a ler e a partir dos 9 anos comecei a ler... também porque os meus pais liam muito e era uma maneira de os acompanhar. A partir dos 9 anos comecei a ler livros um bocado mais pesados para a minha idade. Comecei a ler Voltaire, Kafka, Camus e Woody Allen. E foi quando encontrei o Sem Penas do Woody Allen -que foi o livro que posso dizer que mudou a minha vida- comecei a escrever para mim também pequenos contoziños absurdos de comédia que depois deixei de parte. Num período em que pensei que queria ser arqueólogo para o resto da vida e fui estudando e tirei o curso e estive a trabalhar mas depois continuei a escrever paralelamente, só para mim os contos. Até que um dia decidi fazer vida disso. Vim tirar um curso para lisboa de escrita criativa nas produções fictícias. Larguei a minha empresa, dei a empresa que eu tinha de arqueologia ao meu socio. E desde ai faço comédia profissionalmente. A minha vida basicamente é comédia e musica.

E: A comédia e a musica?

C: Musica agora como ouvinte, durante uns tempos tive algumas bandas. Agora espero voltar para umas mas são as duas coisas que eu mais passo tempo a fazer. É quase o dia todo a ouvir musica e a ler e a escrever comédia.

E: Escreves musicas também?

C: Escrevo algumas letras, agora já não escrevo musicas musicas á algum tempo mas sim. eu era o vocalista mas ajudava a compor na guitarra e no baixo.

E: E como é que era escrever essas duas coisas? A musica e a comédia

C: Não são muito diferentes as técnicas. Alias, eu tenho na teoria que a música e a comédia são as melhores maneiras de querer passar uma mensagem a alguém. Porque são linguagens universais. O riso é universal e a musica também. Por isso é que, cada vez mais, em publicidades, em empresas fazem ações de formação em que o humor é uma componente básica. Ou a musica. E se tu reparares nas outras artes não é muito assim. Se tu vês uma fotografia ou um quadro, tu sabes sempre quem são o autor. Tirando raras, raríssimas excepções. Na musica, tu tens musicas do Cancioneiro Geral que tu nunca sabes nem vais saber quem é que as escreveu. A mesma coisa nas anedotas, porque é tão universal que nós adaptamos para nós e vai-se perdendo o rasto do autor. Porque é universal.

C: O Cristóvão quando era pequenino: Eu era filho único. Da parte da minha mãe ainda sou. Da parte do meu pai tive dois irmãos mais novos. E eu era muito... brincava muito sozinho. Fazia os meus mundos dentro da minha cabeça e as minhas histórias. Não tinha muitos amigos. Tinha os meus primos. Até porque, como eu gostava muito de ler e estava quase sempre a ler... e o meu pai tinha uma coisa muita gira que era, aos fins de semana, às vezes contava-me historias que duravam 3 dias, era tipo trilogia do Senhor dos Anéis. Ficava 3 horas a contar uma historia. Depois continuava no sábado e depois continuava no domingo. Não sei, e sempre fui muito assim, muito virado para um mundo que não existe, muito irreal, de criatividade. Ou seja, eu olhava para um isqueiro e para mim era um isqueiro mas depois passado um bocado já era uma arma e passado um bocado já era o início de uma plataforma para alguém saltar, ou seja, tentava sempre mudar as coisas ao meu redor em coisas mais interessantes. O que fazia com que eu ficasse um bocado alheado depois do resto dos meus colegas, que não me achavam propriamente piada. Aquilo que eu fazia.

E: Foi difícil para ti gerir isso?

C: Parece que agora... com a distancia dos anos... na altura não me parecia complicado, agora com a distancia que eu tenho dos 29 anos vejo que alguns dos traumas que tenho ou alguns recalcamientos que tenho terão vindo por ai, que eu imagino. Mas na altura não pensava muito nisso. Como estava tão fechado no meu mundo, não pensava muito na falta ou no que é que podia dar a falta de amigos ou isso. Não pensava muito. Mas não, não foi difícil. Não foi muito difícil, até porque eu também tinha bastantes brinquedos, portanto dava para compensar.

E: Queres falar um bocadinho desses coisas que falaste que recalcavas?

C: sim, posso falar-te. a necessidade de aceitação que é um bocado de todos os comediantes. Se falares com 30 comediantes, vão-te dizer todos exactamente o mesmo. Todos nos temos uma necessidade de aceitação muito grande e de ser amados. Que vem provavelmente de traumas de infância. O meu vem de certeza dessa parte de não ter muitos amigos então querer agradar a toda a gente. Uma maneira disso é ir para o palco e fazer as pessoas rir. A insegurança vem um bocado também daí, apesar de confiança aparente que toda a gente tem ideia, eu sou extremamente inseguro. E penso que vem dessa fase da minha vida. Da infância, tanto do divórcio como dos colegas.

E: O que é que te faz fazer humor?

C: Varias coisas. Primeiro porque a tal necessidade de aceitação, é uma maneira. Quando estas em palco estas sozinho. És só tu contra o mundo e o mundo aceita-te. Aquele bocadinho, quando se ri, está-te a aceitar. O que é muito bom.

Outra coisa também é a criatividade das pessoas muda. Cada pessoa é criativa á sua maneira. Podes ser criativo na música, podes ser criativo nas finanças- tens o caso do Passos, é extremamente criativo- ou podes ser criativo na comédia. E eu como sempre escrevi muito e sempre me identifiquei muito com a comédia desde miúdo, desde a pantera cor-de-rosa. Sempre foi o estilo de escrita que eu mais achei piada. Acabei por me focar mais por aí, até porque acho que é na parte em que tenho mais talento é na escrita cómica. E a minha terceira razão, que se calhar é a mais importante para mim, é: eu tenho muitas coisas para dizer ao mundo, muitas. Acho que o mundo caminha para um abismo horrível, então estas novas gerações é... não consigo mesmo. Tenho ataques de pânico a ver reality tv e o que aquelas pessoas pensam e falam. Então tenho tanta coisa para dizer que... a minha namorada define-me como o Padre António Vieira só que em vez de pregar sermões aos peixes, prego as pessoas. E eu sou um bocado disso. E a comédia é a maneira mais fácil, como eu te disse, de passar uma mensagem. Eu posso estar em palco a falar sobre as farmacêuticas e porque é que elas não têm comprimido para a Sida e de fazer isto com piada. As pessoas se calhar não pensam nisto no dia-a-dia. Mas se eu disser isto com piada as punchlines ficam gravadas na cabeça e a mensagem também ao mesmo tempo. E isso é o que me faz ainda hoje querer ir para o palco. E querer sempre fazer textos novos, é sempre essa a ideia principal. É transmitir a minha mensagem.

E: Mandares alguma coisa para as outras pessoas?

C: Sim, mais do que fazer piadas só. É que as piadas tenha alguma mensagem ou alguma teoria ou alguma teoria filosófica que eu tente passar.

E: Estavas a falar há um bocado que estares no palco era estares sozinho. Qual é que é o sentimento de estares num palco?

C: Tem várias fases. A primeira fase quando entras, os primeiros três quatro segundos que é quando entras e ainda não falaste e está toda a gente a olhar para ti é a solidão total. É a coisa mais solitária, é um medo, parece que estão 40 morcegos a olhar para ti. Esses três segundos são de pânico, depois quando falas... a partir do momento em que falas e que há a primeira gargalhada há uma adrenalina que se desperta no teu corpo que é como se tivesses dado um chuto de heroína. Ficas contente, enorme, grande, ficas quase indestrutível. E é aí! Quando corre bem porque quando corre mal é uma mistura entre raiva porque não conseguiste fazer aquilo, aquela coisa resultar e ao mesmo tempo de frustração porque quando sabes que o trabalho é bom e que não chegou é porque alguma coisa falhou e não consegues identificar. E depois, no final da actuação, quando saís de palco, tens três segundos de euforia e depois tens um vazio enorme. Porque depois saís do palco onde tens 200 pessoas a bater palmas a dizer que és o maior e vais para casa sozinho. E é tipo depressão quase. Por isso é que a maior parte dos comediantes são quase todos alcoólicos ou drogados. A energia que te dão em palco, tu depois não consegues transmitir quando saís de palco, não consegues recebe-la. Precisas de qualquer coisa para preencher esse vazio que fica.

E: Sobre o processo criativo...

C: Não há um processo criativo. há varios. Posso-te explicar como é que funciona o meu, que é extremamente caótico. Tenho dois ou três. As vezes estou numa mesa de café com amigos a falar e sai uma bujarda e sai outra e sai outra e tu vez ali uma coisa qualquer numa das frases que podes pegar e desenvolver para um tema. Então ficas com essa ideia, apontas, chegas a casa e sentas-te e vais desenvolvendo. Sentado á secretária, a beber a fumar, não sei quê e vais desenvolvendo. Outras é tipo jornais, revistas, actualidade, noticias que tu vês. Eu pelo menos passo umas 14 15 horas por dia a tentar ver o máximo de informação que posso sobre tudo porque isso é que dá depois o material para tu desenvolveres. Numa notícia sobre o ISIS por exemplo, tu pegas

naquilo, vêes que aquilo é horrível e tentas o ângulo mais engraçado. Para mostrar as pessoas que aquilo é horrível mas com piada. Lês tudo o que puderes, sentas-te e depois usas as regras que há de comédia. Desconstróis o texto de notícia assim, de maneira a po-la com piada. E a outra, a terceira, que é a que eu uso mais vezes, se calhar é quando tenho um espetáculo marcado e meti na cabeça que vou fazer um texto totalmente novo então tenho de fazer. Sento-me no dia do espetáculo e é: o que vier á cabeça é o que vai. Sem muito critério. Selecciono 3 4 temas para falar. No meu espetáculo que tenho com o sinel e com o Pedroso, os anjos negros, por exemplo. Nos tínhamos o espetáculo marcado, eu tinha adiado a escrita até á estreia do espetáculo e no dia sentei-me e fiz: - quero falar de jovens, quero falar de viver em alfama, quero falar de ter namorada agora e quero falar das redes sociais. Enfim, fiz estes quatro tópicos. Faço subtópicos de cada um, de que é que queria frizar e depois pôr isso em prática.

No meu caso quase todas as piadas vão para palco. Mas eu, eu alé de ser comediante sou guionista também, portanto tenho um volume de escrita bastante elevado, tenho de escrever muito. E ao longo destes 4 anos que faço isto profissionalmente aprendi algumas maneiras de *Less is More* na cabeça. O que vai para o papel já vai, é o que vai. O que está na cabeça é que pode não ir.

E: Qual é que é o critério? Qual é que é a pessoa que tens de fazer rir, se existe?

C: A primeira sou eu. Se eu me ri, vai. Depois em palco posso dizer e não ter tanta piada e ir cortando. Mas é raro isso acontecer. É muito raro eu cortar beats do meu set, alias, aumentam. Posso começar com 15 minutos e passado uma semana já ter 30m. com coisas que me vai saindo na altura no palco, de improviso que resultam e depois eu acrescento. Ou durante a semana estou a tomar banho e lembro-me “olha se calhar neste beat ainda ficava giro mais esta piada”. Agora a única pessoa que me interessa fazer rir, acima de tudo, sou eu. Eu nunca irei ir para palco fazer algo que não me faça rir, nunca. E depois quero que as pessoas riam comigo. Ou seja, basicamente é isso.

E: Existe algum tema que te seja mais recorrente?

C: Tema tema, se calhar a evolução da nossa sociedade. O meu humor divide-se em... eu comecei a fazer só humor negro, puro e duro. Pedofilia, essas coisas todas. E de há dois anos para cá comecei a fazer mais intervenção social, um bocado mais como o Bill Leak e George Carlin faziam, porque é o que me identifico mais e como em fico em

depressão constante com aquilo que acontece á volta sinto necessidade de apresentar soluções e então acabo sempre por ir ter á intervenção social em todos os meus sets, mesmo nestes Anjos Negros que é claramente o mais de humor negro que já fiz nos últimos tempos. Apesar de ser humor negro a parte que eu falo dos jovens a divertir-se acaba por ser uma critica total á maneira como a nova geração está estruturada e pensa. E portanto é esse, o tema onde eu vou bater mais vezes é intervenção social.

E: E que relação é que isso tem para ti?

C: É um sentido de missão cumprida. Eu não sou activamente politico, já fui mas agora não sou. Não organizo manifestações e a minha maneira para tentar contribuir para que as coisas mudem é através da minha arte, que é a comédia. Então tento meter essa parte no meu numero e quando acabo se vir que consegui transmitir a uma pessoa ou duas a mensagem que eu quis transmitir acabo com a sensação de dever cumprido. É por aí.

E: Quando existe essa intervenção e não há riso? Ou não há reacção?

C: Eu sinceramente passa-me um bocado ao lado. As vezes o não haver risos e aconteceu no texto dos sem abrigo em overdose e neste último overdose tinha um sobre o casamento homossexual, da adopção por gays- quando estudamos quando o pessoal ria mais- a grande componente do texto não era estar a rir de 15 em 15 segundos como teoricamente deve ser o stand-up. Mas não me afecta muito porque se eu consigo perceber que desses 10 minutos de texto há 3 punchlines e o resto for silêncio mas sinto nas pessoas que elas estão a ouvir atentamente o que eu estou a dizer chega-me. Agora se eu fizesse um texto só de piadas. Só de piadas, sem qualquer tipo de mensagem. Aí se calhar... não sei como é que ia reagir. Nunca me aconteceu mesmo.

E: Se tivesses a transmitir essa mensagem e não ouvesse pessoas a darem importância?

C: Ahm, ia ficar extremamente frustrado. Mesmo frustrado.

E: O tal sentimento de raiva com frustração?

C: Sim, sim. era isso mesmo que ia acontecer.

E: Porque?

C: Porque eu acho que o que eu estou a dizer é importante e sendo importante acho que as pessoas devem ouvir. E porque me chateia. Uma coisa que me chateia atualmente, na

tal geração mais nova ou na minha geração, é o alheamento de tudo o que te faz pensar. Por isso é que cada vez vemos as televisões e a arte no geral cada vez mais inócuo, a comédia que não chateia, não magoa ninguém. Porque nós andamos cansados de pensar ou metemos na cabeça que andamos cansados de pensar. Obrigam-nos a entrar no 1984 do Orwell. E conseguiram criar esta sociedade de pouco pensar ou de pensar pouco. Pouco e que não fuja daqueles parâmetros que é o normal, que é o dia de trabalho e a falta de dinheiro. Não vamos pensar em sistemas políticos, não vamos pensar em revoluções. Vamos pensar em coisas que sejam muito palpáveis. E se eu noto que as pessoas mesmo levadas por alguém a sair um bocadinho da casca não acompanham porque não é confortável para elas deixam de gostar. O mundo não devia ser assim. O mundo foi feito por pessoas que pensavam fora da caixa, as coisas boas do mundo. Se agora se acaba com este tipo de pensamento isto acaba em autómatos e na extinção total por um líder carismático tipo Hitler, é o caminho. Isso assusta-me e deixa-me frustrado e raivoso.

E: Porque é que isso é tão importante para ti?

C: Porque o mundo devia ser uma coisa extremamente simpática e agradável de se viver onde todos vivíamos felizes e bem. Apesar de... A vida é infelicidade atrás de infelicidade com pequenos períodos de felicidade. Mas não tem de ser assim. E o caminho para não ser assim é pensar fora da caixa. Já vimos que pensar só no pratico acaba mal, só naquilo que está a minha frente acabo a cavar batatas no Ribatejo com 12 filhos onde 6 morrem á nascença e mais dois morrem aos 10 anos e isto não... Nós andamos tanto tempo a evoluir e se queremos ser evoluídos temos de evoluir também de ideias se não mais vale estar na pré-história que estávamos bem, não nos chateávamos tanto e eramos menos.

E: Falas-te aí daquilo que tinhas falado também no stand-up, do sermos miseráveis. Queres falar um bocadinho sobre isso e em que parte é que o humor entra nisso, para ti.

C: Entra. Eu tenho a teoria de que a raça humana a partir do momento em que foi dotada de pensamento foi dotada de infelicidade. A partir do momento em que pensas, és infeliz. Por isso é que quanto mais burro és mais feliz normalmente és também. E então nós criamos isto para nos distrairmos de um facto simples que nos deixa infelizes se nós pensamos muito nele: Nós não sabemos porque é que aqui estamos e o que é que aqui estamos a fazer. Nunca vamos saber o sentido da vida e o nosso sentido pessoal. E

isso é obviamente uma questão que nos deixa a todos infelizes de pensarmos e inseguros e então criamos toda esta sociedade. Escolas e trabalhos e tudo o que nos distraia desta questão maior. E religiões, tudo. Para não pensarmos muito nisso. O que faz com que a nossa vida seja uma constante infelicidade alternada com picos de felicidade. “Ah, recebi um bônus de natal” “Ah, vou passar férias.” Mas depois voltas ao mesmo, trabalho autômato e à tua necessidade de saberes o que é que andas aqui a fazer, que nunca vais saber. E por isso é que existem 200 mil correntes filosóficas. E eu penso nisto. Agora, o papel do humor é o papel de uma escola, de um clube de futebol... distrai-nos. Simplesmente distrai-nos. Agora se conseguires passar através do humor algo mais do que só distração, melhor. Se não continua a ser só uma maneira de nos distrairmos do horror que é a nossa existência.

E: Achas que também para ti, o humor te distrai? Que é uma defesa?

C: Ah sim, sim, claro. Se calhar as primeiras coisas que eu fiz com piada eram maneiras de contornar *bullis*. Agora chama-se *bullis*, na altura chamava-se rapazes mais velhos. Era a maneira de contornar, ou seja, eles eram mais velhos e tinham mais força e jogavam melhor á bola e batiam mais. Se eu os fizesse rir, se calhar, já não me batiam. E era assim!

E: E acontecia?

C: Sim, acontecia. Depois era uma maneira de seres popular. Nem toda a gente pode ser bonita como eu de nascença. E então a maneira de te tornares popular és o gajo que faz rir. Toda agente gosta de ter no grupo o gajo que faz rir. Ou a gaja que faz rir. Então é uma defesa e uma integração.

E: Foi por aí que começou então?

C: Foi. Além da predisposição que acho que já tinha, sim. Acho que foi um bocado por aí. Uma maneira de marcar posição e de defesa também, sim.

E: Hoje em dia, continua?

C: Acho que hoje em dia não me sinto tão atacado assim. Hoje já... eu sou mais... actualmente sou até bastante sínico. Ou agressivo. E despreocupado, portanto não uso muito o humor como defesa. Alias, como faço isto profissionalmente, acabo por usa-lo sem dar conta. A minha vida é muito baseada à volta da comédia. As vezes no meio de

situações... tipo no meio de uma discussão com a namorada. Ela está a chorar e eu desmancho-me a rir porque me lembrei que aquela expressão ficava gira naquele sketch. Aquela expressão que ela fez... ok, tu as vezes não te consegues desligar. Mas no princípio sim, uma defesa. Hoje em dia, não.

E: O mesmo registo mantem-se então, no dia-dia?

C: Sim. acho que... não da maneira... ver se eu te consigo explicar isto. Tu em palco és uma *persona* sempre, pode ser a *persona* feliz, a triste, a agressiva, não sei quê. E depois fora és tu. Fora do palco és tu, mas os teus pensamentos é o que está em palco. Ou seja, se a *persona* não é igual, se a entrega não é igual fora de palco mas o pensamento e a maneira de ver o mundo é. Portanto acaba por estar sempre interligado. No meu caso, como a minha *persona* é bastante próxima daquilo que eu sou em palco acaba por não haver muita diferença. Se calhar sou mais descontraído mas ao mesmo tempo mais depressivo fora de palco e mais tenso mas mais engraçado em cima de palco. Acaba por se misturar muito as duas coisas, sim.

E: Porque é que sentes que a pessoa que está em palco deve ser o mais próxima possível de ti

C: Isso é por acaso mais de comédia. Há duas correntes na comédia. A das personagens e a corrente da pessoa. E eu defendo que. Não quero... atenção, não quero dizer que eu diga a colegas meus para não fazerem personagens. Porque eu acho que há pessoas que são muito mais engraçadas em personagens. Agora, para mim pessoalmente, para o meu trabalho, eu não sou bom a fazer personagens. Portanto teoricamente a solução seria ser o mais próximo que pudesse de mim. E acabou por ser uma necessidade profissional do que propriamente uma procura. Mas há comediantes que são absolutamente personagens e que são hilariantes e eu adoro. Agora, para mim não resulta. Para mim teria de ser eu, em palco.

Primeiro porque não consigo fazer personagens, não ia ser credível. E segundo porque é o meu espaço, é o meu momento.

E: É para ti aquilo?

C: É, aquilo é para mim. Eu escrevo cenas para televisão e não sei quê que é para os outros dizerem e fazerem e o stand-up é para mim.

E: Como é que é o dar piadas a outros?

C: Não me faz muita diferença. Eu comecei a escrever logo mal comecei o curso comecei a escrever para mim e passado uns meses para o Rui Sinel de Cordes e estou habituado. Agora, gosto de escrever para pessoas que me digam alguma coisa. Se eu tiver de escrever para o Carlos Areias ou para o José Raposo se calhar não vou escreve-lo com tanta alegria como escrevo para o Sinel ou para o Gel. São pessoas que eu gosto e que me identifico e que temos o sentido de humor parecido mas acabo por ter de escrever um bocado para todo o lado porque nesse aspeto tenho de ser versátil. Mas dá-me muito mais prazer gostar da pessoa para quem escrevo. De resto é normal.

E: Pode estar lá um bocadinho mais de ti?

C: Sim, exactamente. No caso do Sinel eu escrevo para ele de olhos fechados. Eu consigo escrever um texto, um solo de stand-up para ele porque sei. Temos uma química muito boa e sei exactamente o que é que ele vai dizer e as nuances. A mesma coisa para o Gel. Pessoas em que me identifico nalguma coisa, seja no sentido de humor seja na postura de estar na vida. Como é o caso do Gel, mais na postura. Acaba por ser mais fácil e mais gratificante de escrever para eles.

E: Quando os outros se riem da piada que tu escreves-te e não estas lá? O sentimento é o mesmo?

C: É é, é o mesmo. Hm... sim, acaba por ser o mesmo. Na televisão. No palco não. Na televisão é giro porque é a tua piada que está na televisão, está gravada. Agora no palco ficas sempre a pensar, ser bastante gratificante, ficas sempre a pensar *E se tivesse sido eu a dizer-la? Porque é que eu dei aquela piada àquele caralho se devia ser eu a dizer-la? Se calhar se fosse eu a dizer-la estavam a bater palmas a mim.* Mas depois passa-te logo, é só momentâneozinho.

E: O que é que significa baterem-te palmas a ti?

C: Significa ao mesmo tempo aceitação, a tal coisa da aceitação, e imagina se aquela piada é muito boa e marca a carreira de alguém? Podia marcar a minha, estas a ver? Podia ser eu o próximo a receber 500 mil euros por anúncios da meo.

E: Em que altura da vida perceber-te que era útil para ti fazer humor?

C: Útil?

E: Sim...

A utilidade é um bocado relativa. Não é muito útil viver do humor. Agora fazer humor é útil sim. para ai aos 5 anos. Não, aos 5 não. Aos 9. Quando li o Sem Penas do Woddy Allen percebi a utilidade porque percebi, a ler, o que as piadas conseguiam ou não. E depois que dizendo as piadas as pessoas riem-se e se as pessoas riem não te chateiam. Não te chateiam, não te poêm a um canto. Agora, profissional não tem utilidade nenhuma. Isto é um emprego horrível. É um... estás a ser julgado de 30 em 30 segundos em palco e estás a ser julgado por toda a tua vida fora de palco. Porque tens problemas, não tens dinheiro e porque não tens horários e por isto e por aquilo portanto não é minimamente útil. Se puderem não façam isto. Pá não é fácil, principalmente com a família. Foi complicado, eu era arqueólogo, tinha uma empresa. Dizer de repente “vou dar a empresa ao socio e vou viver disto” não é fácil. E durante uns períodos... ainda há parte da minha família que não percebe. Há outra parte que foi aceitando. A minha mãe e o meu pai aceitaram passado um ano. Mas nos almoços e jantares de natal ainda me sento e ainda tenho as tias a perguntar “então e quando é que tens um emprego a serio” e essas coisas.

Mas sabes que já não levo a mal, no princípio levava. Custa porque... trabalho tantas ou mais horas do que eles. Trabalho mais recebo menos. E é um trabalho que exige muito de...- se for bem feito, eu acho que o meu é- exige muito da tua capacidade intelectual, do tempo que despendes a pensar, a ler, a pesquisar os cantos mais obscuros da tua cabeça que muitas vezes não queres lá ir mas vais lá busca-los, referências que tu não querias ir buscar para uma piada e, portanto, é uma coisa que desgasta. No final de um dia de trabalho a serio, trabalho 18 ou 16 horas e chego há cama não consigo ver quase. É um cansaço intelectual, não é um cansaço muito físico mas é um cansaço intelectual elevado. Portanto quando não há essa compreensão acaba por ser um bocado chato. Mas depois, depois passa.

E: Os teus pais aceitaram mesmo?

C: Sim, passado um tempo. Não logo ao princípio. Ou seja, no princípio eles não percebiam muito bem. pensavam que era uma espécie de uma sabática que eu ia tirar de trabalho. Ia estar aqui a contar umas piadas durante um tempo e depois ia voltar. Mas

foram percebendo. O meu pai mais tarde. Acho que só percebeu finalmente este ano. Mas dá-me sempre apoio, isso dá-me. Agora, até ao ano passado ainda andava o meu pai a perguntar-me quando é que eu ia para a fabrica dele. Agora já não pergunta.

E: Os teus pais fazem o quê?

C: A minha mãe é bibliotecária. E o meu pai é dono de uma empresa de estruturas metálicas e painéis solares. É a mais antiga da europa a fazer painéis solares. Tem sede em Portugal, Angola e Peru.

E: E isto do humor tinha de ser isto?

C: Tinha de ser isto.

E: Porque tens essa necessidade de enviar uma mensagem ao outro?

C: Sim. eu poderia facilmente fazer humor de observação. Abrangente. Para todos os públicos mas não é isso que eu quero fazer. Não vou fazer isso. Isso sempre foi uma maneira que eu tive de viver a minha vida, para o bem e para o mal, ajudou-me numas coisas noutras prejudicou me bastante que é: Eu só faço aquilo que quero fazer. Nunca... Nós estamos aqui tão pouco tempo e é tudo tão mau. Se tu perderes tempo a fazeres coisas que não queres é tempo que não vais recuperar e que não te vai trazer nada de bom á vida. Eu prefiro ter 300€ na conta ou, neste caso, acho que são 57 e estar feliz com aquilo que quero fazer. Pelo menos mais feliz com aquilo que quero fazer do que ter 5 000 e estar num trabalho... até pode ser um trabalho muita porreiro mas não é para mim, estas a ver. E não consigo. Mas isto em todas, seja de relações pessoais a... a roupas ou o que quer seja. Eu sou muito assim e não pretendo mudar.

E: Sim, percebo. Há bocado estavas a falar que vais buscar coisas muito refundidas na tua mente. Vais porque...

C: Porque... se... imagina se lês uma noticia sobre violência doméstica. Tu conheces exemplos, pessoais, teus. Tu não queres chegar lá atrás para os ir buscar mas para aquele tema- isto é uma coisa que eu defendo, não é geral. Há muitos comediantes que fazem a analise ou a piada sempre de um angulo de fora. Eu gosto de me meter no angulo de dentro. Como se estivesse lá.

E: Como se sofresses de violência domestica?

C: Sim e então vais buscar essas coisas que estão numa zona da tua cabeça, que o teu cérebro tira-as para não te foder a vida para sempre mas tu, para fazeres aquilo bem feito ou eu para ter a noção de que faço aquilo bem feito tenho de ir lá busca-las. E às vezes não é agradável e coisas que já não te lembravas que vais recordando mas depois quando acabas e o trabalho está feito recompensa.

E: Se estiver bem feito recompensa...

C: Porque... eu não consigo estar 3 meses a fazer piadas sobre ter 1,8m. Quero ter coisas com mais substrato e para ter coisas com mais substrato tu vais a sítios onde normalmente não vais todo o dia, todos os dias. E como... como só consigo fazer um trabalho bem feito, meu, se tiver algum cunho meu, tenho de ir a esses lados mais vezes. Não consigo fazer um trabalho mais superficial só para não ter que ir lá.

E: O que é que implica teres de ir a esses sítios?

C: Acho que implica andar... tipo 70% do dia mal disposto ou (ri) deprimido. Não é depressivo daquela depressão de “ah, não me consigo levantar da cama” e não sei quê. É simplesmente não andares bem-disposto, não andares “ah, está tudo tão cheio de cores”. Não andas. Não andas. Mas é... são os ossos do ofício.

E: Tem de ser?

C: Tem de ser.

E: Por um bem maior?

C: Por um meio maior, sempre.

E: Pelo que eu estou a perceber não mas sentes que também te ajuda, de alguma forma?

C: Ajuda a compreenderes-te. Porque faz-te combater um bocado os demónios que tu às vezes nem sabes que tens. Muitos, eu sendo uma pessoa relativamente inteligente, consigo perceber alguns dos comportamentos que eu tenho, mais desviantes, através de coisas que eu me fui lembrando ao ir buscar piadas. Comportamentos ou medos ou... Descobri porque é que tenho medo de aranhas, por exemplo. Na minha cabeça... Tenho pânico, terror, horrível de aranhas e lembrei-me, à uns tempos atrás, quando estava à procura de uma piada por causa de uma aranha que apareceu numas bananas e lembrei-me como é que começou o meu medo com aranhas. Foi: estava num descampado, ao pé

da minha casa, a brincar e caí numa barroca e caí num sítio onde estavam, sem exagero, umas mil e tal aranhas. Subiram-me todas para o corpo. E eu nunca me tinha lembrado disso, foi desde aí. Ou seja vai-te buscar o início dos teus traumas. Não quer dizer que depois eu os resolva, os traumas continuam lá na mesma mas pelo menos sabes de onde é que vêm.

E: É melhor saber de onde eles vêm?

C: Acho que é mais engraçado. Sim, compreendes-te melhor. E é mais engraçado, sim. Saberes que tens medo de uma coisa por uma coisa ridícula ou saberes que tens um comportamento desviante por uma coisa que começou assim e depois é o efeito borboleta que alarga. Acaba por ser giro perceberes como é que o teu cérebro trabalha e como é que tu és.

E: O teu dia acaba por ficar estragado, por isso. Como é que vais gerindo isso?

C: Sim. Durante uns tempos bebida agora mais com o amadurecer. Acho que a idade também traz alguma maturidade e alguma aceitação daquilo que tu és. Então torna-se mais fácil.

Transcrição da aplicação do T.A.T:

Cartão 1: [5''] este rapaz vivia no. Tinha deixado especificamente escrito na carta ao pai natal e os pais deram-lhe um violino. Onde a única coisa de cavalo é as cordas do aro, que são feitas de crina. Ele está triste.

Cartão 3BM: [20''] Só me vem violência doméstica á cabeça com este. Isto foi uma rapariga que fez lagosta. Arroz de lagosta para o marido mas deixou queimar o arroz e o marido agiu como qualquer homem salazarista devia ter agido. Foi deixá-la assim: a chorar, normalmente com dois olhos negros. E ela vai dizer às amigas que bateu numa porta. E é isso.

Cartão 6BM: [11'] Estava a pensar. Aqui só me ocorre: a mãe está a ver... a velhota está a ver o que é que se passa. Está a ver a vida na janela e ele está só a pensar quando é que ela morre para eu ficar com a herança. Isto é um bom... bom cartão este.

Cartão 7BM: [6''] Isto é o meu avô. O meu avô a dizer-me... a dar-me os seus conselhos sexuais. São todos muita bons. E neste caso pode estar a dizer aquela cena do

se te derem a cona ao fundo das escadas, não subas á procura de melhor. É o que eu vejo.

Cartão 13B: [5''] É um menino sentado a ver os outros meninos a jogar á bola e ele não pode porque não tem chuteiras.

Cartão 13MF: [2''] (suspira) Já acabou. Vou-me embora mais cedo antes que ela acorde e me veja.

E: Porque é que ele não a quer ver?)

C: Porque isto já será assim por volta das 3/4 h da manhã. Ele já ficou sóbrio e viu que ela não era propriamente a mulher com quem ele tinha pensado ir para a cama.

Cartão 16: [4''] uma folha em branco. Isto é o terror de qualquer, não sei se sabes isso, isto é o terror de qualquer criativo. É o sentar-se e não conseguir escrever. Mas uma tela em branco para mim é sempre uma catrefada de possibilidades que pode vir. Neste caso aqui assim... sei lá. Quando eu olhei para isto aqui assim pensei imediatamente no vácuo da existência que eu estive a ler sobre isso hoje. Sobre uma teoria que diz que nós vamos acabar todos no vácuo e foi a primeira coisa que me veio á cabeça. Mas uma tela em branco, para mim, mais do que uma história, são as mil histórias que podes fazer dela.

Anexo D: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T do Caso Benjamim

Benjamim (B): Comecei para ai à um ano e meio dois. Fiz um curso com o rui sinel de cortes que é um comediante que também anda ai. Não sei se conheces. É humor negro. Comecei a fazer stand up. Hm, queres uma coisa complexa, uma coisa mais ou menos?

Entrevistadora (E): Quero o que tu quiseses dar, por mim quanto mais melhor.

B: Sempre tive aquele fascínio por fazer as pessoas rir. Pronto, mal por mal, tirei um curso. Tinha-me inscrito numas cadeiras para trabalhar para as Produções Fictícias, à uns tempos. Tinha para ai 14 ou 15 anos. Fiz o curso com o Sinel. Conheci lá 3 amigos que agora são comediantes comigo, dum grupo que eu faço stand up e conheci agora um que faz parte dos Boomerang. Depois, meti-me numa cena individual, a fazer stand-up porque tenho jeito. Depois meti-me numa cena do Vine, não sei se conheces. Inscrevi-me nisso. Eu o Salvador martinha mais o rui unas e acho que mais dois outros dois

portugueses tinham isso. E fazíamos lá brincadeiras. E foi aqui que conheci a outra malta do Boomerang. Foi tudo um bocado rápido. Começamos a fazer vídeos para a net, quando demos por nos estávamos a ser convidados para fazer cenas para a Cidade FM. Foi rápido demais, foi dois meses. Fomos Fomos convidados porque o Manzarra tinha saído. Mas pronto, como fomos amadores, fomos putos, achávamos que era tudo fácil. Íamos fazendo umas coisinhas e as coisas tinham piada, depois demos barraca e pronto e passado 3 6 meses fomos convidados para a primeira temporada que ia passar na sic radical.

-Senti que começa-te a dar muito de... muito de, isso é bonito.

E: Muito de vida de humorista. E eu sei que te convidei aqui como humorista e a ideia disto é falares sobre o humor mas queria que me desses um bocadinho

B: da parte pessoal. Sim. ok, sim, isso é bonito. Ahm, eu acho que a comédia é uma forma de... pá, primeiro de chutares para canto. Ou seja, eu falo com uma pessoa e é muito mais fácil, se tu tiveres medos. Podes ter o medo, que era o que me acontecia. (acenei com a cabeça) Pronto tu percebes. Como tu és um gajo pouco seguro, vais pela comédia, porque? Porque tu ali, tu não estas a dizer as pessoas... as pessoas não vão sentir se o que tu estás a dizer é certo ou não. Não têm esse julgamento. Tu vais tentar fazer rir, portanto chutas logo para canto. Não há essa pressão de dizer coisas válidas, percebes? E acho que depois disso comesças a interessar-te por isso, é uma forma de ser aquele rapaz do grupo que chama um bocado as atenções nas conversas. Porque é bom, isso ai sabe bem. acho que é por ai, sempre gostei de fazer alterar a expressão da forma da cara da outra pessoa. E comecei a ver como é que os outros faziam. Não é imitar, mas vais buscar uma referencia aqui e ali e depois usas isso no dia a dia... e acho que pronto. Queres que faça mesmo o percurso todo?

E: Quando é que começaste a ser comediante?

Não é profissionalmente mas financeiramente.

Desde quando é que te sentes humorista?

B: Epá, não sei se ainda me sinto. Mas a partir do momento em que começo a ganhar dinheiro com isso acho que, pá, se calhar há um ano que já me sinto comediante a serio. E tem aqui umas perolas mais, (que se calhar são aí necessárias). Nos meus espetáculos ao vivo,, nem todos os comediantes são assim. Mas tudo o que eu digo são

coisas que me aconteceram a mim. Falo das relações que acabei. Falo de tudo. E as pessoas sabem, as pessoas que se dão mais comigo, os meus amigos, ou as minhas namoradas ou... Sabem que a partir do momento que acontece alguma coisa Dramática na minha vida, ou boa ou má, depois eu utilizo isso em palco. Claro que exagero um bocado, não é. Porque aquilo em palco, nós não somos nós próprios. Somos nós mas exagerados, uma persona. E utilizo isso, alias até me faz bem às vezes. Por exemplo a minha namorada. Tive uma relação de quatro anos e meio, pronto e depois acabamos nesta altura em que eu estava a começar a fazer espetáculos e eu usei os dados da relação toda. A forma como acabamos, porque é que acabamos, as amigas dela e transformei isso em comédia. E por acaso até agora, é das minhas partes mais fortes ao vivo. É das que as pessoas se riem mais, porque? Porque percebem que é verdadeiro e identificam-se com isso.

E: Disseste aí que isso te ajudava a sentires-te melhor, consegues explorar um bocadinho melhor isso? O porque?

B: Porque é assim: pá eu acho... toda a gente tem segredos não é. Toda a gente tem coisas que não conta a ninguém, nem conta aos amigos. Pá isto depois é aqui uma bolha pesada e nós temos a vantagem em palco de dizer as coisas. Dizemos as coisas que são verdade mas as pessoas pensam “Pronto, lá está ele. Das coisas que ele se lembra”. Mas não. Eu por exemplo, quando eu digo que há uma altura na minha vida que é aquela parte em que nós acabamos mas ainda nos picamos, e eu recebo print screens do meu facebook desde a 1h da manhã até as 7h da manhã a dizer: “carlos coutinho vilhena gosta da foto de Madalena Fernandes” e na descrição “ui, ainda dizes que não achavas piada a esta porca”, e esse tipo de coisas, eu estou a noite toda sempre a receber isso. As pessoas pensam “pronto, tá a inventar”. Mas não, isto é giro de dizer. E sentimetos, às vezes de raiva. Vou dar-te um exemplo. Eu costumo gozar com a melhor amiga da minha ex-namorada e rasgo-a a torto e a direito. Ela é daquelas gajas que tem aquelas frases do “estou sozinha porque quero e porque me sinto bem” mas não, não estas nada. Estas sozinha porque és uma batoeira que anda aí e ninguém te pega. E eu as vezes digo isto, e pode parecer que eu inventei mas não. São coisas que utilizo em comédia. E acho que os melhores comediantes e os comediantes que as pessoas mais gostam são assim. Porque o publico sente que te começa a conhecer, percebes? E sente isso verdadeiro. Não sei se respondi á tua pergunta.

E: Respondeste. Sentes que as pessoas te conhecem. E o que eu te queria perguntar é se sentes que é isso que te faz fazer humos. Deixar que as pessoas te conheçam.

B: Eu acho que ao início não passa por aí. Eu acho que aquilo que me faz, que me fez primeiro gostar de fazer rir, foi admirar aquelas pessoas que conseguiam fazer isso. Os comediantes que eu via, dizia “pá mas como é que ele me está a conseguir fazer rir”, depois começar a ter sucesso a fazer rir também à volta dos amigos. Acho que isso também é o que faz relamente ter vontade de ser comediante. Depois comes-te a aperceber que tu fazes aquilo que gostas, no meu caso faço a única coisa que eu sei que sou bom a fazer. E para além disso é uma catarse. Não sei mas alivia. As vezes quase que estou desejoso que me aconteçam coisas más para ter material para escrever, que eu as vezes quando estou muito feliz é pá é muito complicado. E as vezes isso não tem piada. As vezes há uma história num hotel, em viagem de stand up. Em que fomos atuar ao porto e pronto e esse tipo de coisas, que acontecem histórias giras e acabamos a noite com uma eslovena e tinha uma perna e isso. Também é giro. Mas acho que quando me acontecem coisas más, é daí que eu tiro a comédia toda. Ou coisas com os meus avôs. Tenho a minha avó que está num lar. E a minha vó tinha acabado de queimar uma senhora que lá está também, com um cigarro no braço. Porque se tinham chateado, a minha avó estava a fumar e apagou ali o cigarro, só para não estar ali com coisas. E esse tipo de coisas. É triste (riso), é mau, mas depois dá para pegar por aí.

E: Portanto tu sentes que isto do humor é útil para ti,. Se não fizesses humor

B: Ah sim, claro que é muito mais difícil

E: Tu contigo próprio não estarias tão bem?

B: Hm. Não. Acho que nem eu nem os outros. Por isso é que os outros (não percebi). Por isso é que os outros... isto é um cliché pá, todas as quintas-feiras se fala nisto mas é: “o humor está a crescer em tempos de crise” porque as pessoas querem esquecer a crise, precisam de rir-se disso agora. Porque? Porque é que há tantos espetáculos esgotados? Pá, eu acho que é isso. As pessoas precisam pá, de se rir. E as vezes estão com o stress da vida e estão desempregadas, ou têm uma doença e isso tudo. E mesmo fazer rir ou rir, acho que isso alivia.

E: Portanto, o humor está relacionado com a desgraça?

B: Sim. Sim. Com a desgraça, sim. E às vezes é uma forma mais fácil de ver as coisas. Ver a realidade das coisas. Por exemplo, e agora, isto nem é o meu trabalho. Quando ves uma caricatura. Tu ves uma caricatura de um amigo teu que tem umas orelhas, e aquilo é completamente exagerado, mas as orelhas dele não são assim. E tu se calhar nunca tinhas reparado que ele tinha as orelhas grandes mas como a caricatura está está a exagerar. Tu realmente tens as orelhas um bocado grandes para a maioria. Eu acho que o humor também é isso. É uma forma de ver as coisas, de ver a realidade das coisas. Ser o primeiro a dizer a realidade das coisas. Acho que é isso.

E: Quando eras mais novo, como é que tu eras e como é que tu te davas aos outros. Passava muito por isto do humor ou

B: Sim. Alias, pois começa aí. Vamos ao momento alta definição. Pois sim, quando era puto era aquele gajo que estava sempre a mandar bitates, ou para as professoras ou sempre a tentar fazer piadas, sempre a tentar ver o lado ... Até em estudo do meio acho eu, já no segundo ano. Metia-me a ver as coisas pequeninas e a tentar fazer rir com aquilo. E epá e depois safava-me muito. Porque acho que o humor, acima de tudo, também é uma forma de ser bonito. Como é que eu hei-de dizer isto? Vá, vocês as vezes, dizem que o que uma mulher quer mais é o sentido de humor. Pá, muitas vezes não é. O que é que elas querem num homem? O sentido de humor. Eu acho que isso é petá. Claramente porque se tu estiveres na discoteca e ves um humorista ou ves um canhão daqueles com um corpo do caraças, se calhar vais com o canhão. Mas depois de conheceres o canhão e o humorista, tu sem querer, comesas se calhar a inclinar-te para aquele lado (humorista). Porque acho que o facto de ser humorista é uma forma de ser bonito. Alias, até é por isso que os comediantes são se calhar todos feios e são todos gozados em criança. Em vez de ser o único gajo que é gozado e vai à baliza. É o gajo que é gozado, vai à baliza mas tem piada. E já aconchega, percebes? (risos)

- (quase a fazer pergunta)

Eu por acaso não era esse gajo. Nunca fui muito gozado nem nada mas mas gostava de ter piada.

E: Não eras gozado?

B: Pá não era muito. Para a idade... pá era gordinho. Mas também não era muito,

safava-me bem. Se calhar tinha mais sucesso que Brad Pitts do 5º ano e do 4ª. (ri). Não sei, acho eu.

E Então explica-me a utilidade que isto do humor tem para ti. Com o que disseste até agora. Fazes o que fazes porque?

B: Acima de tudo, faço comédia..... Estou a tentar, acima de tudo, ser mais simples e claro. Eu acho que isto tudo é um ciclo vicioso. Pá, comesas a fazer comédia para te integrares, percebes? Para as pessoas te darem ouvidos e acharem que aquilo que dizes cada vez que abres a boca é interessante. Para serem bem aceite. Pá, eu acho que faço comédia para ser aceite mais facilmente nos grupos e com as raparigas, nas relações pessoais e depois porque é uma coisa que me dá prazer. Fazer rir os outros, acho que isso acontece a toda a gente, não sei. Quando acertas numa piada e os outros se riem, e fazes um pormenor giro num jantar de família sentes-te bem com isso. E eu gosto de ser o centro das atenções, nesse tipo de coisas.

E Tu escreves humor? (sim) tu pensas em alguém quando fazes esse processo criativo. Se é para os outros, geral, se..

B: Portanto estás a perguntar se eu quando escrevo faço comédia para me agradar a mim ou para agradar o publico em geral? ou alguém específico? Epá, depende. Olha eu por acaso agora na quinta feira vou ter um espetaculo com um rapaz que é o Luis Franco Bastos. E vou atuar com ele, ele e mais dois amigos. E estou muito preocupado com isso. Mas é raro. Ou seja, estou preocupado em fazer o tpo de comédia que vai agradar ao Luis Franco Bastos ou às pessoas que lá vão estar. E eu às vezes penso nisso. Se vou fazer para o meu publico, não tenho assim grande publico mas para as pessoas para quem faço espetaculo. Ou vou ao porto ou isso tudo. Pá, faço aquilo a que eu acho piada. Tenho cuidado, não faço a mesma comedia que faço em lisboa que vou fazer ao porto mas quando estou a escrever, quando sempre penso naquilo que eu acho piada. Não penso em ninguem em específico. Penso “o que é que me vai fazer rir a mim, o que é que vai fazer rir os meus amigos mais proximos”. Porque é aquilo de que tenho mais feedback imediato. Acho que que é por ai, não penso em ninguem em específico. Penso, se acontecer esse tipo de casos em que me morra alguém ou que perco uma namorada,

ou que parto o carro, ou que o meu pai teve de cortar um dedo do pé. Penso, penso na pessoa que estou a escrever. Mas não tenho esse filtro, essa censura na cabeça.

E Quando escreves sobre o que te faz rir a ti, há algum tema que gostes mais de falar, que te dê mais prazer?

B: O que eu gosto muito mesmo, é um bocado o que eu disse á bocado, coisas do

quotidiano. Também gosto de fazer humor negro. Faço as vezes mas acho que não é nisso que eu sou melhor. Eu gosto de: pequenas questões grandes questões. Ou seja, ir a um sitio. Para um supermercado. Por exemplo, deixa-me no aeroporto durante duas horas e venho de lá com um texto de 5 minutos de piadas. Deixa-me num supermercado. Gosto de estar nos sitios, de observar, coisas do dia-a-dia. Nós fazemos, parvoíces. Vou-te dar um exemplo. Pá, raramente vou ás compras com a minha mãe. Mas quando fui. Reparei numa coisa. Que nós quando estamos a pagar, há empregados que dizem “vai desejar saquinho?” ou seja como se isto fosse um **desejo**. Não é um desejo, dá-me jeito percebes? Se viesse um genio da lampada magica e nós diziamos: Luxuria, Mulheres e um Saquinho. E é tipo, toda a gente sabe isto, toda a gente ouve que é um saquinho mas o segredo do humorista é ser o primeiro a dizer aquilo.

E o primeiro a reparar nas orelhas.

B: Sim. O primeiro a reparar nas orelhas grandes e co,mo se fosse um desejo doido.

Não é. E as pessoas continuam a fazer isto e é ridiculo. Percebes?

E tudo aquilo que tu falas está relacionado com a tua vida, com a experiencia de vida

B: Por isso é que eu acho que o humorista, e isso é a cena de alguns que não têm muito sucesso, tu se calhar não conheces porque realmente não tem muito sucesso. Mas há muita gente a tentar. Eu acho que o humorista, claro que tens de ser culto, que tens de saber ,uita coisa mas quanto mais relações tiveres com os outros, quanto mais vida social tiveres, melhor humorista és. Porque? Porque vais falar de problemas e de coisas com que as pessoas se identificam. Eu acho que ás vezes há um problema, agora vou

lavar roupa suja, mas há humoristas que são aqueles nerds que estão em casa o dia todo e depois quando vai fazer comédia, aquilo pode ter muita piada mas ninguém percebe aquilo que eles estão a dizer, ninguém sabe de que é que eles estão a falar, percebes? E eu acho que isso, acho que o humorista sobretudo tem que ter muita vida social e quanto mais relações tiver e eu não estou a dizer agora que vou andar aí a picar a torto e a direito mas passar por relações, casar- também acho que é importante- divorciar, perder um tio, percebes? Quanto mais vida tu tiveres, melhor é para o meu trabalho. Acho eu.

E o que é que chegou primeiro para ti? O humor ou a vida social?

B: Pá, eu acho que no segundo ano ou terceiro não tinha grande vida social. Mas...

E chegou o humor para alcançar a vida social?

B: Pois, sim. Isto é uma bola de neve. Tu para te integrares comesças a tentar ter piada, para seres aceite e depois de seres aceite comesças a ganhar mais vida social e tendo mais vida social mais fazes rir os outros. E percebes que aquilo resulta e, sim, e comesças a dar-te com as pessoas que tu queres e não com as que te são incutidas, não é? Isso é o que acontece muitas vezes com os nerds, nas turmas. Muitos deles não se dão só com aqueles dois que tem olhos e que são geeks porque querem. Dão-se porque os outros não os aceitam. Não é uma opção deles, não é? E o humor tu, tendo piada podes picar varios grupos. Acho eu. E acho que os humoristas tem esse... pá, existem poucos humoristas que são snobs, que são elitistas. Porque acho que gostam de falar com varios grupos. Com os goticos, com os betos, com os mitras, e gostam de espremer várias referencias.

E achas que tem haver com isso, com adquirir experiencia de vida? E com o meio social, quanto mais abrangente mais piada.

B: Sim, alias, acho que normalmente são quase todos assim porque os humoristas fazem grande sucesso, normalmente para lidar com muitos tipos de pessoas, com malta muito rica, com malta muito pobre, com betos ou não betos, co agrobetos. Porque? Porque depois, quando vão fazer comédia conseguem agradar ao maior numero de pessoas.

E Então, o humor para ti serve para te agradar a ti proprio primeiro ou aos outros? Eu não quero que penses nisto como uma coisa má, falaste agora do agradar ao maior numero de pessoas.

B: Sim, sim sim. Epá, eu acho que no fundo é para agradar aos outros. Abocado estava a dizer que fazia para me rir mas não, eu faço aquilo que eu acho graça mas no fundo o que eu quero é ter o alauso do publico no final e a gargalhada imediata, percebes? Porque se não, pá não estou aqui para fazer humor para a minha mãe que também não saio da cepa torta mas acho que é isso.

E Ao longo da tua infancia te imaginas-te –te a fazer aquilo que fazes hoje?

B: Acho que sim. Acho que sim. Eu desde puto que comecei a papar muita comédia, os gato fedorento mas mesmo antes via tudo o que dava, Hermans, tudo. Ewpá, eu acho que desde puto sempre soube que era aquilo que eu queria fazer. E agora via alguns episodio, agora quando tinha 18 19 anos via Salvador Martinha e outros que diziam que o problema das pessoas, e eu também concordo muito com isso, é terem muitos planos para a vida. Tu se calhar não vais concordar comigo, e até vais achar isto uma bocado não como uma verdade. Eu acho que as pessoas devem fazer muitas coisas e devem fazer aquilo que gostam mas, ás vezes, é gostava de ser pianistas mas vou tirar um curso de economia pelo sim pelo não. E acho que as pessoas assim, como dividem atenções não são muito focadas naquilo que querem e as vezes não fazem bem nem uma coisa nem outra. Eu como a unica coisa que eu quero é ser comediante, só tenho esse plano para a minha vida, é muito complicado que aquilo corra mal. Sempre fiz a escola, sempre achei que ou era na escrita de comédia ou era na escrita, ou era a ser criativo mas sobretudo estar sempre na area do humor. E pronto, acho que desde de pequeno estive sempre muito focado. Depois foi uma altura que tirei o curso de escrita e um outros dois e pronto, foi facil.

E Fácil mais ou menos, nasceu como admiração aos outros também?

B: Sim, acho que isso acontece a toda a gente. Não conheco muitos gajos que tenham uma carreira, que não vêm muita comédia, que tenham muita piada, percebes? Acho que comesas por ver os outros e admiras muito “pá, este gajo esta-me a fazer rir

tanto, mas como é que ele consegue?!” È da voz, é o texto, mas o que é que ele esta a fazer para conseguir fazer rir-me a mim e aquelas pessoas todas? E depois, sem querer, comesas a imitar tecnicas. Sem querer, sem querer copiar no dia a dia comesas a usar formulas que tu viste a fazer e depois usas isso nas conversas com os amigos e isso tudo. Portanto, acho que primeiro comesas porque admiras aquelas pessoas.

É preciso muito trabalho. Pareco um jogador de futebol a dizer isto mas é verdade. É preciso muita experiencia de vida mas acima de tudo é preciso muito trabalho. Acho que a fuldade é importante. Eu acho por exemplo, eu agora não me vejo a trabalhar numa empresa mas irrita-me por dentro porque eu acho que se trabalhasse numa empresa ia ter muito material bom para escrever. E eu acho que é importante, falar sobre a empresa, sobre a porca da contabilidade, sobre o gajo das fotocopias... e acho que isso também é um erro de malta como eu, que começa muito cedo nisto e depois quando dá por ela está a ganhar dinheiro cedo e não tem esse tipo de trabalhos, como eles tiveram todos. Por isso é que os gato fedorento tem imensos skets que é de empresa, muitops deles trabalham em empresas e depois as pessoas identificam-se com isso.

E Pais. Familiares mais presentes em ti:

B: Normalmente dizem, não sei se já ouviste isto, mas os filhos normalmente vivem

com o objectivo, sempre, de ultrapassar os pais. Normalmente. E o meu pai, sinceramente, acho que é um homem normalmente com muita piada, percebes? Tem um ar muito sarcastico e isso tudo. E acho que isso, provavelmente também teve influencia de eu querer fazer rir as pessoas. Perguntar porque é que o meu pai se senta a tentar fazer rir nos jantares de familia? Será qe é o correcto? Porque é que estamos numa loja de roupa e ele mandou agora aqui um bitete certoiro e esta a fazer rir a senhora que está com as leggins na mão.? Também gostava de fazer isto, percebes? E acho que é por ai. Só que o meu pai não é comediante, é gestor. É uma coisa um bocado diferente mas acho que começa por ai. Não sei se queres que fale como é que a minha familia vê a comédia...

E como é que tu ves a tua familia?

B: Acho que toda a gente acha que não tem uma familia normal. E a minha família

pá, a minha família... Eu acho que a minha família é completamente normal. Eu gostava de dizer que eu sofri muito, naquelas entrevistas em que eu lutei. So lutei porque havia alturas... epá não, é pá, sempre tive tudo, até demais se calhar. Tipo, nunca tive pais... nunca se divorciaram, tenho os meus pais ainda, nunca discutiram muito. Tenho uma irmã, que me dou bem com ela, tem 15 anos. Houve uma altura em que não me dei bem com ela mas pronto, isso é normal. E pronto e é isso. Se calhar, pronto o ricardo araujo também já falou disso, mas eu tive um avô, que morreu para ai á dois anos, que tinha um ar muito pesado, eu desde puto que gostava de fazer o gajo rir. Eu acho que também é isso, porque era impossível ele rir-se, completamente impossível ele rir-se. Eu lembro-me desde puto de mandar-me de sítios para bater com a cabeça para ele se rir, fazer macacadas á frente, gostava de puxar a saia á minha avó para ver se ele se ria. E acho que se calhar começou aí, se calhar começou aí quando eu era puto. Esse desafio de fazer rir o avô e depois o meu avô esta sempre sisudo. Falava muito pouco, eu se calhar as únicas palavras que ouvi era: “sim”, “o jantar está pronto? Não”. Tive os meus avós presentes, tios também, não há grandes chatices. A minha família é completamente normal. As vezes penso, se calhar podia ter tido mais material, se houvesse uma morte, ou violência doméstica ou assim mas não há.

E esse puto que dava cabeçadas na parede tinha quantos anos?

B: Foi para ai até aos 10/11, por ai. Mas desde de muito pequeno. Acho que até na praia que a minha mãe contou-me uma historia de eu, em putos, ainda não tínhamos capacidades de fazer estas brincadeiras mas eu fazia do género. Tirar o chapéu de um e meter nas cuecas das miúdas. Mas desde puto, com 3 anos. Quem é que com 3 anos quer fazer este tipo de coisas, não é? Ou é demente ou está ali para, epá nem sei.

E Há mais alguma coisa que queiras acrescentar?

B. Acho que já falamos de tudo... Ah. Todos os humoristas tem tendência para ser depressivos. Acho que isto vai ser importante para ti. Epá todos os comediantes são muita depressivos. Eu sou depressivo, eu tenho momentos...por acaso agora sai de um há muito pouco tempo, porque eu sinto realmente que se eu fosse a um psicologo ele dizia “tu estas com uma depressão”. Daqueles mesmo que não quer sair de casa, de ficar a achar que a nossa vida não faz sentido nenhum, tu não ves horizonte, percebes? Não te

sai nada criativamente. Achas que és uma porcaria, achas que não estas aqui a fazer nada. Isso acontece-me imensas vezes, varias vezes ao ano. Varias vezes ao ano, como fases. Eu posso ter sempre vida social, e ter espetaculos e isso tudo mas venho para casa completamente arrasado. Uma coisa é ser uma pessoa alegre, bem disposta. Mas eu posso ser alegre e bem-disposto e não estar feliz. Pá, isto acontece-me varias vezes. A mim e não só, aos comediantes todos que eu conheço. Têm todos tendencias depressivas. Desde o rui unas, rui sinel de cortes, ricardo araujo pereira, têm alturas... porque? Porque o humor vive muito da auto-estima. Tu sobes ao palco e não tens muita auto-estima, as pessoas sentem isso e tu no fundo... qual é que é a profissão de ser comediante? É tu estares num palco, sempre, a tua vida toda e as pessoas dizem: ou tens piada ou não tens graça nenhuma, ou tens piada ou não tens graça nenhuma. E por exemplo, tu vens de uma atuação que correu muita mal, as outras vezes que tiveste que correram muita bem, que disseram que tu es um genio, tu só vais pensar naquela, porque? Porque as pessoas vão dizer: “ele agora já não tem piada” teve 10 actuações que tiveram graça mas se virem uma em que tu não tens piada nenhuma e é mesmo vergonha alheia que as pessoas sentem, dizem isso de ti- que tu agora já não tens piada. Já dizem isso do Herman, já começam a dizer isso do ricardo araujo pereira. E eu acho que isso é muita complicado gerir. Por isso é que há uma quantidade de comediantes que se suicidaram. Imensos, imensos.

E quando saís do espetaculo, que correu bem, qual é a sensação que fica?

B: Fica que estas a fazer as coisas certas. E alias, há uma coisa que me acontece muito. Se eu fico muito tempo sem ter um espetaculo, por acaso que fiquei 2/3 semanas sem actuar, e comecei a entrar numa espiral de... depressiva. Fiquei mesmo a sentir mal. E o espetaculo é isso, quanto corre muito bem estas no auge. Por isso é que até acho que os humoristas são muito ligados às drogas, como a cocaína porque mexe-te. Eu não por acaso, nunca toquei nessas coisas. (não quer dizer que não vá tocar) Mas conheço muitos que tocam, tocam nesse tipo de coisas. Muitos até usam isso para escrever. Isso eu percebo, e não sei se um dia vou usar, quando quiser dar o proximo passo, percebes? Porque aquilo tira-te tabus. E pronto pá, mas quando te corre mal (suspiro), é do caraças. Porque depois, corre-te mal, as pessoas, quando estão lá amigos teus: “então pá, isto estava giro. Foi giro, o espetaculo”- Mas depois mudam de assunto e não falam muito daquilo, é porque normalmente percebem que te correu mal. E tu comesas a

pensar em tudo “será que eu estou aqui a fazer bem”, “se calhar devia era escrever outra coisa”

Fica muito isso. Ou que não tenho piada nenhuma ou que estou aqui a inventar. Eu acho que todos passam por isso. Tipo “vou mudar....”. e acontece não só no palco mas. Nós lançamos skets todas as semanas. Nós estivemos em dupla, ou há um que escreve. Quando a ideia parte tua, e isso as vezes aconteceme, escrevo um skets e o skets não resulta. Tipo, não há bom feedback, o skets é um bocado flop, isso aí bate um bocado. Fico a pensar um bocado naquilo. Porque eu acho que um comediante é como um jogador de futebol, que é do genero, o paulo bento também já disse isso que é: tu fazes não sei quantos jogos e és o maior, mas se no ultimo tu estiveste mal tu já es uma merda. E estas sempre a ser avaliado ao minuto. Não é como uma carreira como gestor, ou como escritor, em que se tens alguma peça que não é boa, ou um livro que não é bom. Tu ali, tu vales aquilo que tu és no ultimo momentos, por isso é que se os futebolistas se encostarem, se não estiverem sempre a trabalhar e a aparecer com coisas novas e isso tudo, vem um gajo com mais piada que eles e eles enconstam-se e pronto. E ficam desempregados e sem trabalho.

E: quando entras naquela espiral, no que é que pensas?

B: Penso nisso, será que não estou aqui a hipotecar a vida. A bater tanto aqui nesta

tecla e estou sempre na angustia. Na angustia antes dos espetaculos, se corre mal estou depois angustiado. E depois a pensar, pá não, não vou fazer isto. Estou aqui a perder tempo. E sabes o que é que acontece nessas alturas? Nessas alturas todas as referencias negativas que tiveste ao teu trabalho, ou da familia ou dos amigos, vêm todas ao mesmo tempo. Podem ter sido poucas mas tu naquela altura, como estas em baixo pensas nisso tudo. Pensas: “epá, e daquela vez em que me disseram que eu não devia estar aqui? “. Depois comesas a juntar, pensas nisso naquele dia, no dia a seguir pensas também. E depois cada vez que te mandam... se tu estas numa fase depressiva, que é o me acontece, cada vez que há um input que te dão negativo, aquilo estraga logo o dia todo. Tu até podes acordar bem disposto mas vinhas de uma fase de há dois ou tres dias depressiva e dizem-te uma coisa do genero: “estas a ver aquela tua piada no facebook ou nos bumerangue não correu assim tão bem”- o teu dia, já fica estragado. E quando estas numa fase boa tu agarras-te as coisas que te são (trisiveis!?)

E portanto, passa muito pela opinião dos outros?

B: Claro claro, muito muito. Nós vivemos da opinião dos outros. Um gestor vive de
numeros. Não pá, nós vivemos da opinião dos outros. Ou tu tens muita piada, ou não tens piada nenhuma. E isso é uma angustia do caraças.

E já aconteceu de certeza uma piada em que tu sentes que está ótima e a outra pessoa não vê assim...

B: Muitas muitas. A outra e várias. Por isso é que o stand-up ao vivo é das coisas
mais completas que há. Porque? Porque tu escreves as piadas. Tu na televisão tu não sabes. Nós temos os skets a passar na televisão e aquilo passa, as pessoas não estão muito focadas naquilo. As pessoas acabaram uma relação e estão a ver aquilo, não sabemos se é audiência ou não é audiência. Ao vivo tu escreves uma coisa, tu achas que tem piada. As pessoas ou riem ou não riem. Por muito amigos que sejam, ou acham piada ou não acham. E acontece muito. E acontece também ao contrário, coisas que eu acho que não tem piada, e digo porque naquele dia me apeteceu dizer aquilo, porque comédia também tem muito improvisado, e as pessoas riem-se muito. E há dias em que por exemplo, uma pessoa acha que tem uma piada do caraças e chegas lá ao público: Ninguém ri. E voltamos a tentar, e na terceira actuação voltamos a tentar e há uma altura em que temos de matar a piada. Porque já percebemos que aquilo não resulta.

E o que sentes quando tens uma piada que resulta mas do outro lado dizem que não

B: Sente-se em palco... epá tu tens de conseguir (poupar despassar), por isso é que
o stand up é giro. Tu tens piadas ou motivos que dás as pessoas para se rir e se há uma que não resulta, tu saltas para a outra. O pior é quando há muitas que não resultam. E isso fica lixado.

E são os dias em que saís do palco e estas...

B: Sim. Também. Ou também acontece muitas vezes, tu estas depressivo e vais

fazer exactamente o mesmo texto que tu fizeste á um mes em que fizeste rir toda a gente. Mas como não estas com o feeling as pessoas não se riem. Porque a entrega é muito... é importante.

E: acontece o tu estares depressivo, subires ao palco. As pessoas riem e saíes de lá bem?

B: Ah sim sim. Isso acontece. Alias, o publico do porto é um publico que se ri de tudo. Tu dás um passo as pessoas já se estão a rir e eu por exemplo, vim do porto ontem e relamente estava nessa, foi o que eu estava a dizer, estava nesse momento depressivo. Eu ia ao Porto e já sabia que aquilo me ia levantar o astral. E é verdade. Cheguei lá, nem estava muito confiante. Não me entreguei como costume entregar. Não fiz muita interação com o publico, não estava muito confiante e as pessoas riam-se. Eu saí de lá bem. Com a auto-estima porreira. Isto já não me acontecia... Se tu me dissesse assim: vais atuar agora a Borba. Que já me aconteceu, em que o publico do alentejo não ri por nada. Eles vão lá, sentados a dizer: Faz-me rir! Estas a ver? O publico do Porto vai lá para se rir. Ainda não me conhecem mas já acham que eu sou um prato. E isso ai, claro. Claro que faz a diferença. Muitas vezes nós também entramos em momentos depressivos porque estamos numa serie de actuações que correram mal. Ou de piadas que resultaram mal ou de skets que resultaram mal ou de piadas que eu escrevi para outros e eles mandaram para tras.

E tu fazes isto do humor, e fazes mais alguma coisa?

B: Sim. Estou a estudar. Estou em Estudos Gerais. É um curso que começou para ai à tres anos, tem havido ai uma grande polémica. Primeiro curso em portugal, para já sabes que istonos Estados Unidos fazes as cadeiras todas que tu quiseses. E depois ou funciona por especialização, por mager e por minors. Por exemplo posso ter mager em escrita ou minor em markting. Ou então fazes as cadeiras a torto e a direito que te dão gozo. Como eu estou a fazer que é escrita criativa, escrita de argumento de televisão e podes ter cadeiras em varias faculdades.

E Porque é que escolhes-te esse curso?

B: Porque o meu unico plano A é a comedia. E como eu não posso. Quer dizer, poder até podia, bazar já de casa e ir viver mas ir viver á rasca, eu tenho de ter um alibi para os meus pais pensarem que eu ando a fazer alguma coisa porque eles acham que isto da comédia é giro mas não é vida para ninguem. Eu não posso estar em casa só a viver da comédia, porque isto para eles é... eu não tenho um ordenado, uma coisa doida para poder estar a viver á grande. Podia viver, com dois ou tres amigos numa casa, pá mas não ia viver como eu gosto de viver agora. Não ia ter dinheiro para a gasolina a torto e a direito e esse tipo de coisas. E tendo um curso tenho um genero de justificação, de alibi, até isto da comedia começar a dar dinheiro a serio.

E: o que é que o teu pai acha?

B: Epá, ri-se. Acha muita piada e tal mas acho que ele ainda não percebeu bem... quer dizer agora com a televisão e com reportagens para a visão, já acha que isto é uma coisa mais menos a serio mas ainda vê: “pronto, ele está lá com as macacadas mas aquilo depois passa. Depois eu meto aqui uma cunha nos jogos Santa Casa e ele vem trabalhar em gestão, em marketing ou qualquer coisa”. A minha mãe acredita mesmo que é isto que eu vou fazer e aceita isso. O meu pai não lida muito bem com isto. Acha piada, ri-se e tal. Acha muito mais piada... Gosta muito dos outros, do Rui Sinel de Cortes e isso tudo. Acha muita piada a mim mas acha que não devo ter a mesma vida que esses, Salvador Martinha e Rui Sinel de Cortes. Porque acha que isso não é vida.

E: o que é que tu sentes em relação a isso?

B: As vezes estou numa luta constante de tentar mostrar ao meu pai de que isto é verdade. Do genero: “epa, oh pai, agora nesta semana vou atuar com o Bastos” “aparecemos na capa da Visão, na altura em que o Socrates foi preso, o que é lixado” e isso tudo, tento mostrar ao meu pai que eu estou a trabalhar. E é complicado, quem é que acha que dizer umas piadolas ou escrever uns videos é trabalho? Não é nada, é sorte. Acho que as pessoas pensam muito ainda: nós vamos para lá e pronto e é o que acontece. E no palco é a mesma coisa, ninguem acha que isto dá muito trabalho ou que se possa viver disto. Agora com os Ricardos Araujo Pereira e Brunos Nogueira sim, porque eles aparecem com bons carros e já acham que isto dá dinheiro.

E: Como é que é o processo criativo?

B: Quando há prazos é lixado, o que eu faço é: vou a um sitio, tou sempre com o

Iphone sempre com as notas ligadas e aponto, qualquer coisa tipo o apagador está assim. A cena do saquinho e aponto. Raramente vou ao cabeleireiro e há uma senhora que sai com uma permanente gigante. Depois pego naquilo tudo, chego a casa e escrevo. Mas as vezes é lixado, olha isso é outra coisa. As vezes para sair stand up é lixado. Acho que é mais fácil escrever em dupla. Porque ele manda uma ideia ele manda uma ideia, tu mandas outra. Em casa é, estas ali, tens uma folha em branco e tens de ter piada. As vezes temos textos para entregar no dia a seguir e é lixado, porque tens de ter uma coisa com piada e tens 0 lines e as vezes o tempo está a correr e aquilo não sai nada porque não estas inspirado.

Eu todos os dias estou sempre a trabalhar, o humorista esta sempre a trabalhar. Vim aqui, vi um senhoir africano ali há porta comecei logo a apontar, comecei a ver os cursos e sempre a apontar. O problema é quando eu já usei aquele bloco de skets ou para textos ou para a radio e isso tudo e depois quando vou as notas já usei tudo. E não sai nada a partir dali, percebes?

E:O problema não é tu criares algo a partir do que viste, é não veres nada?

B: Sim, por isso é que nós quando estamos nesse processo depressivo o ideal é sair

de casa, ir beber café para uma esplanada ou qualquer coisa. Porque tu em casa estas fechado naquelas paredes e não te vai sair nada. Eu costumo muitas vezes sair para me ir sair para sitios, as vezes sitios parvos, as vezes meto-me nas fnacs ou nas lojas de gajas sozinho só para ver se tenho ideias.

E:No processo depressivo não te costuma sair nada?

B: É muito mais complicado

E:Tens de te obrigar a sair?

B: É muito mais complicado. Depende também do processo depressivo. Se for um

processo depressivo por ter acabado uma relação ou por estar a correr alguma coisa mal que não tenha haver com a comédia, não. É fácil, por tudo. Tu estas a pegar naquilo e estas a sofrer. Agora quando é uma coisa depressiva só da comédia, dos textos te correrem mal, de não estares a ter o feedback que querias e isso tudo, é lixado. É muito mais complicado do que quando estou com o ego em altas.

E:porquê?

B: Porque quando estou com o ego em altas parece que as coisas aparecem. Parece que as coisas vem ter contigo, tu não precisas de expressar muito. Não sei explicar, se calhar também saís mais de casa e isso se calhar pode estar relacionado. E as coisas parece que vem ter contigo, há uma pessoa que caiu, há uma pessoa que passa de calças com chinelos ou calças de ganga da salsa com crocks, percebes? E pá, não sei. Se calhar estas com disponibilidade mental para ver as coisas, quando não estas tão depressivo, quando não estas depressivo, pronto.

E:o que é que acontece quando estas depressivo?

B: Fico muito refugiado nisso de pensar se isto aqui está a dar certo. Corto-me muitas vezes, fico sem muita vontade para sair de casa. Muitas vezes saio também mas...

E:E quando saís?

B: Quando saio, raramente se não for para actuar, raramente isso me tira do momento depressivo. E o que me acontece, para ser mais claro, é não ter perspectivas de futuro. E não ter grandes planos de futuro. Achar que... não ter grandes expectativas nem perspectivas de futuro.

E:Nesses momentos achas que não teres o plano B..

B: Penso penso penso. Estou sempre aqui a tentar vender a minha ideia. “Pá trabalha para isso, uma coisa é tirar um curso que tu odeias, estas aí à anos e não gostas disso. Faz aquilo que gostas, só, só aquilo que gostas.” E agora ando a dizer isto e ando-me aqui a questionar? Penso muitas vezes nisso, mas pronto, o espetaculo foi muito bom e cago nisso.

E:Achas que é para isso que cá estamos?

B: Claramente. E acho que as pessoas estão a começar a perceber isso. A ideia não é... eu agora pareço um gajo todo bloco de esquerda a falar... Acho que o problema das pessoas é isso, as pessoas vão muito por aquilo que a vida lhes proporcionou, percebes? “Porque eu tinha uma amiga que ia para psicologia e eu fui também, porque é a minha

melhor amiga e tal, e os pais também vão achar bem. Vou para gestão porque o meu pai vai achar bem”. E depois vives a vida toda nisto, depois casas, trabalhas e ganhas dinheiro. Para que? Para comprar coisas! E no fundo é isto, tu realmente podias ter o sonho de ser patinador, de ser criativo, de ser actor, de ser viajar, de ser professor de mergulho, por exemplo. Agora conheci um caso, de um gestor que estava a receber 7 mil euros por mes, uma boa empresa cá em Portugal e aos 29 anos largou tudo e foi receber 500 para a Argentina para ser mergulhador. E está feliz da vida. E há actores que também são assim. E eu acho que o problema das pessoas é esse.- Vou tirar um curso de gestão. Por acaso tive para tirar gestão de recursos humanos ou gestão mesmo. Mas depois o que? Ganho dinheiro, tenho uma vida mais ou menos estável. E depois? Vida só há uma, e irrita-me muito essas pessoas. O que é que eu quero se daqui a 20 anos? E trabalhar muito para isso. Acho que é isso, acho que os sonhos dão muito trabalho. Tens que fazer por isso, não é esperar que as coisas venham ter contigo. Eu por exemplo, estou a trabalhar nesta comédia, não foi uma coisa à sorte. Foi um bocadinho mas também fui ter com as pessoas certas. Esforcei-me por isso. E acho que as pessoas deviam fazer mais isso tendo só um plano A, mantendo-se focadas.

Transcrição da aplicação do T.A.T:

Cartão1: pá risos. Primeiro é a parte que este miúdo passou por um flagelo que é o cabelo á tijela. Obrigaram os putos todos a fazer cabelo á tijela. E agora só: eu acho que deviam obrigar os avós e os pais desta altura, nos lares, chegar lá um cabeleireiro tipo Eduardo Beauté e fazer o cabelo á tijela. Que nós andávamos andávamos todos na creche com o cabelo á tijela. Mas basicamente: parece-me um puto um bocado saloio mas que teve a sorte de nascer numa família elitista. Pá mas o gajo é bronco mesmo. É bronco. E decidiram meter-lhe no violino para ver se o gajo fica mais erudito. E pronto, é um bocado gozado pelos colegas. Nota-se. Mas pronto, tem o violino e tal e dá para safar. Mas o gajo nem nisso se safa. E pronto. E cresceu e foi engenheiro. Mas odeia aquilo que faz.

Cartão 3BM: esta senhora aqui. Posso? É uma costureira dos anos 30 que levava porrada do marido. Ela levava porrada do marido e o marido, houve um dia, que chegou e deu-lhe um enxerto que ela teve que fugir de casa. Epá, eu tou muita down, isto vai

dar ... pá deu-lhe um enxerto e ela teve de fugir de casa. E levou tanto que acabou por desmaiar no meio da rua. Claramente. Os filhos ficaram em casa também a levar que ele é que parte

Cartão 6BM: pá isto eu tou muita down.

Olha, este aqui é um filho que vai dizer á mãe que o irmão gémeo morreu. E ela ainda não sabe bem. sabe que ela está doente mas não que.... Pronto não sabe que ele vai morrer. E ele ainda não sabe como é que vai contar. Mas ela já está mais ou menos a sentir a coisa. Esta a olhar pela janela que estava á espera do carro e tal. Que este senhor aqui estava de carro.

Cartão 7BM: sei lá, deixa-me ver se tiro daqui uma coisa gira.

Pá estes dois senhores estão no tribunal. Estão no tribunal. E este é o pai deste senhor e está á espera que a custódia do filho (personagem não figurada na fig) venha para aqui a este senhor que é o pai da criança. E este senhor aqui é o avô e neste momento estão a ouvir as alegações finais do processo. E o pai está-lhe a dizer “calma, que isto vai correr bem. A gaja é uma vaca.”. ri-se

Cartão 13MF: Aqui: este rapaz aqui parece-me um homem. Está aqui a mulher não é, está com a namorada. Tem cara de ser jornalista e pronto. Está-se a levantar, teve uma noite gira. E para não a acordar porque gosta muito dela. Pronto, está-se a levantar para ir trabalhar. O gajo gosta mesmo daquilo que faz. Está só a limpar a cara que está com um bocado de remelas e está de fato e gravata e vai trabalhar. E é um intelectual. E é ele que a sustenta que ela também já devia estar acordada.

Cartão 13B: Eu não sei bem se isto é na praia. Isto é um puto, estão lá mais putos atras. O gajo está a passar férias em Vila Nova de Mil Fontes. E pá está á espera. Deve estar a jogar ás escondidas e os putos estão-se a esconder ou... Está um gordinho qualquer a levar porrada lá atras e o puto está a fazer tempo para ir á procura deles. Só que o gajo está muita contente. Os pais foram duas semanas e tal e o puto curte disto. Está descalço mas pronto foi uma opção dele.

Cartão16: era uma vez um rapaz que... Que... sempre foi o melhor em quase tudo aquilo que fez. Chegava tipo uma altura na vida em que era o melhor naquilo que conseguia fazer. Queres uma historia mais completa, não? Tipo era um rapaz que era o

melhor naquilo que fazia e foi sempre, na adolescência toda. Quando era o melhor fartava-se daquilo, mudava de desporto, mudava de hobbie. Quando chegou tipo á idade adulta, um bocado confuso ainda. Sempre com os problemas dele. Descobriu realmente aquilo que gostava de fazer. E decidiu para o resto da vida dele e para alem de ser o melhor naquilo, fez com que ele ficasse na historia. E... e não conseguiu (ri). Chegou lá taca taca, não foi o melhor, foi para ai o segundo ou terceiro melhor da profissão dele. Mas não ficou na historia. Pá não é o mais falado mas ficou na historia.

O que é que ele fazia?

Era comediante. E pá, morreu tarde mas ele não queria morrer tarde. Morreu lá para os 80 e tal mas a partir dos 70 aquilo foi uma seca. E pronto olha, esperou. Também não tinha coragem para se matar

Anexo E: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T do Caso Pedroso

Pedroso (P): Ok, então: eu tenho 33 anos, vivi a minha vida praticamente toda na linha de sintra. Vivi até aos 8 anos no cacém e depois fui com os meus pais para londres durante três anos. Vivi em londres 3 anos, voltei depois para Portugal com 11 anos e no cacém também. Onde vivi com eles com eles até aos 24 ou 25. Actualmente vivo em Queluz, portanto não fugi muito do sítio onde eu vivia. Ali está o meu núcleo familiar e amigos também.

Entrevistadora (E): Foi por isso que não fugiste muito desse sitio?

P: Sim, também. E também porque o nível de vida ali é mais barato do que o centro de lisboa, por exemplo. Eu trabalho essencialmente mais no centro de lisboa, mas não estando muito longe, de comboio ou de carro consegue-se chegar rapidamente ao centro de lisboa.

A minha educação não tem nada a ver com o que eu faço agora profissionalmente. Eu sou licenciado em educação. Professor de português e ingles de 1º e 2º ciclo. Trabalhei em alguns ATL's depois de terminar a licenciatura. Também tinha um curso de monitor de ATL, só que por variadíssimas razões, talvez também por... por... desinteressei-me pela educação e por tudo o que aconteceu quando terminei o meu curso praticamente ninguém teve entrada na... para dar aulas e eu fui uma dessas pessoas e aos poucos fui-

me desinteressando e simultaneamente apareceu-me a oportunidade... Eu, há 10 anos atrás, um bocadinho mais de 10, para aí há 11 anos atrás, ligava para o... deu-me um dia para ligar para o curto circuito, programa da sic radical, a fazer uma personagem, um ucraniano que era o Brodsky, ligava só a fazer uns telefonemas por brincadeira, não tinha mais nada para fazer. E depois aquilo foi correndo bem...

E: Por iniciativa tua?

P: Por iniciativa minha, estava em casa, não tinha nada para fazer. Um dia decidi ligar para lá com um sotaque ucraniano. Aquilo correu bem, eles acreditaram que era um ucraniano. Começou a haver uma interação com o programa, com os apresentadores, com a produção. Às tantas já eram eles que ligavam para mim, para entrar em directo. Um dia convidaram-me para ir lá assistir ao programa e depois o Fernando Alvim - que estava a apresentar o programa- disse-me que tinha gostado da minha interação e que um dia iria ligar para nós trabalharmos juntos. E eu disse: “Claro. isso nunca vai acontecer. Ele deve dizer isso a 50 pessoas diferentes” E um belo dia estava a trabalhar num ATL e recebi uma chamada dele e ele disse “Olha, aquele dia que eu um dia te disse que ia chegar, é hoje! Tas pronto para isto?” eu disse “bora lá”. Começámos a fazer um programa de radio aos sábados na Antena X. E até aí as coisas foram evoluindo. Estreei-me no stand-up um bocadinho sem saber que me ia estreiar no stand-up. Que ele convidou-me um dia... Nós estávamos a escrever um programa num domingo à noite, na casa dele, um programa de rabula. Disse-me: “olha, era giro, se calhar, se quiseses experimentar fazer stand-up pela primeira vez” Eu disse: “pá sim, quanto tempo é que queres que eu faça?” “5m” Eu disse “Bora tá bem”. Éle disse que era na terça-feira“ E eu fui não sei quê, logo para casa, domingo e segunda, escrever alguma coisa. Na terça feira ele liga-me Às 2 da tarde a perguntar “então, tas pronto?” e eu: “sim sim. a que horas é que queres que eu esteja na radio” e ele: “radio? Isto é para estar no Santiago Alpinista, que está esgotado há não sei quanto tempo” E eu “Pronto. Ok. Tudo bem.” Então fui, um bocado assustado como é obvio, não é? E não correu espetacularmente bem mas correu bem o suficiente para eu querer continuar a fazer e agora em dezembro de 2014 fez 10 anos que me estreei então e... e pronto. Tenho vindo a evoluir em diversos aspectos, tipo, fiz uma rubrica no curto circuito também, alias, duas. Com o Brondsky. Tenho estado agora mais ligado à parte do stand-up, estou mais a actuar ao vivo. Estive também agora, há pouco tempo, a escrever um programa de televisão com o Rui Sinel de Cordes e o Cristóvão, os Anjos Negros

E: Hmhm

P: Que ele também te deverá ter falado.

E:Estou a par.

P: Ok. Entre outros programas que nós estivemos a escrever e pronto. Este ultimo ano tem sido... de 2014 até agora... tem sido muito bom a nível profissional e vamos ver se é para continuar, espero que sim (muito baixo).

E:Falas-te me de muitas coisas, e eu espero não me esquecer de nenhuma. Queria que me falasses um bocadinho mais mesmo dos inícios, como é que era viver no caceem, como é que eras tu com os amigos, com a família... por aí

P: A minha vida com a minha família, os meus pais... a minha mãe é muito mãe galinha. Eu sou filho único. É super mãe galinha e só não é mais porque eu a impeço de ser mais. É daquelas mães que por ela... Eu vivo sozinho mas por ela, ela ia a minha casa e ela é que queria fazer as coisas todas na minha casa. Ela vai lá jantar com o meu pai, de vez em quando, como eu vou a casa deles, normalmente. Ela tenta, tentou sempre proteger o seu filhinho que saiu do ninho já há alguns anos, bastantes até. Só que para ela continua a haver essa proteção toda. O meu pai é um bocadinho mais desligado mas... eu nunca tive aquele tipo de relação com os meus pais de partilha de tudo. Foi mais uma...como alguns amigos meus têm de contar tudo aos pais eu nunca tive muito isso. Adoro os meus pais, eles gostam muito de mim mas são pais ponto final.

Com os meus amigos: eu lembro-me... eu tenho um núcleo de amigos que não é muito grande mas a maior parte deles já era dos meus tempos de infância, desde o 5º 6º ano 7º que é mais/menos o mesmo grupo de amigos. Vai entrando um, vai saindo outro por ocasiões da vida, não é, mas tem sido mais ou menos os mesmos. Nos últimos anos entraram mais alguns, desde que comecei mais profissionalmente a trabalhar na área da comédia. Vou ganhando mais algumas amizades com mais algumas pessoas que vou conhecendo. Ahm... mas essencialmente é um grupo pequenino, eu também não... É um bocado, se calhar, contraditório mas eu sou uma pessoa um bocadinho tímida quando não conheço as pessoas. Que é um bocado contrassenso porque tenho de estar em cima de um palco muitas vezes, em frente a 500 pessoas ou 1000 pessoas e aí, se calhar, é muito um personagem que a gente, às vezes, leva para cima de um palco e é...

por isso mesmo também não tenho um grupo de amigos muito muito grande, tenho aquele grupo, aquele núcleo pequeno mas que sei que vão lá estar para mim como eu vou estar para eles também.

E: E como é que foi ires para Londres?

P: Foi bom. Eu era pequeno, tinha 8 anos na altura portanto eu não sabia falar inglês. Os meus pais não sabiam falar inglês e eu meti-me... os meus pais meteram-me numa escola. De parte de manha era a escola inglesa normal com os miúdos todos e à noite tinha a escola portuguesa para continuar a fazer o ensino português. Pá, não te vou mentir, no inicio foi muito assustador. Ainda por cima estava numa escola das 9h às 15h como eu estava de manhã sem saber falar ingles com pessoas que eu não conhecia de lado nenhum, foi um bocado assustador. Mas o sistema educativo inglês é muito inclusivo e o que eles fazem é: eles tentam meter os alunos que não sabem falar ingles misturados com os outros e depois, quando acabam as aulas, eles dão acompanhamento especializado para que estes alunos consigam aprender ingles melhor e mais rápido. E foi... acabou por ser fácil porque também era numa idade mais jovem. É mais fácil aprender uma língua e acabei por também ser, no fundo, o tradutor dos meus pais porque eles não aprenderam tão facilmente então andava com eles para todo o lado. Tinha de ir com eles ao medico, às compras, a entrevistas de trabalho muitas vezes. Com 8 9 anos.

E: Como é que lidaste?

P: Eu como era pequeno não achava que aquilo fosse nada por ai além. Estava com os meus pais, os meus pais precisavam de ajuda e eu ajudava-os pronto. Era perfeitamente normal para mim. O que também foi bom porque também me ajudou a tornar um bocadinho mais autónomo em muitas coisas e a desvincilhar-me de muitas situações um bocadinho mais tarde e hoje em dia sei que muito daquilo que eu consigo fazer hoje, o desvincilhar-me, tem muito que ver com esses anos que eu passei em londres com eles.

E: Como é que era quando os pais não estavam lá e estavas das 9 às 15h na escola, sem saber falar...

P: No inicio foi complicado e como eu te digo sou uma pessoa um bocadinho envergonhada, sou tímido então deixava-me ficar na minha e lembro-me das primeiras

semanas, não abria a boca nas aulas. Sabia dizer Yes No, mais Maybe. Mais não. Os professores, os outros alunos sempre tentaram puxar um bocadinho por mim, pelas brincadeiras no recreio e tudo mais. Foram fazendo com que a interação fosse rápida e ao fim de 3 4 meses já estava perfeitamente integrado. Não sabia falar muito bem, na altura, mas já estava integrado sim.

E: E depois voltas-te para cá...

P: Sim, voltei para cá e, desde então, só sai de Portugal ou em trabalho ou de férias. E Londres ficou-me sempre um bocadinho na... na... já lá voltei de férias, depois. E ficou-me sempre aquele bichinho de ir voltar para lá...

E: Viver?

P: Sim. Se calhar, atualmente, hoje, já não digo isso porque profissionalmente é difícil agora estar a largar as coisas cá para começar do Zero noutra país mas ficou-me sempre esse bichinho porque gostei muito de Londres.

E: Como é que foi a ruptura? O...

P: O terminar lá e voltar para cá outra vez? Foi complicado porque ao fim de três anos já estas a...a... ambientado. Portanto larguei os amigos que eu tinha cá para ir para Londres, recomecei do zero, depois ao fim desses 3 anos tive de largar tudo e voltar. Não recomecei do zero mas sei lá... recomecei do 10, do 20.

E: Pegas-te no que já tinhas antes?

P: Sim, sim. Eu voltei... Nós voltamos a viver no mesmo sítio portanto pelo menos os vizinho e amigos ali à volta eram os mesmos portanto essa base foi foi...

E: A adaptação foi fácil?

P: Sim sim. senti algumas saudades no início e obviamente... eu também gostava muito de Londres portanto foi uma fase de adaptação... sim, acho que foi fácil. Posso dizer que foi fácil.

E: Estavas a falar também de queres voltar para Londres...~

P: Sim.

E: Talvez viver...

P: Sim.

E: O que é que farias lá, profissionalmente?

P: Ahm. Eu nestes últimos 10 anos em que estive a fazer comédia ou que faço comédia eu não fiz sempre, a 100% e a full time. Durante este tempo todo, os primeiros 3 anos foram full-time. Alias os primeiros 2 anos foram full time. Não. 3 anos, depois 3 anos seguintes estava a complementar... tornou-se quase um hobby porque comecei a trabalhar na área da banca. Que também é uma coisa que não tem mesmo nada haver. Para o Santander. Tive que trabalhar lá 6 anos, até ao ano passado. E desde então, até agora, voltei a estar outra vez só no humor e na comédia.

E: E é isso que te vês a fazer lá fora também?

P: Se fosse para ir lá para fora, neste momento, eu só me veria a fazer isso. Houve uma altura, quando eu estava a trabalhar no Santander, eu estive em vários projectos em que eles iam viajar para vários países e eu estive em Boston durante 1 mês e foi a primeira vez, desde a altura de Londres, em que eu disse “se me oferecerem trabalho aqui eu fico”- isso seria no Santander na altura, por isso, tirando Londres em que eu disse que me sentia mais à vontade, e que gostei muito das pessoas e da cidade e de tudo em que me via mesmo a ficar lá. E na altura seria para trabalhar na área da banca. E acredito que se tivesse surgido oportunidade na altura, porque a minha vida também era diferente na altura, provavelmente teria aceite e se calhar a área da comédia teria ficado...

E: Em segundo.

P: Em segundo ou se calhar completamente de parte. Se bem que eu sei que Estados Unidos são espetaculares para se fazer Stand-up comedy mas é muito difícil singrar no meio de milhões de pessoas e de milhares de comediantes que existem lá.

E: Como é que seria isso de deixar o Humor para segundo?

P: Oh era complicado porque eu já... Fiz uma vez, logo que comecei a trabalhar no Santander, e não foi nada fácil. Alias eu lutei contra mim mesmo porque... eu comecei a fazê-lo porque eu estava num relacionamento em que queria dar uma... passar para uma outra fase e precisava de mais algum dinheiro. Queria comprar uma casa com a

minha namorada da altura e então tive que tomar algumas decisões e essa foi a decisão que eu tomei. Eu pensei que fosse lidar facilmente com essa decisão. Não lidei. As coisas depois começaram... mesmo a nível pessoal começaram a vir por aí a baixo. Ficou sempre aquilo também... entre outras coisas mas o aquilo ter que ficar de lado mexeu muito comigo e do outro lado não tive a compreensão, se calhar, para o quão importante aquilo também era para mim e pronto. Depois acabou essa parte pessoal, por não funcionar. E passado 1 2 anos de ter terminado esse relacionamento voltei. Começaram a chamar-me outra vez para fazer espetáculos e eu não consegui resistir. E ainda bem porque hoje estou outra vez a 100% e muito feliz.

E:Porque é que foi tão difícil deixares o humor?

P: Eu entrei no humor um bocadinho por acaso, como eu te disse, não é? Com chamadas... não estava muito à espera. Com os amigos havia aquelas piadas e brincadeiras normais que há em grupos de amigos mas nunca na vida me tinha imaginado a fazer mesmo uma, portanto a viver disso. E na altura, quando tive que deixar, tinha acabado de ter as tais rubricas no curto-circuito, estava a ter alguns espetáculos e as coisas estavam a correr bem, não é? portanto mais difícil ainda se tornou deixar mas... mas foi uma decisão minha e como eu disse não foi fácil. Foi difícil. Não lidei lá muito bem com ela. Mas foi uma decisão minha. E na altura teve que ser porque era aquilo que eu queria fazer. Ou, pelo menos, achava, se calhar, que era aquilo que eu queria fazer. Não era tanto aquilo que eu queria fazer mas acabou por ser aquilo que aconteceu.

E:Exacto. Sobre a personagem que estavas a falar agora do curto-circuito. Que eu não decorei bem o nome.

P: Bronsky

E:Bronsky. Porque é que ligas-te para lá a fingir que eras outro?

P: Pá, eu não. Eu comecei. Este personagem começou porque eu comecei, começava na brincadeira a imitar um repórter da RTP que é o Evgueni Mouravitch, que é o correspondente da RTP na Rússia. Pá, ele tem um sotaque muito engraçado que é... fala... ele é russo, não é, mas tem aquele português como nós ouvimos cá os ucranianos e os russos a falar em Portugal. E por brincadeira, eu brincava com isso com os meus amigos. E há um dia... eu não sei mesmo... eu não te sei dizer quando é que foi o

primeiro telefonema que eu fiz e porque é que foi. Se calhar era um tema qualquer que estava a haver do mini-forum do programa, se calhar estavam a pedir imigrantes russos ou ucranianos para ligar para lá, se calhar foi por isso. Não faço mesmo a mínima ideia. Liguei aquilo foi engraçado e correu bem e a partir daí, tanto que quando eu estive no curto-circuito foi com essa personagem sempre e os primeiros 2 3 anos em que eu fiz stand-up fiz sempre só com o personagem. Só que chegou uma altura em que eu comecei a desligar mesmo e a envergar só pelo Paulo Almeida. Pronto.

E: Como é que foi isso?

P: Foi uma transição. Acho que foi natural. Como eu já escrevia para outras pessoas também “em português”, para personagens portuguesas, não foi assim tão difícil. Foi mais difícil começar, se calhar, eu próprio a descobrir qual é que era o meu personagem de palco. E isso se calhar demorou mais algum tempo. Esses espetáculos iniciais custavam um bocadinho. Havia muita coisa que não corria bem. algumas piadas que iam completamente ao lado. Mas o stand-up é sempre um processo de tentativa-erro e é como outra coisa qualquer. Foi uma transição normal. A última vez que eu fiz o personagem outra vez foi quando eu fiz o espetáculo de 10 anos em Janeiro e voltei a pegar. Já não pegava no personagem há... tinha feito em brincadeira no ano passado, no espetáculo de um amigo meu, que ele tinha-me pedido. Fui lá só fazer 5 minutos e agora voltei a fazer em Janeiro. A entrada do meu espetáculo foi com o personagem. Tinha algumas saudades, confesso. E as pessoas reagiram bem. uma coisa que já aconteceu há 8 anos ou 7 anos. Foi bom, as pessoas lembrarem-se ainda.

E: Como é que foi estar no palco?

P: Desta vez?

E: Não. Pela primeira vez

P: Foi assustador. Foi assustador porque a sala estava completamente cheia. Não sei se tu conheces o Santiago Alquimista. É um bar sala de espetáculos. Tem dois andares e

aquilo deve levar... sei lá... cheio umas 200 pessoas. Epá, e eu nunca tinha estado em frente a um publico na minha vida. A não ser naquelas festas de Natal, na escola, quando somos putos. E isso não conta para nada, não é? E foi um bocadinho assustador e foi giro porque depois houve pessoas que vieram ter comigo, no final e perguntaram-me há quanto tempo é que eu estava em Portugal. Portanto, acreditaram mesmo que eu era ucraniano e então isso também me abriu mais o gostinho por voltar a fazer aquilo. E depois começaram a surgir alguns convites para fazer mais e foi giro. Mas a primeira vez foi bastante assustadora.

E: Como é que é agora?

P: Pá, continua a ser... eu diria que é assustador mas é diferente. Eu continuo a ficar sempre nervoso antes de cada espetáculo e eu costumo dizer- costumo falar disto com uns amigos meus e basicamente todos pensam o mesmo que eu- a partir do momento em que nós deixamos de estar nervosos a entrar no palco é porque nos estamos a borrifar para aquilo e vamos mostrar uma falta de respeito com o publico e não vai correr bem, de certeza absoluta. Portanto, no dia em que eu sentir que já não estou nervoso e que já não sinto aquelas borboletas na barriga é porque já estou a mais.

E: Já chega para ti...

P: Já chega para mim, não vou continuar a fazer aquilo. Por isso, acho que esse nervosismo é bom e é a pica que nos dá para continuar a tentar subir para cima de um palco e surpreender e fazer rir as pessoas.

E: Achas que esse dia vai chegar?

P: Espero que não porque eu também não gosto muito de fazer a mesma coisa portanto... por exemplo, no stand-up eu faço ciclos de textos de um ano e meio, dois anos já é muito. E ao fim disso, esse texto vai para o lixo. E texto completamente novo. Ou quando é espetáculos pequeninos em que há temas específicos para falar escrever só sobre isso... porque eu também não gosto de repetir muitas vezes o mesmo texto porque também me farto e acho que isso passa para o publico- o facto de eu já não estar com muita vontade a fazer aquilo.

E: Achas que há essa transparência entra publico e...

P: Há! Quer dizer, pelo menos eu tento que haja. Porque... eu vou-te dar a minha opinião: Eu gosto de ver comediantes em palco que eu sinta que estão a falar sobre eles. Que aquilo que eles estão a contar é verdade. Obviamente nunca vai ser 100% verdade mas que seja 90% verdade e o resto está adocicado. E eu gosto muito de fazer isso. Portanto, se eu estou a contar coisas sobre a minha vida- e eu tenho um estilo um bocadinho agressivo de contar as coisas da minha vida... Se eu sentir que as pessoas já não estão a acreditar naquilo que eu estou a dizer porque eu também não estou a conseguir fazê-las acreditar, sinto que estou a enganá-las, percebes? Eu não quero estar a enganar ninguém. Porque quando eu vou ver um espetáculo também não gosto de me sentir enganado.

E: O que é que é este enganar o outro?

P: O enganar as pessoas? Sei lá, se de repente escrevesse um texto 100% mentira, que nunca se tivesse passado comigo, eu sentiria que estaria a enganar as pessoas. Se calhar até conseguiria fazer aquilo bem mas eu próprio não me ia sentir bem, não sei se consigo explicar.

E: Porque?

P: Porque eu sinto que a comédia, sobretudo o stand-up comedy tem que ter muita honestidade e tem que ter muita verdade lá e se não tiver... pá não sei, passa a ser quase um monólogo de teatro. E o stand-up acho que não tem nada a ver com teatro. O stand-up tem duas coisas que são antagónicas, que é – mas que ao mesmo tempo são muito boas: Quando tu sobes para cima de um palco, tu estás sozinho a fazer stand up comedy, portanto se correr bem, foste tu mas se correr mal, foste tu também.

E: Tens que me explicar melhor

P: O espetáculo é escrito por ti, é tudo teu. Tas sozinho em cima do palco, se as pessoas gostarem do que estás a fazer o mérito vai para ti e se as pessoas não gostarem, a culpa é tua. Tu é que não conseguiste fazer as pessoas gostarem, tu é que não foste bom, o texto é que não foi bom. Portanto não podes culpar ninguém. Obviamente podes estar numa sala, as luzes falharam, o sistema de som falhou, caiu qualquer coisa. Tas num sítio onde, se calhar, o público não é tão urbano, não está habituado àquelas piadas ou num sítio completamente oposto. Pá, mas eu, em última análise- tu é que tens de fazer as pessoas rir. És tu. Se não estas a conseguir fazer rir com o texto que levaste preparado

tens de conseguir dar a volta. Não podes ficar ali preso naquilo. E é muito fácil (ficar preso naquilo).

E: Como é que lidas com isso de a culpa ser tua?

P: Olha, sei lá. Eu agora nos últimos meses tenho estado a fazer uma tournée com o Cristóvão e o Rui Sinel de Cordes. Estamos a fazer Anjos Negros. E nesses espetáculos, nós temos dois momentos em que estamos os três em palco, no início e no final. E depois no meio é: três momentos de stand-up puros. Cada um faz o seu set, 25 minutos. E nestes espetáculos já houve noites em que um de nós foi muito melhor que outro, já houve noites em que correu aos 3 bem, já houve noites em que eu estive MAL. E... eu quando acabo um espetáculo consigo sempre ser honesto, nós falamos sempre os três e dizemos: correu bem, não correu bem? E eu consigo sempre dizer-lhes a eles como eles também conseguem dizer a mim que não correu bem para ele e correu bem para os outros. Mal de mim seria se, ao fim deste tempo todo, não conseguisse fazer uma análise daquilo que eu fiz ou não fiz em palco, consoante as reações que eu tive das pessoas. Obviamente quando eu sinto que as coisas não correram bem, fico frustrado mas frustrado comigo mesmo. **Não fico frustrado com as pessoas. Sinto que se calhar não estava com tanta energia, se calhar já estou a fazer estas piadas à demasiado tempo e eu já não estou a entregar-me da mesma maneira; se calhar as piadas já não são assim tão boas, já estão desactualizadas e tenho que as mudar. Tento analisar como é que falhei para poder melhorar no próximo espetáculo.**

E: Isso afeta-te?

P: Afeta-me naqueles... tem de afetar... Não afeta durante muito tempo. Afeta, se calhar, naquela meia hora a seguir ou até durante o espetáculo, se eu tiver sido o primeiro e os outros tiverem a actuar ainda. Se calhar, há uma quebra logo ali a seguir. Mas sei que- como vou ter de voltar no fim do espetáculo- tenho de arranjar energia e voltar para lá. As pessoas não têm que saber que eu fiquei lixado com aquilo, não é? O espetáculo continua, não terminou. Mas se calhar depois de 1 hora do espetáculo ter terminado, estou ali a desmoer aquilo mas depois...

E: Como é que desmois?

P: Tento analisar os momentos chave onde eu falhei onde eu poderia ter sido melhor. Anoto isso, no texto. Na próxima vou tentar melhorar. E não penso mais nisso depois

daquilo porque não posso mesmo pensar. Acho que o espetáculo quando termina, aquele espetáculo tem que ficar ali. E depois quando começar a preparação do próximo- aí sim, posso voltar a pensar nisso e tentar ver o que posso melhorar

E: Porque é que dizes que não podes pensar nisso?

P: porque se calhar depois fico demasiado obcecado a pensar naquilo e tenho de... paro ali e só começo outra vez no próximo. Eu sou muito de... os dias de espetáculo, no próprio dia e no dia anterior estou muito focado naquilo depois, mal o espetáculo acaba, essa tal hora continuo focado e a partir daí não penso mais naquilo.

E: Desligas...

P: Desligo completamente.

E: E agora, quando corre bem. Como é que é?

P: É bom. É ótimo, não é? Mas é a mesma coisa. Se calhar, fico ali com a aquela adrenalina passado meia hora/ 1 hora mas quando essa hora terminar começo a desligar automaticamente. A não ser que estejamos a falar de espetáculos muito grandes.

E: É proporcional?

P: é é, estive agora há pouco tempo com o Rui Sinel de Cordes no Teatro Sá da Bandeira e nós fizemos o espetáculo lá para mil e tal pessoas. Foi a maior plateia que eu tive e ele também teve. E quando aquela sala, no final, ligaram a iluminação toda, estava toda a gente de pé. Levamos assim um choque mas um choque bom e obviamente nessa noite a adrenalina não demorou só uma hora a passar. demorou mais algum tempo a passar mas no dia a seguir já estava normal outra vez. No fundo, isto é um emprego como outro qualquer, quer dizer é um bocadinho diferente. Pode, se calhar, ter uma exposição um bocadinho maior ou teres que estar exposto em palco de uma maneira diferente que se calhar uma pessoa que está atrás de uma secretária. Noutro sítio qualquer não tem esta exposição mas acaba por ser um emprego. Temos horários muito diferentes dos habituais mas é um emprego também.

E: Como é que é estar exposto em frente a outras pessoas?

P: **Eu acho que hoje em dia já é relativamente fácil** porque como já faço isso à algum tempo se calhar são aqueles dois primeiros minutos em que ainda está com o

nervosismo de quando entras em palco mas depois tu vais entrando no ritmo, as **peessoas vão interagindo e tu vais interagindo com as pessoas** e já... Já nem notas que estás em cima de um palco, sabes?! É um bocado estranho de te explicar isto mas eu **faço alguma interação com o publico** então eu tento sempre chamar as pessoas para o espetáculo também. Obviamente elas não vêm para cima do palco mas acaba por ser ...

E: É vosso, não é só teu?

P: Sim, sim, é isso.

E: E porque? Porque é que sentes que deves fazer isso, ou porque é que gostas de fazer isso?

P: Porque é uma das coisas que eu gosto de ver também enquanto espectador, sabes? E acho que... se eu gosto de ver também aprendi a gostar de faze-lo. Porque eu no inicio não conseguia interagir muito bem com as pessoas, tinha... se calhar... como eu te disse, sou um bocadinho tímido, não é? Ficava muito na minha, fazia o meu texto do principio ao fim. Se alguém me mandava uma boca – porque no inicio, as vezes agora ainda também, mas no inicio atuava em muitos bares e em bares muito manhosos com malta bêbeda há uma da manhã a mandar bocas e eu não conseguia lidar com essas bocas, eu ignorava e seguia em frente e é a pior coisa que podes fazer porque se tu ignoras uma boca de alguém do publico, vai lhe dar mais força, ele vai mandar mais bocas, os amigos vão-se juntar todos e vão-te mandar mais bocas e... a partir do momento em que eu aprendi a lidar com essas bocas e a responder e a destruir – que é isso... que nos temos que fazer, é destruir aquela pessoa para não ganhar a importância, para não ficar ali no meio daquelas pessoas e a pensar “Esta pessoa que está no meu grupo tem mais piada do que a que está ali”. Nós não podemos deixar isso acontecer. A partir do momento em que eu comecei a **dominar** essa técnica e essa arte comecei-me a sentir muito mais à vontade em palco também.

E: Sabendo que podes destruir o Outro?

P: Não é.... Não é...

E: Não interpretes isto como mau, é... Sabendo que há um Outro que te pode ... não encontro a palavra agora...

P: Destruir. Sim...

E:Pois, exacto. O facto de tu saberes que és capaz de o destruir também dá-te maior à vontade

P: Sim, vou-te dizer... Vou-te contar uma história engraçada. Eu... Eu... O meu estilo é um bocadinho agressivo, de stand-up. É um humor negro mas um humor negro «barra» agressivo, ok?

E já vou construindo, já vou tendo algum publico, que já é um publico mais fiel, que vai seguindo e é engraçado porque as pessoas... sinto que já têm medo, algum receio de interagir comigo quando eu vou para interagir com elas. Já sabem que vem lá alguma coisa muito má para o lado delas e no... houve um espectáculo no Porto, na Turtulia Castelhense, em que no final do espectáculo fui convidado de um comediante. Ele fazia uma espécie de sessão de perguntas e respostas com o publico e... e ninguém me queria fazer perguntas na altura. E ele, o Rui Xarás, disse que foi a primeira vez que isso aconteceu. Tanto que eu tive de começar a pedir às pessoas para me fazerem perguntas e eu comecei a fazer perguntas também às pessoas para quebrar ali um bocadinho o gelo... As pessoas ficaram um bocadinho de pé atrás e eu acho piada a isso porque depois quando alguém me conhece se calhar não fica com a ideia de que eu sou uma pessoa bruta ou que sou agressivo ou... e é engraçado haver esse outro lado também. É giro

E:E como é sentires que o Outro tem medo de ti ou

P: Eu brinco muito com isso. Quando vejo que alguém...

E:Mandas isso para cima da mesa

P: Sim, ponho em cima da mesa e exponho isso perante toda a gente. Não quero fazer a pessoa sentir-se mal mas estou ali a brincar com ela. Fico a ter uma conversa se for preciso, 2/3 minutos e a pessoa até pode estar mais de pé atrás no inicio mas depois consigo quebrar ali o gelo com ela e no final já somos todos amigos e isso é o que importa.

E:É isso que te dá gozo?

P: Sim, é uma das coisas que me dá mais gozo. Não é o que eu mais gosto, não é o que me dá mais gozo em cima do palco mas é uma das coisas que me dá mais gozo.

E: O que é que te dá mais gozo em cima do palco?

P: É ouvir... eu gosto... sou muito viciado... tenho um vício muito grande que é o som das gargalhadas. Gosto muito e do *ishhhhh*. Às vezes gosto mais de ouvir um *ishhh* que uma boa gargalhada.

E: O que é que é um *ishh*?

P: Quando nós contamos uma piada que passa para além às vezes daqueles padrões e que as pessoas não se sentem à vontade de rir nem de bater palmas e fazem aquele *Ishh* e que ficam a sentir-se mal com elas próprias por também não conseguirem ficar caladas. Não se conseguem rir mas têm de reagir de alguma forma. E isso é bom.

E: É bom?

P: Sim, é giro.

E: O que é te faz fazer humor?

P: O que é que me faz fazer humor... Eu acho que é isso, é poder ouvir gargalhadas das outras pessoas e sentir que consigo proporcionar momentos bons a pessoas. Acho que acaba por ser isso. Não é muito mais do que isso. Há uma coisa que eu faço muito e me dá muita satisfação fazer. Eu gosto muito de escrever mas gosto de muito mais de estar no palco. Ahm...

E: Porque há este riso no Outro?

P: Sim. Porque a reacção é imediata. Tu às vezes podes escrever alguma coisa e hoje em dia com as redes sociais. Escreves alguma coisa e as coisas são partilhadas e são vistas por não sei quantas pessoas. Mas às vezes é um bocado automático. As pessoas fazem um gosto ou uma partilha só porque sim. Não sabes se leram, se gostaram ou não. Em cima do palco tens uma reacção... e tu consegues ver na cara das pessoas se estão a gostar ou não estão a gostar.

E: Há essa honestidade?

P: Sim, e isso é giro. É muito giro.

E: Fora do palco? Como é que é? Ou seja, fora do palco, como é que és?

P: Eu sou uma pessoa com 33 anos que gosta de cinema, gosta de musica, gosta de estar com os amigos. Gosta de sair à noite para beber o seu copo. Gosta de ficar em casa. Mas que não sente qualquer necessidade de estar num grupo de amigos ou com um grupo de pessoas que não conhece de lado nenhum a estar a fazer piadas. Alias, se perguntares a qualquer comediante... qualquer comediante – e isto acontece com quase toda a gente – de chegarem-se ao pé de ti e dizerem-te «conta lá uma piada» ou conta lá seja o que for... Ninguém gosta de estar... Como eu te digo, é um emprego que tu já tens de fazer aquilo, tens de fazer as pessoas rir naquela naquele horário ou naquele espectáculo ou seja onde for. E teres que te sentir na obrigação «olha, agora vou ter que ser engraçado aqui porque estas pessoas estão à espera que eu seja engraçado» eu não consigo fazer isso, não consigo fazer fretes por ninguém. Epá, sou eu. Acho que tenho algum sentido de humor normal e natural mas não forço isso nem gosto que estejam a forçar isso em mim num contexto qualquer que não seja o profissional.

E: Por causa da timidez que falas-te há bocado?

P: Sim, também. E se calhar porque não me apetece mesmo... Se calhar se estiver com amigos, amigos que também sejam da área da comédia, se calhar é muito mais fácil que mais rapidamente começamos na galhofa - e não estou a dizer começamos a falar e contar piadas, não é «Era uma vez um...» não vai começar isso – mais rapidamente tens conversas com mais piada e se calhar com mais javardice ou com mais galhofa – depende das pessoas também – isso puxa-te se calhar para conversas com mais sentido de humor do que se calhar... Ou seja, estão ali mais pessoas que te puxam sem querer para isso, do que num contexto normal onde não esteja malta que esteja ligada ao humor também.

E: Ok. Em que altura da vida sentiste que era útil para ti fazeres humor?

P: Util... Util...

E: Para ti...

P: Eu quando era puto, eu sofri algum bulliying na escola. Eu tinha um aspecto um bocadinho... um bocadinho Harry Potter. Era muito parecido com o Harry Potter Com os óculos. A minha mãe vestia-me também de uma maneira espectacular, camisinhas apertadas até cá acima, alguns fatos de treino. Eu vivi no Cacém portanto não era um sitio muito... ou era um sitio propicio ao bulliying de algumas figurinhas como era o

caso da minha quando era mais puto. E eu acho que desde cedo, se calhar, eu comecei a usar o humor para me livrar desse bullying, se calhar... Eu tinha um aspecto engraçado e usava esse aspecto para fazer as outras pessoas rir

E: A teu favor.

P: A meu favor. Se calhar foi a partir daí. Quando eu próprio estava a gozar comigo, já não havia malta também a gozar ou a fazer algum bullying então comecei a ver que isso resultava e se calhar, a partir daí comecei a usá-lo mais.

E: O humor é um bocadinho uma defesa também?

P: Sim, começou por ser. Hoje em dia se calhar não é. Agora é a minha profissão, não é? É algo que eu gosto muito de fazer mas se calhar no início, quando eu comecei a fazer, se calhar sem querer porque eu não comecei a fazer piadas por querer, a pensar. Saíam-me, as pessoas riam-se e pronto «Se estão a rir, não se vão meter comigo agora, está tudo bem» e depois, naturalmente, as coisas começaram a evoluir.

E: Isso foi porque idade?

P: Sei lá, há 13 anos se calhar 14. 12, 13, 14 mais ou menos.

E: Foi a forma que arranjas-te para lidar com esse

P: Sim e eu tenho fotos muito muito engraçadas. Hoje em dia eu também partilho no facebook e agora neste espectáculo que eu fiz em Janeiro levei um Slide Show de fotos e mostrei essas fotos a toda a gente e foi também uma forma de publicamente assumir esse lado Nerd que eu tinha de miúdo que sofri bullying e falei nisso no espectáculo. E foi engraçado estar a falar disso publicamente. Só os meus amigos mais próximos é que conheciam essa parte. Foi engraçado também fazê-lo de uma forma cómica perante aquelas pessoas

E: E como é que foi isso?

P: Foi giro. A minha mãe acabou por ser a pessoa que achou menos piada porque estava a ver o espectáculo e estava a ver aquelas fotos e no final veio ter comigo e disse: «As roupas que eu te vestia, filho! Tens toda a razão para brincar com isto» e acabou por ser engraçado. Eu mostrei para aí umas dez fotos, pelo menos duas já tinha mostrado

publicamente. As outras oito não e foi engraçado mostrá-las publicamente porque correu muito bem, foi giro.

E: Houve honestidade perante o publico...

P: Sim, sim. É como eu te disse, eu gosto muito de ser honesto com as pessoas, porque eu gosto que as pessoas pensem que o gajo que está ali em cima do palco é mesmo aquele... Lá está, pode ter ali alguma camada de... que não é verdade... é impossível porque eu faço piadas sobre Sida, sobre cancro, sobre pedofilia e só se eu fosse uma besta completaente anormal é que eu acreditaria nessas coisas e diria que são coisas boas. É obvio que aquilo não são coisas boas, são coisas horríveis. Em palco e dentro do contexto do espectáculo há coiss que podem ser ditas se forem dentro daquele contexto, daquele personagem e daquele tipo de espectáculo portanto eu gosto que as pessoas **sintam que sou mesmo eu que estou de cima daquele palco, não é apenas um personagem vá.** Eu gosto de mostrar esse lado pessoal também para as pessoas acreditarem ainda mais que é mesmo verdade.

E: O facto da reacção das pessoas ter sido boa, o que é que te trouxe?

P: Eu vou ser sincero, eu estava À espera que as pessoas fossem gostar daquilo. Aquelas fotos são mesmo muito muito boas. E o exemplo do Cristóvão por exemplo, da outra vez mostrei essas fotos pela primeira vez – ele viu as fotos mesmo eu formato físico - e sem exagero, ele esteve pelo menos 15 minutos a rir, a rir mas a rir, aquele rir esmo com vontade. Eu pensei: «pronto, se ele está a ver isto pela primeira vez e está a rir-se desta maneira, as pessoas vão gostar» e eu... aquilo já foi à tanto tempo, já estava completamente à vontade com aquilo, mais do que à vontade com aquilo portanto não via porque não não partilhar aquilo com as pessoas porque se eu acho engraçado, ia gostar também que as pessoas vissem aquele outro lado meu e se rissem também com aquilo. **Fiquei contente que as pessoas tenham gostado, obviamente e foi giro.**

E: Quando levas uma piada para palco, a quem é que essa piada tem de fazer rir?

P: Primeiramente, a mim. Tenho sempre de achar piada, sempre. E depois há muitas piadas em que eu achei que tinha escrito uma coisa genial e depois foi para cima de palco e falhou redondamente e já houve outras coisas em que eu estava: «hm, não sei mas vou deixar» e correu espectacularmente bem. Portanto, eu nunca sei o que vai resultar e isso também é engraçado. Mas eu em primeiro lugar, quero-me fazer rir a

mim e quando eu estou a escrever – obviamente, não estou a escrever e a dar gargalhadas mas- tenho de achar piada àquilo que está a ser escrito. E em segundo lugar, tem de ser o publico. O publico tem de se rir. Eu não gosto de escrever só com a aquela de «eu vou escrever isto porque o sei que as pessoas se vão rir». Não, acho que primeiro eu tenho de achar piada aquilo, porque se eu não achar não vou conseguir fazer passar aquilo com piada para as pessoas também.

E: Se tu achares muita piada e publico não rir, a piada vai fora...

P: Não vai logo fora. Sou um bocado teimoso. Tento fazer mais uma segunda vez, mais uma terceira vez. Até posso limar a piada. Vou te dar um exemplo: Eu agora estou a fazer, nos Anjos Negros, eu estou a terminar o espectáculo a contar a historia de como foi quando conheci os pais da minha namorada e o jantar não foi um jantar muito agradável. O pai dela estava um bocadinho de pé atrás comigo e eu contei essa historia e a primeira vez as pessoas não se riram muito, a segunda as pessoas não se riram muito mas já se riram mais um bocadinho e eu agora estou a ver se vou fazer a terceira vez ou não porque eu gosto muito desta historia, os Ruis gostam muito desta historia só que mais ninguém parece gostar tanto desta historia e então está-me a custar muito cortar isto mas quase de certeza que vou ter que cortar. Ou lhe dou aqui uma volta muito grande ou vou ter que cortar. Não é só por eu achar piada que vou estar a massacrar as pessoas com... não se estão a rir como deveriam... como eu acho que deviam rir portanto não vou estar a massacra-las com isto. É porque a historia não tem assim tanta piada, portanto vou cortá-la.

E: Disseste aí que falas-te do relacionaente que já é antigo, tal como as fotos que tinhas mostrado. É preciso haver esse afastamento?

P: Não. Porque, por exemplo, esta historia de conhecer os pais da minha namorada foi há... 4 meses portanto está relativamente recente mas mesmo em todos os relacionamentos que eu tive ao longo destes anos acabei por falar neles, se não enquanto os estava a ter em palco – não os relacionamentos mas as piadas sobre esse relacionamentos em palco – **ou durante ou imediatamente depois, acho que não que haver um distanciamento e acho que tem mais piada até quando as coisas estão a acontecer ou quando acabaram de acontecer**

E: Porque?

P: Porque acho que consegues ser mais genuíno no que escreves e naquilo que transmites. Tá muito mais fresco.

E: S o Outro se rir disso também, aconchega? Eu estou a imaginar que o jantar, suponho que para ti, tenha sido constrangedor.

P: Sim, bastante. Sim.

E: Portanto e tu, sentiste-te constrangido com aquilo, levas aquilo para palco e se o outro se rir o constrangimento... Ou não é por aí?

P: Não, não é por aí... Eu não uso aquilo como um escape para tentar... Eu uso porque achei que é uma história engraçada. Simplesmente por causa disso.

E: Ok, e porque o Outro poderá rir?

P: Sim. A primeira vez que eu contei a história, por acaso até foi aos dois Ruis. Eles partiram-se a rir com a história porque eles gostam de me ver mal e de me ver constrangido e a passar maus bocados e eu adociquei ali um bocadinho a história para lhe dar um formato mais de história de stand-up e achei que seria uma boa história de palco. Foi... eu estava à espera que resultasse uns 80% e resultou para aí uns 50% portanto não foi...

E: Tem que melhorar...

P: Tem que melhorar ou tenho que acabar com ela, não há mais a fazer. É uma história de stand-up, é uma história real mas acaba por ser uma história de stand-up. Não é um escape nem nada disso. É simplesmente uma história que aconteceu comigo como quase tudo o resto que eu escrevo e que levo para cima do palco e que achei que teria piada.

E: E sobre o processo criativo... o escrever. Gostava que me explicasses como é que acontece

P: Eu para escrever para stand-up preciso de estar sozinho. Não consigo escrever com mais ninguém ao lado.

E: Porque?

P: Porque acho que tendo a desconcentrar-me quando estou com mais pessoas e como o stand-up é uma coisa tão pessoal eu acho que tenho de estar mesmo mesmo sozinho eu.

Seja com um caderno, seja com computador, seja com o que for. Tenho de estar ali concentrado. Eu não escrevo um espectáculo de 1h/ hora e meia a dizer: «Olha, hoje vou-me sentar e vou escrever hora e meia de stand-up». Normalmente o meu processo é: vou escrevendo blocos de texto ou de historias que depois tento fazer encaixar quando chega a altura de então criar um espectáculo novo. Vou tendo blocos ou de 5 minutos ou de 10 minutos. Com historias ou com coisas que vão acontecendo. Depois arranjo maneira de entrelaça-las ou se não arranjar maneira ponho de parte e fica para outro ou posso nem sequer usar. Tenho coisas que escrevi que nunca cheguei a usar porque nunca achei que fizessem falta ou que fizessem parte daquele espectáculo. Depois o stand-up é um processo muito individual, já quando é escrever um guião de um programa... aí sim, já gosto muito mais de escrever com outras pessoas porque nós estamos a escrever. Se calhar as vezes até dividimos o trabalho mas estamos a trocar logo imediatamente ideias entre todos a dizer: «olha, acho que isto vai ter piada assim» «Ajuda-me aqui, não estou a conseguir acabar esta piada. Dá-me lá a tua maneira de terminar isto». E acaba por resultar muito melhor. Até porque se o programa vai ser o conjunto de varias pessoas a escrever, se calhar fica muito melhor se já for de uma forma orgânica e com as pessoas a dar logo o seu input. Embora possa ser individualizado aqui e ali mas em conjunto se calhar funciona melhor. Eu gosto mais também.

E: Existe algum tema que vá sendo mais recorrente para ti, quando escreves...

P: Ahm, não sei. As pessoas têm-me dito que eu escrevo muito sobre gordas, de momento. Se calhar comecei a fazer-lo por piada. Acho que fiz uma vez um texto e resultou e depois se calhar tornou-se quase a minha piada feitiço. E as pessoas já sabem, quando vão ver um espectáculo que pelo menos vou fazer uma piada sobre gordas. E pronto, mas não tenho assim um tema favorito.

E: Porque gordas?

P: Não sei... Não sei mesmo. Se calhar foi uma coisa qualquer, se calhar as pessoas estavam a falar na altura, uma polémica qualquer como às vezes aparecem aqueles anúncios de... sei lá... sobre obesidade ou a falar das campanhas, se calhar na altura fiz uma piada sobre isso ou um texto sobre isso e resultou, depois as pessoas começaram-me a pedir mais piadas e se calhar acaba por ser a cena mais recorrente mas não me sinto obrigado a escrever nem a falar sobre isso mas acaba por acontecer.

E: Existe algum tema que seja mais fácil

P: Não sei, fácil não. Eu acho que não. Eu acho que durante algum tempo, e se calhar este de facto é mais fácil. Durante algum tempo eu tinha a tentação de escrever muito sobre figuras publicas e eu acho que isso acaba por ser mais fácil. Provoca uma gargalhada mais fácil. Uma figura publica as pessoas já conhecem... já sabem, à partida, que se tu estas a gozar aconteceu alguma coisa de errado que essa pessoa fez ou uma falha publica que ela teve. Se calhar é mais fácil tu obteres uma gargalhada ou um riso com uma piada dessas. Durante algum tempo cai nessa tentação mas é algo que eu me estou a tentar afastar cada vez mais. **Quero-me afastar cada vez mais do riso fácil.**

E: E porque te queres afastar desse riso?

P: Porque acho que é batota.

E: Achas que é batota...

P: Sim... porque... Eu gosto de um desafio, de um bom desafio. Por exemplo, eu gosto de.. à bocado estava-te a dizr que eu gosto de interagir sempre com as pessoas do publico. Eu tenho uma regar minha que é: Eu nunca interajo com alguém que eu conheça do publico. Porque acho que é... é batota. Se eu já conheço a pessoa, mais facilmente eu consigo dizer coisas dela perante o publico que eu sei que vão ter piada. Porque eu sei que aquilo é verdade mas que as outras pessoas não sabem que eu conheço aquela pessoa, portanto a pessoa que está ali não me vai conseguir responder porque eu é que tenho o microfone e eu vou estar sempre em vantagem, não é? Enquanto que se eu estou a interagir com uma pessoa que eu não conheço de lado nenhum ela pode-me responder, pode-me mandar uma resposta. Pode até ser mais engraçada - que já aconteceu muitas vezes - do que aquilo que eu até disse à pessoa e estamos ali naquela luta entre aspas para tentar ver o que é que se tira dali e eu acho isso desafiante, é engraçado.

E: Isso é estranho. O riso fácil é batota. Consegues explicar-me melhor?

P: Deixa cá ver. Não sei se consigo explicar melhor. Deixa cá ver, actualmete há uma moda muito grande de se fazer humor com canções, pegar em canções que já existem e torna-las humorísticas e eu acho que isto é riso fácil. Porque... Eu não digo que não

haja algum trabalho em dar a volta àquelas letras e dar-lhes um lado humorístico. So que... eu acho que é... tem algum trabalho mas não é muito trabalho

E: Não tem tanto valor, nem tanta dignidade como começar do zero?

P: Sim, sim. Repara, eu não estou a dizer mal das pessoas que fazem mas eu pessoalmente não o faria, a não ser em contextos muito específicos. Seja um sketch por exemplo e tenho que fazer aquilo porque faz parte daquele GAG específico mas fazê-lo de uma forma constante e repetitiva acaba por cansar e é um bocadinho fácil.

E: Ahm portanto, disseste-me que não tinhas assim um tema mais fácil nem mais recorrente...

P: Não, porque é como eu te digo, às vezes aquilo que tu pensas que te tá a dar mais gozo escrever depois acaba por não e outra coisa que às vezes...

E: Eu gosto desse que te dá mais gozo e não funciona. Costuma ser temas específicos?

P: Não sei. É muito vairado. Era bom saber porque assim também tinha ali... Chegava e «Olha, hoje vou escrever sobre isto, estou a precisar que malta faça um gosto ou partilhe». Mas acaba por não funcionar da maneira como nós queremos às vezes. Um exemplo muito fácil, e nem sequer esteve relacionado com o humor. Eu acabei por dar um toque humorístico a isto mas não é um texto de humor. Há um ano atras. Não, há dois anos atras eu fiz um texto sobre a CP. Tirei uma foto a um pica que estava a trabalhar e aquilo deu pano para mangas. Agora, relativamente à pouco tempo voltei a pô-lo outra vez e voltou a dar ainda mais pano para mangas Eu não estava à espera que aquilo funcionasse daquela maneira porque se calha at''e hoje foi a situação que eu tive mais, até ameaças. Malta a dizer-me que sabia onde é que eu morava, que me ia fazer isto, que me ia fazer aqueloutro. Tinha um tom humorístico que se calhar não era tão humorístico, era mais sarcástico, mais irónico e não era de todo o meu objectivo. Foi de facto só um opinião pessoal que acabou por ter uma difusão muito grande mas lá está, é como eu estou a dizer, não estava à espera que aquilo fosse tão forte, que se fosse espalhar por tanta gente mas nunca estás à espera e as coisas acabam por acontecer, é engraçado.

E: Como é que tu lidas com isso das ameaças de morte?

P: Acho que tenho de lidar de forma natural. Eu já tive várias - eu sei que digo isto e é até um dia, não é?- Em Portugal há muito aquela ideia do eu faço e acontece e vou-te fazer isto e vou-te fazer aqueloutro e nunca ninguém faz nada». Pá, espero que ninguém faça nada mesmo, não é? Mas já tive o exemplo de uma vez de uma pessoa que é RP de uma discoteca aqui em Lisboa a dizer que viu um espectáculo meu e que disse que ia esperar por mim e que me ia dar um tiro no final e depois pessoas a aconselharem-me para não me meter com ele porque ele de facto é uma pessoa que pode fazer acontecer algumas coisas. As coisas... acho que às vezes há muito aquela coisa do «gosto de intimidar alguém», pensam que vão intimidar alguém mas depois... é só uma piada. As pessoas... eu gostava que fosse possível que as pessoas percebessem que aquilo é só uma piada, não é mais do que isso. Começou ali, foi dita, foi escrita, terminou logo ali a seguir. Não é mais do que eu isso, não pretendo bater em ninguém. Nem matar ninguém, nem ofender ninguém. Pode ofender, as pessoas podem ficar chateadas mas faz parte. Eu não quero nem consigo agradar a toda a gente. E ainda bem. Porque se gostássemos todos do mesmo isto era muita chato. E eu não gosto de muitas coisas e ainda bem que há pessoas que também não gostam do mesmo que eu gosto ou não gostam todas de mim porque se não, isto era muito aborrecido todos gostarmos do mesmo, gostarmos todos de branco, gostávamos todos de preto, laranja... Sei lá, era aborrecido. Muito mais giro cada um gostar da sua cor, haver muitas pessoas que gostam de uma cor, outras que gostam de outra e tentarmos recrutar as pessoas que gostam de outra cor pra a nossa cor.

E: É por isso que não gostas do riso fácil... o riso fácil é para a maioria. Ou seja, há menos numero de pessoas que gostam de preto, e é a essas que tu preferes agradar?

P: Se calhar...

E: Ou estou a misturar coisas?

P: Eu percebo o que é que estás a dizer. Há públicos para tudo. Há públicos que gostam de anedotas. Pessoalmente não gosto de anedotas, nem sei contar anedotas. Há pessoas que gostam do Humor completamente *clean* em que só se fala de como é que são os homens, como é que são as mulheres. E há pessoas que gostam de um humor mais agressivo. Eu pessoalmente sempre gostei mais desse tipo de humor, de ver esse tipo de humor. E se calhar foi de forma natural que eu entrei para ai. Se é... tem um publico mais... **não é elitista mas é mais de culto. Eu acho que se calhar é mais um culto do**

que outra coisa. As pessoas que gostam de humor negro, um humor mais agressivo são... seguem mais esse tipo de humor e as pessoas que o fazem do que outro tipo de publico. Eu acho que isso também é engraçado. Porque se há uns anos atras havia muito menos publico para este tipo de humor, e felizmente com o trabalho doutros humoristas, até hoje tem-se aberto o caminho para isso e hoje em dia já se conseguem esgotar salas inteiras deste tipo de humor. Há três ou quatro anos era impensável. Significa, se calhar que essas poucas pessoas que gostavam de preto são cada vez mais, não é? Ou então, se calhar que as pessoas mais novas que ainda não sabiam de que tipo de cor gostavam estão a aprender a gostar mais daquela cor. E isso também é giro. Estares a apanhar essas pessoas também.

-- << --

E: Na tua vida fora de palco não sentes necessidade de manter o mesmo registo. Se sair é porque saiu, não é porque...

P: Sim, normalmente saio. Não consigo também... fechar-me completamente e dizer «Não, eu não vou contar». Se estiver a falar com uma pessoa normalmente, as vezes, sai-me alguma coisa. As pessoas que não me conhecem as vezes ficam um bocadinho «O que é que este gajo disse?», as pessoas que me conhecem melhor, já estão habituadas.

E: Porque manténs o registo de humor negro?

P: Sim, se calhar quando estou perante um contexto de pessoas que maioritariamente não me conhecem, se calhar tento-me retrain um bocadinho. Embora... Eu gosto muito de gozar com pessoas, é um lado que eu tenho que é gozar com pessoas. Gosto muito. Se estiver com mais pessoas que gostem também de gozar com pessoas, torna-se o Inferno para o resto das outras pessoas. Pronto, é muito complicado. E eu gosto de o fazer, às vezes até a olhar na cara das pessoas e estar a fazer isto. Dá-me muito gozo fazer isto.

E: Porque?

P: Pá, não sei...

E: É um desafio?

P: Se a pessoa me responder do outro lado e começar também a entrar naquilo ou a gozar comigo óptimo. Se calhar está ali um amigo ou alguém com quem me vou dar muito bem e se calhar aquele jantar vai ser espectacular. Se a pessoa estiver a não compreender nada daquilo que eu estou a fazer vai-me dar mais gozo estar a gozar... Não sei se consigo fazer-te passar isto mas é um bocado isto.

E: O início percebi mas se a outra pessoa não perceber ainda dá mais gozo...

P: Sim. Porque... não sei. Eu gosto de brincar e de gozar com pessoas que não sabem que estão a ser gozadas. Se calhar é por isso que me dá mais gozo.

E: Consegues dizer porque é que gostas mais de...

P: É um prazer que, se calhar, não sei se é doente que eu tenho.

E: Não é preciso chegarmos a tanto.

P: Não mas é um prazer. Não sei gosto de o fazer. Seja pessoalmente, ainda me dá mais gozo. Seja num espectáculo. Seja online. Online então dá-me também um gozo particular. Quando alguém vai e faz algum comentário sobre uma coisa minha. Eu a mim dá-me muito gozo estar a gozar com a pessoa sem ela saber que está a ser gozada. É muito giro.

E: Isto do gozar com Outro - que eu estou a achar fascinante – vem desde sempre?

P: Se calhar sim. Sim. **Lá está, quando eu era mais puto e usava isto como forma de me proteger também**, se calhar eu aí nessa altura gozava mais comigo mas ao mesmo tempo, **se calhar já começava também a gozar com o Outro**. E se calhar... Deve ter vindo daí... Provavelmente deve ter vindo daí, sim.

E: Esta bem... Esta coisa da interacção com o público realmente era algo que eu tinha aqui... que reparei na tua performance e foste o único que interagiste e tem haver com esta relação com o público que tu gostas de manter perto

P: Foste ver? Algum espectáculo?

E: Fui ver um no Lisbon Comedy Club com XYZ, fui ver esse.

P: Ok ok.

E: E reparei que realmente foste o único que interagiste com o publico. Já percebi que é uma coisa que gostas de fazer.

P: Sim, sim. Dá-me muito gozo. Porque... sei lá... Acho que é um momento também de estar ali na partilha com as pessoas e estar um bocado a deixa-las mais à vontade e saberem que também podem fazer parte do espectáculo. Há muita gente que prefere estar na delas, eu comprei o meu bilhete, não quero que se metam comigo.

E: E são essas as pessoas que tu vais?

P: Gosto muito de me meter com essas, sim. **Dá-me partícula gozo meter-me com essas, sim. Porque... Sei lá, Gosto de as tirar da zona de conforto, sentirem-se um bocadinho parte do espectáculo. Se calhar, às vezes** sei que elas ficam um bocadinho desconfortáveis com aquilo mas eu sei que depois, se calhar, se virem que aquilo se insere no contexto do espectáculo e da actuação. Se calhar acaba por se sentir mais à vontade por aquilo ter acontecido e saberem que aquilo não acontecer só porque tinha que acontecer. Aconteceu porque faz parte do espectáculo e acho que assim tem mais piada.

E: O humor é só risos ou tem um lado mais escuro?

P: não, não é só risos. Também tem um lado desesperante de quando estas a tentar escrever alguma coisa e não consegues e estás a olhar para uma pagina em branco ou estas a escrever piadas e já rescreveste a mesma piada 50 vezes e não continuas contente com aquilo. Torna-se bastante angustiante e desesperante mas no fim de contas o que se quer são risos e gargalhadas. É para isso que trabalhamos, não é?

Às vezes é doloroso, às vezes é doloroso sim

E: Como é que se lida com isso? Ou como é que é isso?

P: ... Custa. As coisas não saem sempre naturalmente. Às vezes quando tens uma ideia – eu ando sempre com um caderno, actualmente já não ando com o caderno. O telemóvel permite escrever. – Sempre que tens uma ideia é apontares, lebares para casa e depois trabalhares essa ideia até à exaustão. Se vires que não vais conseguir nada dali, lixo, próxima ideia! É um bocado isso, é ires tentando até encontrares aquilo que está a funcionar e mesmo depois de encontrares o que está a funcionar, tentar ainda melhorar o que já está a funcionar. Acho que isso é que é, é o mais engraçado. É não te deixares

ficar à sombra da bananeira e dizeres «Olha, isto já está a funcionar. Esta piada já está boa. Não vou mexe-la mais.». Não. Acho que ainda consegues sempre tentar melhorar aquilo que já está bom. Isso é que é giro e que torna os espectáculos também sempre todos diferentes.

E: Este processo que é mais desesperante também é preciso?

P: Sim, sim. Pode ser um bocadinho. Às vezes quando não consegues mesmo entras ali no... Pá, precisas mesmo de escrever ou porque tens um prazo para entrega alguma coisa ou porque vais ter o espectáculo daqui a um dia ou dois e ainda não tens as coisas todas escritas, as vezes é complicado.

E: Mas é mais nisto da escrita, ou sentes que quando estás no palco, de alguma forma, também há isto?

P: Eu hoje em dia... No início isso acontecia-me em palco, às vezes. Quando eu sentia que não estava a conseguir fazer a pessoas rir, se calhar ficava mais «apetecia-me agora era um buraco para me enfiar e fugir daqui». Mas agora já... Quando isso acontece – felizmente são menos vezes – mas quando acontece já tenho técnicas para conseguir tentar dar a volta a isso e fugir um bocadinho disso. Se calhar vou buscar piadas ou temas que, se calhar, vão conseguir puxar as pessoas um bocadinho outra vez cá para cima e voltar então a entrar na...

E: É através de outras piadas...

P: Às vezes, ou então simplesmente paro. Assumo que aquilo não está a funcionar muito bem e interajo com as pessoas um bocadinho, quebro ali um bocadinho o gelo e volto outra vez aos carris.

Acho que não há uma técnica que tu digas «Olha, tem que ser assim». É ires tentando e é um bocado intuitivo. É usares um bocadinho da tua intuição e ver o que é que acontece.

E: Acho que já falamos de tudo... Quero-te perguntar se queres acrescentar alguma coisa ao que já disseste. Se achas que há um tema que até era útil falar e que ainda não falamos.

P: Não, acho que abordamos praticamente tudo o que foi a minha, obviamente não de forma super pormenorizada, mas o que foi a minha carreira ou a minha vida. Mas acho que a nível geral conseguiste abordar...

E: Há alguma que tu aches que é mais importante, que se calhar merecia ser especificada

P: Sei lá... Não sei. Acho que não. Acho que quando alguém entra para este ramo, para esta actividade, acho que o importante é não desistir à primeira. É persistir se for mesmo aquilo que tu queres fazer, é persistir. Obviamente que se chegares à conclusão em que as pessoas te digam que tu não tens piada nenhuma, se calhar desistes e tentas fazer outra coisa. E acho que a persistência é uma coisa importante e tens que gostar daquilo que fazes porque se não gostares daquilo que fazes acho que rapidamente também o publico se apercebe disso e te começa a por de lado. É divertires-te e se tu te conseguires divertir o publico vai se divertir também.

E: Já subiste ao palco sem estar divertido?

P: Já. Acho que já, sim.

E: E?

P: E eu senti que não correu tão bem para mim mas as pessoas de fora não notaram sequer os meus amigos, as pessoas que me conhecem melhor se calhar notavam que eu não estava bem. Mas... tens que ser profissional quando sobes para cima e um palco. Não podes fazer passar isso para as pessoas. Ou pelo menos tentar não fazer passar isso para as outras pessoas. E se calhar eu sinto que não foi a melhor altura em que estive em cima de um palco mas se consegui pelo menos não passar isso para as pessoas e as pessoas se divertiram, sinto que pelo menos parte ou grande parte do meu trabalho foi feito.

E: Esses risos ajudaram, de alguma forma?

P: Ajuda na altura mas... depois passa. É aquele pico de adrenalina momentâneo mas depois passa.

E: Depois passa. O que é que fica quando vai aquilo?

P: Fica mais um espectáculo, se calhar. E se calhar fica algum momento que possa ter acontecido ma o resto é igual. Voltas à tua vidinha.

E: À tua vidinha?

P: Sim encolhe os ombros.

Transcrição da aplicação do T.A.T:

Cartão 1: [9''] Este provavelmente... Eu agora estou a fazer um espectáculo que é o “Isto era para ser com o Sasseti” em que eu toco violino... toco mais ou menos.

I: Sabes tocar?

P: Não, não sei tocar. Aliás eu estou a tocar com um fundo de playback mas a gozar mesmo com isso.

Ahm, isto poderia ser a primeira vez que me disseram que deverias ter... que iria tocar violino nesse espectáculo. Podia-me imaginar a mim a olhar para o violino e a pensar: «O que raio é que eu vou fazer com isto?». Se calhar um bocadinho isso.

Cartão 3BM: [4''] Ahm, muitas noites de putos em santos terminam assim. Ahm, no bairro alto também. Cada vez mais por volta das 10 da noite. Quase a jogar ao «Qual é o primeiro a cair para o lado». Isto aqui não sei muito bem o que é que é isto (arma). Mas sim, imagino um bocadinho a noite de um puto aqui em santos às 10 da noite, depois de meio litro de sangria.

Cartão 6BM: [10''] Isto... Ela está com uma cara um bocadinho de assustada. E ele não quer muito falar sobre isso. Hm... Ela poderá ter descoberto alguma coisa e ele não está muito à vontade com isso. Não sei muito bem, porque ele está com um ar um bocado intrigado, percebes? E ela está intrigada e assustada ao mesmo tempo. Ahm... Podem ter descoberto que gostam ambos de Tony Carreira. E não querem falar sobre isso. Pode ser muito isso.

Cartão 7BM: [6''] Um bom bigode. Começo logo aqui... Um bom bigode. Um bigode forte. Aqui não há bigode. Não tão... quase um buço. Este senhor poderá estar a gozar com ele de ele não ter bigode. Está a esfregar-lhe... sem lhe dizer nada na cara. Com

aquele olhar de «querias ter o meu bigode. Eu sei que tu querias» e ele olha só para o horizonte a pensar «raios, queria mesmo ter este bigode. E não consigo. Merda.». Um bocado isso.

Cartão 13B: [17''] Não sei. (4'') Poderia fazer... Poderia levar isto para o campo do humor negro. Isto podia ser em Auschwitz e o puto podia estar muito bem a dizer «por favor, não me levem para tomar banho, por favor não me levem para tomar banho» E acabou. Provavelmente poderia ir tomar banho na mesma

Cartão 13MF: [4''] Este senhor está com um ar mesmo a dizer: “AAAAH, felizmente existe rohypnol”. (eu não reagi) É uma droga que é usada em piadas para violações. Está ali na dele e acabou ali alguma coisa ou vai começar

Cartão 16: [5''] Isto basicamente é aquilo que eu vejo sempre que começo a escrever um texto. E penso: «O que é que vem daí?» Às vezes vem coisa boa outras vezes não vem nada. Mas... mas é giro e é um desafio sempre voltar a esta folha em branco.

É bom?

É bom. É bom sempre. É um desafio.

Anexo F: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T do Caso Ângelo

Entrevistadora (E): Para começar queria que me falasses um bocadinho de como é que foste crescendo. Onde? De há 20 e tal anos atras

Ângelo (A): Pronto, eu cresci no Porto. Ahm... toda a... Ahm, vivi toda a minha adolescência lá e aos 24 anos mudo de cidade. Ahm vim viver para Lisboa. Portanto a única mudança significativa que houve na minha vida foi essa. Como é que eu era quando era miúdo?! Era, basicamente era alguém que se percebia que tinha uma enorme vontade de comunicar, tinha pais muito conservadores – ambos professores...

E: Na escola onde tu andavas?

A: Hm, sim. Uma. Um. A minha mãe. A primária. Mas depois aprendi... Há uma coisa que acontece na minha vida que é marcante que é o facto de eu ter mudado de escola e de cidade. Isto é, a dada altura... A minha escola era no Porto e a minha mãe muda de

escola e eu também sou obrigado a mudar de escola e isso... isso fez com que eu tivesse coisas com que até então ainda não tinha acontecido. O tão proclamado Bullying aconteceu-me. E... e... muitos anos depois eu percebi porque é que isso aconteceu. Aconteceu-me porque eu fiquei sem defesas, não é? Todos os meus amigos que estavam na minha turma não foram para aquela escola. Eu era um Alien. Estava sozinho, não tinha ninguém. Isto depois tem que ver com a nossa personalidade. Mas o que é... Isso foi determinante na minha vida. Isso isso marcou-me. Talvez por isso - não sei. Mas essa é uma das explicações – para que eu sempre tenha usado o humor para que nada me acontecesse. As pessoas podiam estar comigo, havia uma cena de protecção e isso pode explicar alguma coisa. Ou então não, não explica rigorosamente nada. Mas pronto. O humor sempre foi uma coisa que me acompanhou e eu percebi, desde logo, que era uma arma brutal de arremesso. Sentia que isso...

E: Quando é que a usavas?

A: Usava para seduzir, sempre. Não só para fins lúdicos como amigos, como... como para raparigas, não é? Que sempre gostei muito, portanto o humor é sempre uma coisa... Dava jeito. As raparigas normalmente gostam de homens que as façam rir, embora e invariavelmente casem com os que as fazem chorar, não é? É uma verdade quase daquelas constantes. Pronto, basicamente é isto.

E: Como é que era com a família, com os amigos?

A: Com os amigos sempre fui uma pessoa muito popular e organizava coisas. Sempre organizei. Os amigos sempre foram muito importantes para mim. Claro que há sempre os amigos que nós consideramos especiais e outros que são mais...

E: Porque estão lá ao lado?

A: Sim, mas que são amigos na mesma. Não é com o mesmo grau. Acho que há vários graus a nível de amizade. O grau 1 são os melhores amigos.

Com a família nunca fui muito apegado, curiosamente. Há aquela ligação muitas vezes umbilical que as pessoas têm mas eu acho que sempre fui não só despegado da minha família, como despegado da minha cidade como despegado de tudo.

E: Sabes porque?

A: Não. Havia uma cantora. Ainda há, chama-se Cibela, ela tem um espectáculo que é A Cibela, a despegada (sotaque brasileiro) e o que ela fazia era, no espectáculo dela, houve um muito conhecido em que ela deu tudo o que tinha na casa dela. Os candeeiros, coisas pessoais dela. Todas as pessoas iam ouvir o concerto dela e levavam uma coisa e ela dizia isso mesmo que aquelas coisas que para ela não significavam nada, que ela era despegada e que queria outras coisas. Essas coisas para ela não interessavam nada. E eu definitivamente ainda não sou materialista mas sinto que também sou assim um bocado despegado.

E: Em relação às pessoas?

A: Com as pessoas... **com as pessoas não sou despegado mas em relação à Família, à Cidade.** Do género: não sou regionalista, não... não tenho aquela necessidade de defender o Porto, por exemplo. Normalmente isso é habitual nas pessoas do Porto e não, não sou nada disso. Gosto muito mais de Lisboa do que do Porto. E também em relação à família, sou capaz de estar... de uma forma perfeitamente normal, 3 a um mês sem falar com a minha mãe e com o meu pai.

E: Nem por isso a relação é má?

A: Não, não é. É uma relação normal.

E: O que é que é normal?

A: Falamos, falamos bem. Ahm, tenho uma relação mais próxima com a minha mãe do que com o meu pai... mas... também gosto do meu pai. Mas não me vejo propriamente a passar um fim-de-semana com o meu pai. Não... não conseguiria.

E: Porque?

A: Não temos uma relação tão boa que dê para isso. Tipo... Não consigo ter uma conversa de uma hora com o meu pai. Impensável. Nunca tive. Porque chocamos imediatamente. Os dois feitios totalmente diferentes, porque ia me chatear.

E: Sempre foi assim?

A: Sim. Sempre foi assim. Não é coisa que me preocupe por acaso. Estou habituado a isso.

E: Já não mexe?

A: Sim, porque a dada altura percebia que as conversas invariavelmente com o meu pai descambavam num choque e isso desde o início, por exemplo, fez com que eu desde os 13 anos deixasse pura e simplesmente de comer à mesa e fosse para uma mesa à parte, numa sala à parte onde via o telejornal que eu gostava de ver e sabia que me fazia bem para ter informação para a minha cabeça e ser melhor do que os outros a esse nível. E como sabia que se comesse à mesa com o meu pai que o meu pai ia começar a discutir comigo e a falar de coisas que eu não queria ou que me iam irritar achei que essa foi a melhor atitude que poderia ter feito. Ainda hoje me orgulho dela. A tal ponto que ainda hoje só como à mesa dos meus pais no Natal.

E: Se não vai...

A: Não, agora já não... Bem, agora não moro no Porto, não é? Portanto, não vivo com eles portanto as poucas vezes que estou lá mesmo assim tento... tento comer naquela mesa que sempre comi, gosto. Mas no Natal, obviamente (entredentes).

E: Estavas a falar da troca de escolas e isso ficou-me na cabeça. Come se antes corria tudo bem e quando mudaste para aquela escola descobriste o Humor.

A: Talvez, sim. Acho que começou aí. Sim. O Humor começa aí. Eu mudei no 5º ano. Até lá era um miúdo muito normal. Acho que o Humor é que começou aí. Não sei se descobri que aquilo de facto era uma defesa. Deve ter sido. Hm, e uma coisa também que eu descobri foi a partir dos 12 13 anos descobri a rádio. De uma forma quase profissional, foi assim um bocado precoce e isso veio mudar tudo, até a forma como de repente fui obrigado a crescer muito mais rapidamente porque todas as pessoas que trabalhavam na rádio eram muito mais adultos do que eu, logo é natural que as conversas que eles tinham não eram para a minha idade e eles tinham-nas à minha frente. Mesmo a forma como eu comecei a entender as mulheres naquele momento foi também diferente. E... isso fez com que mais uma vez eu tivesse que acelerar rapidamente.

E: Como é que aconteceu isto de ir para a rádio aos 13 anos?

A: Eu tinha uma rádio ao lado da casa dos meus pais. Havia uns amigos meus com os quais eu jogava à bola que faziam rádio nela. Eram bastante mais velhos do que eu e eu

comecei a acompanhá-los à radio. Comecei a perceber que quando assistia ao programa ficava muito... muito excitado com tudo aquilo. Parecia-me obvio que era quilo que eu queria fazer da vida. Às vezes pode ser um excitamento do momento mas na verdade não, profissão da minha vida e pela qual sou conhecido.

E: E porque este fascínio pela rádio?

A: Pela... pela forma como tu te exprimes. Há dois tipos de pessoas, há cada vez mais o segundo tipo de pessoas. Mas há, há aquelas pessoas que escrevem cartas para elas próprias e que não querem que ninguém as veja que é uma coisa que para elas é residual que alguém possa as ver ou não. E outras que é - onde eu pertenço – só faz sentido eu escrever algo se perceber que posso partilhar.

E: Porque só faz sentido se puderes partilhar?

A: Porque é para isso que comunico. Não tem sentido eu falar sozinho. Para mim não tem. Ou escrever para mim. Se eu estou a escrever já é para mim, não é? Só tem sentido eu fazer o que quer que seja se partilhar e eu acho que a partilha é, claramente, uma das grandes tendências do mundo. De que é que importa comprares um ou de ires comprar alguma coisa para comer espectacular se depois não tens de dividir aquele prazer com alguém, não é? Para que? Parece-me muito egoísta. Aliás, isso é uma das imagens de muitas vezes quando se retrata o egoísmo na banda desenhada e não sei quê, que é uma pessoa a comer sozinha sôfrega. Retrata tanto o egoísmo como a gula que é: está ali a olhar, a comer aquilo sozinho... E eu não gosto de comer tudo sozinho.

E: Porque dá mais gozo ter o outro ao lado?

A: Claro que dá. (silencio) Está a dizer isto uma pessoa que normalmente não tem relacionamentos. Tendencialmente.

E: Então?

A: Não sei. A pessoa que gosta tanto de partilhar a nível de... gosta da liberdade e da independência e isso faz com que me tenha de tal forma habituado a isso que as vantagens de ser livre superam as vantagens de ter um comprometimento com alguém. Pelo menos nesta fase. Que já dura a alguns anos.

E: Do género: a vontade de partilhar existe mas também exige que percas alguma coisa de que tu gostas. Ou seja, não assim tanto

A: Sim. É este nível. Portanto, sou um poço de contradições porque ainda à bocado estava a dizer que gostava de partilhar mas pronto, é isso. É justamente isso.

E: Se calhar a rádio... compensa de alguma forma? ... Porque estas a partilhar com outros.

A: Sim. Claro. Possivelmente, não é? Às vezes, costumo dizer, que não escrevo tanto no facebook... para que é que eu vou escrever tanto no facebook se já partilho tanto da minha vida! Ainda vou estar no facebook a partilhar isto - «Olha só isto que eu me lembrei» - porra, não, não consigo, estas a ver? Já partilhei muita coisa, todos os dias!

E: Questão chave: Alguma vez na tua infância te imaginas-te a fazer aquilo que fazes hoje? Já, não é

A: Sim

E: E o humor também?

A: O humor aparece mais tarde. Acho que o humor aparece mais tarde. Sempre fui um miúdo irrequieto, rebelde, que era sempre um miúdo simpático, não é? Brincava, não é? Mas não era bem um humorista. Eu não me considero humorista, considero-me um apresentador.

E: Pois, eu estou a perceber.

A: Mas depois comecei ali a perceber, 13 14 anos. Talvez porque sempre li muitos jornais, revistas e não sei quê. Comecei a aprender a escrever... Ah, já sei! E há um escritor que muda a minha vida que é o Miguel Esteves Cardoso. Quando eu começo a ler o Miguel Esteves Cardoso, aí sim eu sou tocado pelo Humor. E começo a tentar, de um certo modo, imitá-lo. E é essa minha... essa minha obsessão pelo Miguel Esteves Cardoso que me leva ao humor de uma forma definitiva.

E: Porque te identificas-te com ele?

A: Identifiquei-me imenso com ele, ria-me imenso com aquilo que ele escrevia e depois queria produzir o humor dele, não é. Também fazer eu o meu baseado na escrita dele.

E: Porque é que querias fazer?

A: Porque isso é uma tendência de todas as pessoas quando não têm personalidade própria. Com 14 anos sabes lá que é que... sabes lá quem tu és. Tu queres ser uma projecção de algo, normalmente pode ser a projecção do teu pai. Eu era a projecção do Miguel Esteves Cardoso na escrita, na minha forma de comunicar.

E: Faz-me sentido. Porque é que não te consideras um humorista?

A: Porque considerar-me um humorista significaria que eu teria de escrever textos para o humor, teria de decorá-los, representá-los muitas das vezes. E a verdade é que eu não escrevo humor. Eu não escrevo nada daquilo que eu faço. Só improviso. E é com base nesse improviso... Ah, e eu adoro falar a sério também portanto essa não responsabilidade deixa-me muito à vontade para depois fazer o humor se eu quiser ou não. Uma coisa é tu chegares perante uma plateia e teres a obrigação de os fazeres humor. Tens piadas, escreveste-as; outra coisa é não teres essa obrigação, as pessoas estarem muito à espera que isso aconteça porque estás muito associado ao humor (silêncio)

E: No entanto não há essa obrigação

A: No entanto não há esse compromisso. Sim, lá está. (silêncio) Isto pode estar tudo ligado. A cena do não-compromisso, etas a ver? Eu não gosto de não (cumprir)... não gosto de me comprometer com

E: Mas sobes para cima do palco à mesma?

A: Sim. Sou obrigado a isso.

E: És obrigado a isso...

A: Sim. Sempre tive um grau imenso de timidez e que me inibia e ainda me inibo de fazer muitas coisas mas invariavelmente sou a pessoa escolhida mesmo as pessoas sabendo que este grau de timidez existe, sou a pessoa escolhida para ir para a frente. Sou eu no palco, em qualquer espectáculo, nos prémios da estação... sou sempre eu que sou escolhido o que me orgulha imenso, como deves calcular. Mas que depois me provoca imediatamente uma alteração do meu sistema nervoso, não é? Vou ficar

nervoso e ansioso com aquilo mas pronto, isso vai ser a minha vida. É a historia da minha vida.

E: Mas vais para lá a pensar que os vais fazer rir?

A: Sim, a ideia é essa. E como nunca decoro nenhum texto, antes de um espectáculo, eu nunca sei o que é que vou dizer literalmente. Portanto é sempre uma coisa «E agora, o que é que vai ser?!»

E: Porque é que não decoras?

A: Não faz sentido nenhum para mim. Decorar um texto. Sei que vai... sei que vai ser pior. Estar a preparar piadas para.

E: Do que a angustia que sentes de não saber?

A: Sim, é preferível sentir essa angustia.

E: Ok. E como é que é estar num palco?

A: ... Eu confesso que para mim é sempre assustador. Tipo os forcados quando vão para a arena, não é? Tenho que pegar o touro pelos cornos e o touro ali é o público não é? Pode ir desde pessoas muito racionais e educadas a pessoas completamente irracionais e com uma formação... As experiencias que eu tenho são muito positivas mas contudo entendo o publico como faço em relação ao mar e à minha mota que é: Sei que são dois prazeres incríveis mas que são temíveis que nos podem levar à destruição. Isto é... Podes podes morrer na praia. E o publico também é isso, se subestimares o publico só porque apareces na televisão ou na rádio desenganas-te porque... porque não é assim.

E: De que forma é que eles te podem matar?

A: Fazendo... Fazendo sentir-me mal, não criando um bom ambiente para mim, não se rindo daquilo que eu estou a dizer. Pode acontecer. Já me aconteceu.

E: Como é que lidas-te?

A: Mal. Quando assim é, quando percebes que não estás a ter piada... a vontade é imediatamente saires do palco dizeres «Pessoal, obrigado mas isto hoje não vai dar. Isto hoje não vai dar». O problema é que não dá para fazeres isso. Não podes fazer isso.

Tens um compromisso, há alguém que está a pagar. Invariavelmente tens um caché por isso tens de estar ali... Por isso... Lá está, nas minhas apresentações, eu nunca sou obrigado a ficar... Sei lá acho que sim mas na grande maioria são apresentações curtinhas. Tipo...

E: Preferes assim?

A: Claro e interactivas ... As minhas apresentações é sempre para «E agora chamo ao palco o numero não sei quê» e vem outra pessoa.

E: Passas a bola para outro

A: Passas a bola para outro sim. É isso que eu faço bem. Aliás, eu ganho muito dinheiro com isso. Sempre que há espectáculos em que é necessário alguém para improvisar seja para apresentar os prémios da empresa, a reunião da empresa, seja para chamar pessoas ou introduzir essas pessoas. Tem haver com isso.

E: Mas tinhas capacidade de ficar lá uma hora... Uma não mas...

A: Sim, agora apresentei neste fim de semana, apresentei dois espetaculos para um banco e fiquei lá três horas.

E: Não digo o passar a bola para o outro; Digo ser o teu espectáculo.

A: Já o fiz, duas ou três vezes e não...

E: Não foi bom?

A: Não é não foi bom. É não foi compensador. Eu não achei que aquilo tivesse sido compensador. Para mim. Senti mais alívio do que prazer, portanto se é para fazer rir, à partida, vou sentir imenso prazer e não. Chegava ao final dos espectáculos com alívio... sentia alívio

E: Alívio porque se riram?

A: Sim, riram-se moderadamente, não foi uma coisa...

E: Então esse alívio foi porque?

A: Porque acabou. E porque não correu assim tão mal. Eu pensava que ia correr muito... Não, não correu assim tão mal.

E: Porque é que pensavas que ia correr assim tão mal?

A: Não sei, porque não é um meio que eu domine. Não escrevo humor, não estou ali a escrever piadinhas. Escrevo uns textos com alguma graça mas não é mesmo uma coisa de stand-up. Stand-up é uma coisa completamente diferente e o que as pessoas querem de mim, pelo menos nessa fase, era stand-up e eu percebi ao fazer stand up que aquilo é muita difícil. É muito muito difícil, portanto tenho o maior dos respetos por quem o faz e faz bem. Tenho respeito pelas pessoas que fazem bem.

E: Quando é que percebes-te que era **útil** para ti fazeres humor?

A: **Olha quando percebi que tinha de me defender das... da vida e das fragilidades que eu tinha sobretudo a nível de timidez. E quando percebi que as pessoas adoravam outras pessoas que as fizesse rir e as vantagens de fazeres rir uma pessoa são imensas. Sobretudo do sexo feminino. E como...**

E: Mas não usufruís desse...

A: Usufuo.

E: Ah, estava a pensar no relacionamento

A: Estavas a pensar no relacionamento, pois. (silencio) Sei lá, eu acho que na grande maioria das vezes que eu levo uma mulher para a cama, sei lá, eu diria que 60% foi por causa do meu humor. A forma como elas... elas riram-se, divertiram-se comigo...

E: Foi isso...

A: Não é propriamente pelos meus olhos azuis que quiseram...

E: Podia ser pelos teus olhos castanhos

A: Pois, mas não. Não é por aí que elas vão. Acho que depois poderão ver isso, estas a ver, mas o que cativa é o humor.

E: Ainda hoje é uma defesa, uma arma?

A: Sim, vai ser sempre.

E: É?

A: Sim, entretanto não me tornei mais bonito. Fiquei igual sempre, estas a ver? (ri-se)
Sim, mas sentes-te bem.

E: Mesmo para os amigos?

A: Sim, o humor vai ser sempre, o humor faz parte da minha vida. Embora eu não tenha aquela pressão de com os amigos de estar sempre a fazer piadas. Posso estar a ter uma conversa seria, ser uma pessoa séria. Não tenho nada essa pressão. Então isso seria ser um fantoche, eu não quero ser nunca um fantoche. Aliás, há... tendencialmente os humoristas são amargos. Há casos, mas os humoristas são muito amargos, há muitos casos.

E: E porque?

A: Não percebo porque mas talvez a tal percepção demasiado rápida da realidade que nos envolve nos leve a isso, não é.

E: O que é que vem primeiro? A percepção amarga e depois o humor ou o humor e depois a percepção?

A: Depende da situação. Honestamente, gosto de pensar que é sempre mais a vontade de fazer rir do que essa sensação amarga. Portanto, ou estado de espirito, não é. Mas às vezes, é, curiosamente, quando tens um estado de espirito mais... **Estás num dia mau que até tens um humor melhor, mais acido, mais consistente. E já me aconteceu muitas vezes. E é surpreendente - quer dizer «Estou num dia tão mau. Como é que consigo fazer isto com tanta piada?»**

Bem, pode ter a ver com o esforço suplementar que tu vais fazer que faz com que estejas mais atento e mais obstinado em te **salvares** disso, não é? Às vezes costumo dizer que tenho uma mão salvadora que me salva de prazos e coisas assim. Sei lá, tens que escrever um texto e tens que entregar até ao meio dia e são 11h da manhã e tu ainda não tens uma única ideia para um texto que tem de ter 3 mil caracteres – essa aflição, essa... esse pânico de teres tão pouco tempo, de teres de ter uma ideia que te pareça boa e razoável que faz com que essa ideia apareça mesmo... porque vai ter que aparecer ou entregas uma folha em branco. Nunca me aconteceu.

E: Queria-te perguntar como é que funciona o processo criativo. Estou a ver que é um bocadinho doloroso.

A: É muito doloroso, devo confessar. A folha em branco... Vou escrever sobre o quê? Há semanas em que tenho muitas ideias, podia escrever duas coisas três. E há semanas em que não tenho nem nenhuma! E aí é que está.

E: A semana foi boa?

A: Preciso de uma inspiração. Se bem que há muitos humoristas e... bem, isto é uma frase clássica que é: “A criatividade é 99% trabalho e 1% inspiração”.

E: É verdade?

A: A vida prova-me o contrário. Quando estou inspirado trabalho de uma forma muito melhor e quando não estou inspirado posso executar o trabalho mas percebo que não era aquilo ou que num dia bom a coisa podia ser muito melhor.

E: Há alguém a quem tu tentas fazer rir?

A: Não, particularmente.

E: Ninguém em específico

A: Não há ninguém especificamente a quem eu pretenda fazer rir.

E: O que eu estou a perceber é que tudo aquilo que tu escreves, tu partilhas mesmo que aches que não está assim tão bom.

A: Se eu não tiver nenhuma obrigatoriedade não vou escrever uma coisa que não esteja assim tão boa no facebook por exemplo. Não tenho obrigação nenhuma. Outra coisa é: Eu tenho de entregar um texto até ao meio-dia de quarta-feira e ele vai ser partilhado, quer eu esteja satisfeito com ele ou não. Vou ter que o enviar

E: Sim, não vai para o lixo

A: Nesse caso não pode.

E: Nos outros pode...

A: Vai para o lixo se eu estiver no facebook a escrever isto e «Ah, isto não tem tanta graça». Se ninguém me obrigar posso não partilhar, posso decidir se quero partilhar ou não. Agora, se for uma imposição editorial, não é? Um jornal, uma revista. Eu escrevo para três publicações ao mesmo tempo portanto

E: Portanto, as vezes tem que ir um mais ou menos.

A: Pois. Adorava que isto fosse diferente

E: E existe algum tema que seja mais importante para ti? Algum que te dê mais gozo fazer humor com ele?

A: O amor. É o tema mais recorrente quando eu escrevo.

E: E porque?

A: Primeiro porque sou sensível a ele. Depois porque raramente amo alguém. E, no fundo, talvez tenha percebido ao longo deste tempo que sou um bom analista do amor e as pessoas adoram ler-me quando eu escrevo sobre ele. São sempre os meus textos mais partilhados e mais comentados, é quando eu falo sobre o Amor. Acho que, no fundo, a conclusão que chego é que o amor é a coisa e o sentimento mais comentado e perseguido por parte de todas as pessoas, não é?

Pronto.

E: E foi por isso que o escolheste? Ou não escolheste?

A: Não te sei dizer. Sei lá. Lembro-me das minhas primeiras namoradas que sempre escrevi para elas. Que era sempre uma cena muito romântica. Sempre escrevi cartas de amor. Tenho vários livros sobre essa temática.

E: Fazes humor com esse tema? Ou esse é levado a sério?

A: Muitas vezes é levado a serio mas pelo lado tento suavizar a mensagem. Eu trouxe um livro, eu trouxe um livro com as minhas...coisas sobre amor.

(**E:** Trouxeste? **A:** Sim, trouxe! **I:** Eu queria comprar um. Chama-se “no dia em que...” Agora não tenho a certeza do título.

A: No dia em que fugimos tu não estavas em casa. **I:** Esse! **A:** Por acaso eu não trouxe esse, esse é o mais infantil de todos. Eu escrevi aquilo com... ainda adolescente não sei quê mas eram as minhas cartas, eram... Vendeu-me muito esse livro. Vendeu para aí 8 mil exemplares o que era impensável nos dias de hoje. Há muitas pessoas que tem esse livro... é um livro para adolescentes. Já não me revejo minimamente nessas cartas mas trouxe-te ali um que são as minhas análises ao amor, que já me revejo mais.

E: E que levam esse toque de humor

A: Sim.

E: Era preciso?

A: Eu acho que para passares uma mensagem ela tem que ser sempre... as minhas analogias são sempre mundanas. Isto é, nunca faço uma coisa demasiado densa, caso contrário as pessoas possivelmente não irão entender e brincar sempre com com isso.

E: Brincar cativa

A: O meu estilo favorito de apresentação é o chamado INFORTIME que é misturares informação com entretenimento. Isto é, não ser uma coisa insípida e vazia e que estás a fazer um programa e «Ah, o que é que eu aprendi com este gajo? Só me ri, de facto. Bem bora ver isto» mas é «bem, eu ri-me mas também aprendi alguma coisa com este gajo. Este gajo disse alguma coisa... ensinou-me alguma coisa que eu não sabia» Tem muito a ver com isso. É isso que eu gosto. Gosto de divertir e formar. E eu também, a esse nível, aprender com as pessoas que convido. Olha, eu estou sempre, continuamente, a aprender com as pessoas que convido. Primeiro porque só convido pessoas que me pareçam talentosas, não me interessa, de todo, entrevistar alguém que não me tenha talento ou que eu não lhe dê talento. Não me importa, porque não gosto. Não quero entrevistar alguém que não gosto. Para quê? Só porque é conhecido?

A: Bem, há aqui uma coisa que é... às vezes uma pessoa que fez algo interessante...
31:32

E: Sim

A: ...Pode não ser uma pessoa interessante

E: Sim, e eu queria saber se isso também é uma coisa que tu... Portanto, que faz de filtro para tu escolheres as pessoas para o grupo

A: Bem... Eu tenho por missão tornar mesmo uma pedra imóvel numa pessoa interessante. a dar a entrevista, um dia... Costumo dizer que um dia irei entrevistar um arbusto, mas enquanto esse dia não chega eu acho que tenho por obrigação... **Porque é isto que me distingue...** Porque é que todas as pessoas não apresentam um programa de televisão? Porque quando temos um convidado fácil, é muito fácil, de facto qualquer

pessoa pode estar a apresentar esse programa. O problema é quando é um convidado difícil...

E: O que é um convidado difícil?

A: Responde com monossílabos, que não é interessante, que é difícil de entrevistar, há muitas pessoas assim, por timidez, por reserva... e é aí que tu tens de salvar mesmo o programa, é por isso que te pagam, senão qualquer pessoa apresentava. As pessoas pagam para, caso corra mal, eles salvam o programa! É por isso que recebem um salário ao final do mês. Se não qualquer pessoa tinha a capacidade...

E: Como é que salvas o programa?

A: Normalmente com humor, com descontração com... e eu próprio... lembro-me uma vez entrevistar – essa entrevista é marcante para mim. Embora se eu perguntar À grande maioria das pessoas que ouve a Prova Oral, ninguém se lembra desse programa – que foi: eu convidei uma pessoa que era contador de historias profissional. Ok? E neste programa, cada vez que eu lhe pedia «Então conta-me uma historia sobre isto» ele: «Epá, não. Não queria contar» «Então uma sobre isto» «Ah, não» Ok. E cada vez que ele dizia isso eu dizia Então eu vou contar uma. E contava eu ma historia. Eu acho que contei 5 historias nesse programa. Eu estava interessado num contador de historias...

E: Que não te queria contar historias!

A: Que não me queria contar historias. E eu tinha-o levado a essa programa apenas e só para ele contar umas historias. Isto tem todo o sentido, não é? Ele não queria. É assim

E: Foi com o teu humor e com o teu à vontade que...

A: O meu à vontade que é um bocadinho... Sei lá... um bocado construído, não é? Eu sou tímido.

E: Pois, o que eu estava a pensar agora é Tu como apresentador tens que pôr a tua timidez de parte e seres tu o que está à vontade.

A: Sim. Tem que ser.

E: Porque é que te pões nessa posição? Ou porque é que te puseste?

A: Porque é a minha profissão. Eu tenho que mesmo

E: Mas escolheste-a

A: Porque sinto vontade de comunicar. Agora, repara. Eu sobretudo fico nervoso quando `há publico. Porque o publico é uma pressão e eu não gosto dessa pressão.

E: Porque é que o publico é uma pressão? Tens que agradar a toda à gente?

A: Não, porque repara. Eu estou interessado em aparecer na televisão num programa que agora faço no Canal Q. Ao não ter publico, eu posso ter uma conversa séria durante largos minutos. Tu quando tens publico, não.

E: Não?

A: Porque? Sentes... Há lá uma pressão. As pessoas querem bater palmas, as pessoas querem-se rir. Portanto se tu tiveres ali (publico) essa coisa está sempre lá.

E: Então não há liberdade de não fazer rir?

A: Não. Sentes ali uma pressão, nitidamente. As pessoas não...

E: Não há liberdade para seres sério... só quando estás sozinho.

A: Sim, se não houver publico ao vivo há essa liberdade. Se houver publico ao vivo é tremendamente diferente

E: Porque não é o que as pessoas querem... ficar serias ou tu?

A: As pessoas quando vêem um programa de entretenimento querem-se divertir. A diversão é quase uma paranóia. As pessoas querem-se divertir. É uma obsessão. Eu percebo-as. O mundo é tão... é uma seca, portanto é natural. E se isso não acontece, não é? Pode ser uma decepção para as pessoas.

E: E se for uma decepção para as pessoas?

A: Começas a ter a probabilidade de as pessoas te tirarem dali daquele papel de diverti-las... Estão-te a pagar para isso. Para tu divertires as pessoas. Se tu não divertes as pessoas vem outra pessoa diverti-las, não é? Ora bem, é como um palhaço num circo. O palhaço não faz rir. O que achas que vai acontecer a esse palhaço? Vão mudar o público por causa do palhaço? Não. Vão usar outro palhaço.

E: Então fazer apresentações e entrevistas sem humor... Porque há apresentadores sérios.

A: Há, mas não fazem humor.

E: Então tu fazes humor. Só que não és humorista

A: Sim. Utilizo humor.

E: Sem a pressão de ser humorista

A: Sim.

E: Não podia ser seres um apresentador serio?

A: Agora já não. Agora já não. Porque já criei essa imagem em torno da minha. Já estão à espera disso. Agora já não fazia sentido. Outro dia um amigo meu dizia-me: «Epá, se continuares assim as pessoas nunca te vão levar a serio» e eu disse «Mas eu não quero ser levado a serio, não é?» Agora não posso ser ... então fui uma pessoa sempre ligada ao humor e de repente sou uma pessoa séria? Então como é que vai ser estes... Dizem: Olha, deve estar a antidepressivos, de certeza. Não é? Não faz sentido nenhum. (silencio) Nem eu quero! Nem eu quero! Atenção!

E: Como é que tu lidas com isso?

A: Tanto não faz sentido nenhum como eu não quero. Quero fazer sempre coisas *out of the box*. Diferentes do habitual, divertidas. É isso que eu quero. Porque é a parte também que me diverte

E: É a parte que te dá prazer

A: Sim. Dá prazer. E diversão.

E: E ficar serio, para ti, é o que?

A: É absolutamente normal.

E: É?

A: É. Não, não tenho...

E: Não há esse bloqueio?

A: Não. Não há bloqueio nenhum. Adoro! Adoro ficar longas horas serio a ler... Adoro ler... Sem que ninguém me chateie. Invariavelmente a ler. Eu adoro ler. Deve ser a coisa que eu mais gosto de fazer. Jogar à bola e de ler.

E: Ok. Eu já fiz praticamente todas que tu vais falando...

A: A serio? Então eu sou muita bom! Deixa ver quanto tempo é que isto demorou

E: Acho que já respondes-te mas isto do humor ajudar a adaptares-te... É uma necessidade, para além de ser...

A: O que é que é uma necessidade? O Humor? Eu diria que o humor e o amor são as das coisas muito necessárias, não é? Sim. Sim. Claro.

E: Porque?

A: Porque eu acho que «que interesse tem a vida: 1: sem amor?» Pode ser o amor de várias formas mas de facto é muito importante tu teres esse amor, não é? E eu vou tendo esse amor, embora de uma forma um pouco fora do convencional. Isto é, eu tenho pessoas que me amam. Isso é bom, há pessoas que não têm isso. Só que eu não amo essas pessoas. Ahm, exepcto aquele amor de mãe... mas não é desse amor que estamos a falar. E o humor... quem é que quer viver numa vida triste e desapaixonada... quem é que quer viver isso? Eu não quero. Eu sou assim. Não consigo ser assim. Eu sou uma pessoa muito intensa e vibrante e sou... sou conhecido por causa disso, não é? Não teria sentido se não... se não fosse assim.

E: O que é que é isto de não amares as pessoas que te amam?

A: Não sei. Olha também já me aconteceu amar pessoas que não me amavam a mim. O chamado amor platónico, sabes? É uma coisa que existe desde desde que a humanidade foi criada. Portanto... não te sei explicar. Pura e simplesmente, nos últimos anos, não... Sei lá, tenho interesse nas pessoas mas depois não consigo verdadeiramente apaixonar por elas. Talvez... a tal coisa que tu disseste na entrevista... que é o... o compromisso e o não querer um compromisso. Seja ele com o humor, seja ele com o amor. Talvez, talvez tenha criado isso. O facto de me ter tornado muito independente em relação a tudo. Não é só a nível sentimental, é mesmo profissional. Eu sou um freelancer, tipo... estou sempre...

E: Não te comprometes com nada

A: Não me comprometo com nada. Sei lá, estava nos quadros da Antena 3 no ano passado e houve uma regra qualquer que tinhas que estar lá 8 hora e eu lembro-me que nesse dia quis assinar um papel para isso não me acontecer. Eu não posso estar aqui 8 horas. Não dava mesmo.

E: Porque?

A: Porque ia deixar de ter uma vida. Olha, não podia estar aqui... a dar esta entrevista. Estava lá a passar a tarde «Ora bem, já só faltam 5 horinhas». Isso era impensável para mim. Eu tenho que ter uma vida. Tenho, se quiser, ir à praia. Tipo...

E: Tens que ser livre

A: Sim. O facto de ter mota tem a ver com a minha... esta necessidade de independência, liberdade absoluta. O facto de poderes passar, não teres transito. Sei lá, tu já viste?! Eu mesmo quando chove torrencialmente saio de mota e isso não é muito normal para as pessoas que andam de mota. E eu saio. Porque me compensa muito mais sair com a chuva e chegar a horas e ir calmo e pacificamente do que... (silêncio, não termina a frase)

E: Porque é que é tão importante a liberdade?

A: Para mim, porque é dos valores que eu mais estimo. Se não o valor que eu mais estimo. Acho que não seres censurado... fazeres aquilo que verdadeiramente queres e sobretudo, perceberes que aquilo que verdadeiramente queres, sem falsa modéstia ou pretensão, é o caminho que te parece o certo. Portanto... não não... para mim não tinha sentido nenhum eu fazer o que quer que seja - sei lá, uma revista ou um jornal- se fosse uma copia de algo eu já exista. Para que é que vais estas a fazer uma coisa? Ou é algo verdadeiramente original, que possas acrescentar alguma coisa ao que já existe ou então é preferível não fazeres rigorosamente nada. Não tem sentido. Aquilo que eu mais gosto de fazer é justamente coisas diferentes do habitual e acrescentar algo. Sobre tudo acrescentar algo

E: Se não não vale a pena.

A: Não vais acrescentar nada, para que é que... És uma pessoa igual a todas as outras? Não, não quero ser. Não é... repara, não é aquela mania de «Ah, eu sou diferente das outras pessoas». Não, mas de facto tenho de fazer algo que seja... tenho de dar mais. Agora vou dar o mesmo? Ah, porreiro, sou igual ao outro, tá bem.

E: Faz-me sentido. Isto do humor são só risos ou há um lado mais escuro?

A: Não vejo assim nenhum lado mais sombrio a não ser a parte que já disse que muitas vezes estou serio e quieto e mudo sem fazer qualquer tipo de humor.

E: É uma necessidade?

A: Sim sim sim. Ler.

E: É só a ler que ficas serio?

A: Muitas vezes. Também depende daquilo que estiver a ler, não é? Gosto de ler muito conhecimento de enciclopédia. Adoro isso.

E: Porque?

A: Porque é conhecimento que depois posso aplicar na minha comunicação, não é? Agora estou a ler uma enciclopédia geográfica. A ler sobre cada um dos países.

E: E o tempo passa-se bem assim?

A: Sim. Estava a ler sobre o Alasca e descobri que o Alasca tinha sido vendido à Rússia, não desculpa, tinha sido comprado à Rússia em 1867. Sabias isto? Nunca saberia se não estivesse a ler uma enciclopédia geográfica. Ficas logo a pensar: Bom, uma região foi vendida a um país, porque é que não se compra? Porque é que não se compra de uma vez a Síria e acabou-se. Compra-se a Síria, devolve-se a Síria aos Sírios. Põe-se aquela malta toda a andar e pronto

E: No próximo programa de rádio...

A: Eu sei que vou aplicar certas coisas... Não sei é quando.

E: Mas está aí guardado para depois...

A: Sim, está sempre. Para depois... Faz sentido

E: Como intervenção, também?

A: Sim, ou é na radio ou na televisão. Tudo o que eu leio, tudo o que eu... Sei lá, esta conversa... eu posso usa-la, nunca dizendo os nomes: «o outro dia estava a ser entrevistado para um estudo de psicologia e ela chegou à conclusão que o meu problema era o compromisso... Achei curioso.»

E: Fui eu que disse isso?

A: Estas a ver? Não chegas-te a conclusão nenhuma. Nem sequer sei a que conclusão é que chegas-te.

E: Nenhuma, ainda.

A: Pronto, eu uso... ou... «estava a dar ali uma entrevista em Alfama e epá vi que havia uma janela em frente ao sitio onde estava a ser entrevistado e de repente imaginei-me a viver em Alfama e não me pareceu nada má ideia. Deve ser bom viver em Alfama». Através de declarações, numa radio em directo, é muito possível que alguém de Alfama esteja a ouvir e dizer «Vou ligar. Olha, opá isto em Alfama não é assim tão bom sabes». Entendes? Tens que fazer coisas que possam estimular, que possam fazer cocegas no cérebro no teu e ds outras pessoas, do género «Elá, espera aí». Acho que é um bocado isso.

E: Acho que podemos terminar. Já está. E há outra coisa que eu te queria propor fazer aqui mas isto é à parte. Vou-te apresentar uns cartões e a ideia é tu olhares para os cartões e imaginares uma historia a partir do cartão.

A: Aí!

E: Sim? Vamos ver...

A: São 16 cartões? Mas tem que ser historias muito longas?

E: É provável, por acaso mas...

A: Estou a ver ali 16. Eles têm números...

E: Ah, não está por ordem.

A: Mas tem que ser uma historia longa?

E: É a historia que tu quiseses. Vais olhar e vais imaginar

A: Tenho que imaginar?

E: (anuo com a cabeça) Imaginas uma historia a partir do cartão.

A: Então vá pronto (Recosta-se na cadeira)

Transcrição da aplicação do T.A.T:

Cartão 1: [8''] Bom, aqui parece-me que é a historia de um miúdo entediado, como a grande maioria dos miúdos e que está a atentar perceber se o violino pode ou não ser a sua vocação. Sendo que lhe parece que não, neste momento. Este miúdo, provavelmente quer seguir moda ou uma outra carreira que não a musical. Se calhar está mais interessado em brincar lá fora do que aprender violino. Alias, como todos os miúdos.

(Q: qual é que seria a vocação)

Eu acho que aqui ele ainda não sabe. A vocação dele aqui... acho que as crianças até aos 10 11... a vocação de todas as crianças é brincar, não é? Eu acho. Há uns que dizem «quero ser contabilista». Estão a projectar a... o pai deve ser contabilista de certeza, ou um tio. Nenhuma criança antes dos 10 anos diz que quer ser contabilista. Como?

E: Posso perguntar o que é que o teu pai fazia?

A: Era professor e depois bancário.

Portanto, não segui nem uma nem outra

Cartão 3BM: [4''] Pronto, esta é claramente a figura que me transporta para um mundo mais denso e solitário e infeliz. Vejo aqui uma... uma mulher que, pela posição que tem... até se pode estar a rir mas pelo que eu vejo pode estar a passar por um mau período e pronto, assim o exhibe, deste modo.

Cartão 6BM: [4''] Bom, aqui... o que o retrato reflecte é algo denso e diria que uma perda. Possível. Uma perda de algo, pode ser de uma pessoa... possível... como uma situação, uma amizade. Algo, algo de triste que terá acontecido para que estas duas pessoas estejam desta forma. Ela com um semblante distante, pensativo. E ele com um ar ainda mais pesado e... e vê-se aqui alguma preocupação e amargura.

Cartão 7BM: [2''] Bom, aqui o que eu percebo é que há uma espécie de paternidade ou perante... também um rosto que me remete para uma qualquer insatisfação. Há aqui insatisfação neste... Dá ideia de ser o pai esta pessoa que está aqui com o seu olhar a conforta-lo. Há todo um tom paternal por parte de uma das figuras que seguramente o

irá tentar confortar e daqui da parte dele o que eu vejo é preocupação e um certo alheamento. Vejo alheamento daquilo que irá fazer.

I: Preocupação sobre o que irá fazer?

Ou o que irá suceder depois. Ou... ou o que... sim. Eu acho que ele está a pensar nisso que é «O que é que eu vou fazer depois?» E o pai está a dizer: «Opá, não vai ser nada. Isso não vai ser assim tão complicado como tu estás a pensar»

Cartão 13B: [5''] Aqui, o mais certo é ser só um miúdo a não pensar em nada, possivelmente. Os miúdos têm essa nobre arte, tal como os homens, de não pensarem em rigorosamente nada. E é só um momento na vida de um puto... sem pensar em nada.

Cartão 13MF: [7''] Bom, este quadro é enigmático. Podem estar muitas coisas aqui... implicadas. Se... se quiser ir pela... pela positiva. Poderei interpretar tratar-se de alguém que tem um relacionamento com esta mulher que aqui vemos. Que esta num quarto depois de eventualmente se ter vestido após um acto de amor com esta mulher. Por outro lado, posso ver de uma forma mais negativa e posso pensar que esta mulher esta morta... E que o homem que a matou esta a pensar naquilo que acaba de fazer. Vejo isso no gesto, na forma como ele coloca as mãos nos olhos em forma de vergonha, de embaraço. De arrependimento, talvez. Tipo «o que é que eu fui fazer À minha vida?». Quando se mata alguém, à partida, também se mata um pouco de nós. Acho que, se calhar, ele pode estar a pensar nisso.

Cartão 16: [6''] Isto é uma simples folha em branco cujo objectivo para mim é nunca deixar em branco. Há uma piada perante uma folha em branco. Um rapaz diz que o que tinha desenhado era uma vaca a comer erva e ele pergunta-lhe então mas onde é que está... onde é que está? Sabes essa historia, não é? Pronto, é essa historia. A minha historia... eu costumo dizer que perante uma folha em branco – e isto faz-me lembrar sempre o processo inicial de algo criativo- e não é mais do que isto, a folha em branco faz parte da nossa vida, e cabe-nos a nós preenche-la.

(Agora percebias que não tinhas gravado nada!)

Anexo G: Transcrição da Entrevista e do Protocolo T.A.T do Caso Dolores

Dolores (D): E também são as mulheres no humor! O humor esta definitivamente na moda! Só que em Portugal....Em Portugal não há muito à mostra!

Entrevistadora (E): E por isso é que eu achei tão interessante convidar-te! Porque realmente é das únicas oportunidades de entrevistar uma mulher.

E: Eu convidei- te aqui por seres humorista, mas o que eu queria mesmo, sendo isto uma tese de psicologia, era que mostrasses mais o lado pessoal, o que te fez ser humorista! Por isso quer que estejas aqui toda! Não quero que dêes só aquela parte do humor!

D: Não está descansada! Portanto não te preocupes vou dizer montes de porcarias!

E: Para começar gostava que me falasses um bocadinho de como era a Cátia a vinte e tal anos atrás como é que foste crescendo, como é que foste evoluindo, como é que eras antes.

D: Tive uma... eu acho que a infância da Cátia existe em duas fases: e isto infância quase que mete adolescência, que foi até aos sete anos, tive uma infância espetacular cresci com o meu avô e com as minhas tias, porque os meus pais na altura, os meus pais estão ligados a restauração, e toda a gente sabe que sendo ele proprietários de um café por conta própria, neste caso dois restaurantes, era muito complicado eles terem uma educação presente, e darem-me atenção ...etc. Então num dos primeiros anos, um\dois anos, fui criada com amas e depois as minhas tias como ainda estavam em casa e são todas mulheres e tinha o meu avô! Então a minha educação, o meu crescimento passou muito pela quinta do meu avô em Sintra! Ou seja tinha a melhor infância que uma criança, acho eu!

E: Mesmo sem os pais?

D: Os meus pais vinham ao fim de semana, e que tive sempre muito cuidado, ou seja, tive muita proteção e o apoio das minhas tias e do meu avô! Lá está! Que na verdade o meu ainda hoje, (isto também há muito tempo que faço terapia, portanto há coisas que eu já consigo dizer...) ahh o meu avô foi a minha referência masculina na minha vida. E as minhas tias. Nunca conseguiram ocupar o lugar de mãe porque a minha mãe independentemente de passar pouco tempo comigo conseguia fazer bem o seu papel, e eu percebia que ela era minha mãe, com o meu pai não se passou tanto assim! Ainda hoje, não temos uma boa\grande relação, porque temos feitios muito semelhantes e ao mesmo tempo muito opostos. E pronto até mais ou menos aos seios anos ahh e depois as minhas tias começaram a casar, foi um processo doloroso, começavam a sair de casa e eu acompanhei a saída delas de casa, foi muito terrível, mas pronto. Depois dos sete anos foi quando eu vim cem por cento para Lisboa, fui para a primária, os meus pais

continuavam a trabalhar imenso, na primária foi terrível, porque enquanto em Sintra havia muito poucas crianças, aqui em Lisboa ser jogada para uma primária onde há dezenas de miúdos aos berros, e eu era muito adulta para a idade, foi complicado... Vim para cá... comecei a não saber falar! Para teres uma ideia... foi assim um bocadinho complicado, e depois disso foi um crescimento, os meus pais continuaram a não estar presentes...eu estava na escola... Era muito raro os meus pais irem-me levar à escola então depois obviamente tive uma adolescência muito rebelde, fiz muita merda! E depois por volta dos meus dezoito anos, isto é um resumo! Fui parar ao hospital em coma, fiquei em coma alcoólico, eu era essa pessoa, e foi o ponto mais baixo porque na altura eu fui para São José e aconteceram uma data de coisas nessa altura que ou seja, eu estava com depressão, percebi isso depois, e eu aprendi a ver isso! Eu tive em terapia! O próprio hospital quase que fez um ultimato aos meus pais que apesar de eu ter dezoito anos que eu teria de fazer terapia e tinha mesmo de procurar ajuda! E eles aconselharam um psiquiatra e tudo mais e tive um psiquiatra durante alguns tempos. Para ser medicada etc.! A medicação essa que na verdade eu nunca fiz! Não me sentia bem comigo!

E: Porquê?

D: Porque eu tomei durante duas semanas e eu passei duas semanas a dormir ??? E eu não por mais incrível que pareça... eu nunca tive um problema com o álcool.. Eu não tenho uma personalidade adicta e o meu problema nunca foi o álcool, não foi por ser agarrada ao álcool na perspetiva da adição e porque tudo o que mexa, e apesar de eu ter estado em coma.. e isso foi quase um.. foi uma chamada de atenção brutal, mas e eu nunca gostei nada, de nada, que me alterasse que eu sentisse que eu não estava ter controlo sobre mim. Não sentia esse controlo tão descarado em mim. Não era eu sabes! Não tinha controlo! O querer estar acordada, o querer mesmo o sentir as coisas, não sentia que controlava isso! Então não tomei. Entretanto acabei a terapia e depois desde aí, o que é que me fez ficar bem na altura, numa altura tão complicada, sendo que depois à depressão depois eu, consequência, era quase uma inevitabilidade, pela minha infância toda, aprendi a ver aquilo como... ok era inevitável aquilo de alguma forma fez sentido e o que me fez dar a volta(vai parecer estúpido) mas foi a espiritualidade, ou seja, eu sentia que o meu problema a cima de tudo era espiritual, era eu achar que alguma coisa que já não está a fluir e por isso é que ahh eu fui-me abaixo naquela altura porque a minha melhor amiga tinha morrido nessa altura, tinha dezoito anos também, e

foi uma morte idiota, a mais idiota do mundo, reação alérgica , e nessa altura foi tipo.. foda-se!!! Porquê? Eu acredito que (infelizmente acredito porque não é aquilo que eu mais esperava do mundo) sou especial de alguma forma! Tens uma tarefa uma missão, e quando isso aconteceu aos dezoito anos foi como se isto fosse completamente aleatório , porque a Leonor(melhor amiga) também tinha... aquilo não podia ser a dela percebes? E daí que eu estar a dizer-te que foi uma questão espiritual, foi aquilo que me fez... isto foi completamente aleatório, isto é ridículo. Eu já era e depois comecei a entrar num período de extremamente de existencialista, se tu não sentires que há um objetivo, que é o objetivo??? Mesmo que não haja, o sentir que há, ajuda, e quando essa tua teoria cai por terra! Ficas completamente à toa!

E: Portanto existe até o que é que fez a Cátia até aos vinte e tal anos foi cheio de sentimentos....

D: Foi forte! Eu fiz varias perguntas na cabeça e agora E acho que vou voltar ao início. Eu tinha dezoito anos, e ainda é tudo tao pouco solido, e é a tal cena eu acho que me custou, por mais incrível, é o quão aleatório foi... as coisas acontecem porque sim e tu não tens controlo sobre as coisas. Mas nunca me, as cenas normais de fumar ganzas na escola e ainda hoje em dia tipo fumar! Eu só à pouco tempo é que consegui sabes ao fim de semana o Rui estou com amigo e fumar um bocadinho, mas mesmo assim é a perspectiva de poder perder o controlo de alguma forma de mim, das minhas atitudes, reações, emoções é muito difícil por isso é que se calhar tinha tudo para ter sido a dita! O facto do álcool! E a minha melhor amiga acabou por ir por aí curiosamente, pelas drogas (sofia) que acabou por ter uma vida muito complicada e agora está excelente, tudo aquele submundo que tu vês nos filmes e tudo aquilo que tu sabes mas aquele submundo de drogas, prostituição, violência e não sei o quê... ela teve isso tudo e das drogas mais pesadas, heroína, e que hoje em dia tem vinte anos e é uma mulher incrível, recuperou.

E: Porque é que é incrível?

D: Primeiro: incrível como caso médico, porque ela tem hepatite c , tem HIV e quando ela entrou em recuperação as estatísticas provam que é à segunda tentativa que tu consegues levar a recuperação a sério e ela não! Ou ela fez aquilo até ao fim! Ainda hoje trabalho imenso, vai a reuniões todos os dias! Criou a própria reunião dela no Rato, entretanto acabou a faculdade, faz serviço social, está a trabalhar na santa casa da

misericórdia, cheia de planos! E eu era aquela pessoa que nem sequer podes ver nunca mais um copo de moscatel e ela não! E é uma força de vontade, claro que ela tem momentos piores só aquela força de vontade e aquele compromisso que ela assumiu, como eu sou uma pessoa que não consegue assumir compromissos da vida, tudo o que seja mais de três meses já começo a ficar ansiosa.

E: Porquê?

D: Não sei! Tenho um medo do compromisso do caralho! Com trabalho, enquanto toda a gente quer um contrato de trabalho, quando me oferecem um contrato de trabalho eu começo a pensar tipo... quanto tempo.... e se eu não gostar.... e se eu quiser sair... é mais o se eu quiser sair!

E: Tem a ver com o controlo?

D: Nunca pensei assim... mas se calhar é! E numa relação tu assumires um compromisso não sei! Compromisso é estares a te comprometer que vais...

E: Vais falhar?

D: É mais o se tu quiseses sair! Tu não podes sair porque tu te comprometeste! É claustrofóbico e que depois, imagina, no meu antigo trabalho eu assumi! Puseram me um contrato e eu quis ficar três meses à experiência! “Estas a brincar??? Mas isto é um contrato!” Não mas eu quero estar três meses a experiência para ter a certeza que é isto que quero!

E: E depois disso?

D: Vou assumir um compromisso e se não for isto? Eespecialmente no trabalho é muito mal compreendido e eu percebo isso! Porque a maioria das pessoas querem um contrato! E um contrato mesmo que seja precário, seis meses renováveis é qualquer coisa! É seguro, eu sou a pessoa que diz-: eu quero seis meses a experiência “Podes assinar durante três meses e depois quando quiseses ir embora... não há problema nenhum! É só mesmo para te salvaguardar a ti e teres este contrato” e mesmo assim não! Porque é a minha palavra! Quando eu assinar vou estar os seis meses! Eu não vou sair a meio, por isso eu prefiro três meses à experiência, e pronto acabei por assinar! Fiquei muito feliz e ainda bem!

E: O que é que te fez ficar? Foi aquilo que estavas à espera?

D: Não! Foi estar numa área diferente, foi entrar numa área diferente, aprender comunicação digital, eu já estive em varias áreas da comunicação, muitas! Porque sempre vou experimentar! Comecei em imprensa, depois para publicidade, depois experimentei comunicação digital, epá o ambiente era tão fixe ... São muitas pessoas e por alguma sorte... as pessoas são mesmo fixes, o dinheiro era bom e as pessoas também, e foi isso que me fez ficar e depois a dois\três meses despedi-me.

E: Porquê?

D: Foi pelo mercado em si, porque entretanto comecei a dedicar-me mais a comedia, e uma coisa é...(altura do canal Q) imagina que o teu part-time é tu seres a tua própria diretora criativa e tu fazeres aquilo em que tu acreditas e o teu emprego é a maior parte do teu tempo é servires clientes que se estão a cagar e que sabem muito menos da marca que tu.... e na verdade isto é publicidade! E tu como consumidora consegues perceber é tudo uma granda merda! Não se aposta em criatividade! E eu como criativa, eu e a maioria tipo... Tu hoje em dia se falares com noventa por cento dos criativos todos te dizem que estão super frustrados neste país! E é uma coisa de país, atenção! Porque eu fui trabalhar em Espanha e por mais incrível que pareça o mercado também está complicado e está em crise etc. mas a maneira de olhar a criatividade é completamente diferente e a aposta na produção nacional também! Tudo o que tu tens em televisão por exemplo é quase tudo adaptado vem tudo lá de fora e tu traduzes e o que tu fazes cá com marcas portuguesas que criam, em que a criatividade é portuguesa, é tudo uma merda e não porque os criativos são maus porque somos iguais aos outros quaisquer, é porque os clientes se estão a cagar, sei lá! Eu tenho uma marca de cerveja e se eu poder comunicar como se fosse um supermercado que é do tipo- pagas uma levás duas... é mais direto ao preço, para eles melhor! Porque tem mais eficácia! E hoje em dia tu fazeres coisas em que as pessoas pensem esquece, ninguém quer perder tempo com isso, eu chego a receber e-mails de clientes a dizer (é incrível, uma coisa que já está tão... burra, já estas a fazer aquilo tão simples como se as pessoas fossem atrasadas mentais) e que tu ainda recebes e-mails a dizer: não, isto ainda não está lá.... Porque isto tem de ser... E estares a tratar as pessoas por burras foi uma coisa que me começou a chatear um bocadinho e foi olhar para a minha mesa de trabalho diariamente ... Não foi uma coisa do dia para a noite, foi uma coisa pensada eu que já estava tão defensiva com

alterações e com o que o cliente quer e depois o problema é... Não é só o cliente e depois o agente que tem de ganhar o dinheiro... Portanto tu não vais aconselhar o cliente porque queres receber ao final do mês para tirar aos teu funcionários, portanto vais fazer o que o cliente quer e eu já estava tao defensiva com este processo todo... Que era um problema de todos os sítios, para a minha sanidade mental eu não posso continuar a fazer isto porque eu não acredito minimamente nisto e se tu perguntares a noventa por cento dos criativos em Portugal ninguém acredita no que faz! Só que... Há trabalho piores e é verdade, mas nesta idade, pelo menos até aos trinta tenho de tentar alguma coisa! Apesar de não ter ideia do que quero fazer da minha vida... Saber que gosto de escrever... É uma coisa que gosto de fazer e depois de ter descoberto a escrita de humor fez-me o clique, pode ser por aqui!

E: Porquê?

D: Porque o humor, pelo menos para mim, isto é muito a Gil vicente, o humor é uma arma brutal, uma arma social, pelo menos para mim e sinto o humor e tento fazê-lo como uma arma social, aquela miragem de tu mudares o mundo (a minha missão é mudar o mundo de alguma forma). Eu vi isso no humor e achei que na publicidade eu conseguia fazer isto, como é que é possível... Mas todos acham no início, tu consegues fazer filmes construtivo e tu consegues fazeres ações de solidariedade social. E eu no humor, uma coisa que acabou por ser inata porque eu sempre gostei muito de dar a minha opinião na vida no geral, e comecei na altura da faculdade e dava opinião sobre a publicidade sobre o que se fazia em Portugal e quando eu comecei a falar da atualidade, especialmente na atualidade política porque é uma área do meu interesse e especial também. Comecei a perceber que aquilo que eu escrevia no meu blog, independentemente da audiência ser pouca na altura, não que agora seja brutal mas aquelas pessoas percebiam... Imagina, eu fazer um post sobre o orçamento de estado e estar a falar disso de uma forma muito coloquial.... E explicar o que é que é... Com alguma graça as pessoas percebiam!! Ao mesmo tempo que riam, (ya esta miúda é completamente ridícula) mas riam-se e percebiam, era um bocadinho crítico... Enquanto liam tornavam-se críticas também, porque para te tornares crítico precisas de conhecer também, então eu sentia que conseguia fazer um bocadinho isso, conseguia dar-lhes o conhecimento e isto é estúpido claro! Para mim é estúpido! Para outros pode não ser...

E: Para quem há de ler também

D: Para quem há de ler... comecei a perceber que o humor é uma arma do caraças! Por isso é que eu digo muito Gil vicente, porque na altura dele todas as peças que ele escrevia, gozava com tudo, fazia grande sátira, política vá... E toda a gente se ria e ninguém percebia muito bem... Sabes tu rires-te de ti próprio... Ya tu rires-te da burrice e das injustiças e daquilo tudo, daquele sistema de pirâmide, as pessoas riam-se..... Os próprios textos eram entretenimento e eu acredito que o humor, ou o que eu tento fazer, é isso, porque eu acredito no humor relevante, claro que o programa de comedia mais visto é “os malucos do riso”.... Isso é tao relevante como uma batata, não aprendes nada... Muito pelo contrario aquilo é xenófilo, aquilo é racista, homofóbico, e as pessoas riem-se porque é a cena da revista a portuguesa, mas tu comesças a ter nichos em Portugal, isto é que eu faço não é para toda a gente, não interessa a toda a gente.

E: Porque é que não interessa a toda a gente?

D: Lá está, porque o programa mais visto é os malucos do riso, imagina tu dizeres que o cláudio ramos gosta de comer cornetos pelo rabo, as pessoas vão achar todas imensa piada, não é uma boa piada mas as pessoas acham muito mais graça que tu fazeres uma piada sobre o desaparecimento dos documentos marinhos e com o portas e as pessoas ahh ya!

E: Porque é mais sério?

D: Porque é mais sério, porque faz-nos abrir os olhos, sim! E o exemplo disso é tu veres o que é o entretenimento em Portugal, é tudo aquilo que for mais fácil, e eu percebo isso, quantos de nós depois de um dia de trabalho... Quer lá saber do “prós e contras”! Eu percebo! Só que lá está, tu para perceberes, percebes que as pessoas não deviam trabalhar tantas horas... E, ou seja, todo o pensamento critico, o tu ires buscar informação e pensares sobre ela, e é tu buscares toda a informação que existe porque tu depois percebes que os meios de comunicação não são imparciais, tu percebes uma abertura, tempo, especialmente tempo para formares a tua opinião, eu sei muito bem o que é que envolve. E as pessoas não têm tempo, nem têm que o ter e não têm! E eu não posso condenar as pessoas que gostam de ver a revista a portuguesa só que informação é poder, quanto mais, e é o que eu tento fazer, tento dar entretenimento, isto é risível mas tem aqui informação! E lá está mais uma vez, é a minha forma (minha opinião) mas pelo menos sempre é uma coisa diferente sempre tens aqui alguma coisa.

Entretanto comecei a fazer uma coisa na pagina, não foi isso que me levou para o canal Q mas foi isso que eu acabei por fazer, que era o jogo do tanso! Eu sempre fui muito ativista, desde sempre, e eu comecei a meter-me no ativismo à uns anos, e foi na altura que um grupo de nove pessoas, e eu caí completamente de paraquedas, ser amiga do pessoal que começou a fazer isso no facebook... e eu não sabia nada de nada, eu sabia aquilo que tinha trabalho de politica e gostei. Os meus pais têm o sexto ano e eu levava na cabeça por ler tanto, não levava a lado nenhum.... Musica era do pior, ou seja, nos achamos que é má musica... Todo o meu contexto desde sempre os meus pais, nem votam nem nada, e eu sou completamente diferente, exatamente o contrario, eu desde cedo comecei a interessar-me por isso, e a cena do ativismo, não é todas as coisas são do contra... Só que aconteceram coisas que, durante a minha adolescência que me fizeram ser ativista contra as injustiças, e eu no meio desta coisa toda do ativismo, para te explicar, eu não tenho uma razão logica.... que é: eu sou muito ativista pelos direitos. Eu estudei no liceu camões e numa determinada altura que teve um diretor que era um atrasado mental, uma pessoa estúpida, homofóbica, e no liceu, havia uma rapariga e um rapaz, e era um rapaz novo que tinha entrado que era gay e também era muito ativista, essa rapariga que também se chamava Cátia e eu não me dava muito com ela, ela é expulsa por faltas, chumbou por faltas! E a namorada dela continuaram lá na escola, e a Cátia independentemente de ter chumbado por faltas tinha o cartão da escola, continuava a poder ir à escola se ela quisesse, e ela foi proibida de entrar na escola. Um dia que eu estou a sair da sala e vou à casa de banho, saio da aula e vou à casa de banho... e estava toda a gente dentro das salas, e vejo uma cena que é, esse miúdo gay a colar papeis na escola dizer: o conselho diretivo é homofóbico e era o diretor da escola a correr atras dele e a arrancar papeis, e aquilo foi surreal, isto é do mais injusto que pode haver e depois aí comecei , na altura do liceu, e eu comecei a interessar-me mesmo por estas questões todas de injustiças, na prática, tipo o que está errado. Na prática, na lei, no sistema o que é que está errado. E depois pronto, acabou também por ser um bocadinho consequência também para levar um bocadinho à prática o ativismo. E o meu humor, foi quando comecei a escrever e não sei o que, que na altura era só publicidade mas que depois comecei a falar sobre estas questões, questões politicas e sociais e não sei o quê, comecei a perceber que era uma arma fortíssima, apesar de só empacotar meia dúzia de pessoas mas é uma arma muito forte. É fácil, estou a tornar isto fácil para as pessoas. Estou a passar a minha verdade, estou a dizer que isto é parvo e que por favor, não sejam parvas, porque dizer estas coisas é parvo. E eu comecei a fazer uma coisa na

minha página, que agora dá na televisão e que basicamente era agarrar nas notícias, uma notícia de facebook, de um meio qualquer e agarrar os comentários mais idiotas e aquilo resultou. E quando eu percebi que aquilo resultou, e depois entretanto comecei a fazer para o canal, aquilo de agarrar naquelas pessoas, toda a gente conhece uma daquelas pessoas, alguém que tem aqueles comentários e eu agarrar e expor, e eu dizer por A mais B tu és um idiota e ridicularizar a pessoa, sei lá, há quem ache que é bulling, já tive pessoas a dizer que faço bulling aquelas pessoas que eu acho incrível, já me fizeram passar por bullie, porque eu dizer que uma pessoa que diz que gays são uma raça.... é fazer bulling aquela pessoa, e epá se isso é fazer bulling a uma pessoa, então sou uma bullie. Mas eu percebi, que, agarrar nisto, é um exercício muito bom, tanto para as pessoas que tem aqueles comentários e que podem não ser aquelas mas que estão em casa ou no trabalho e percebem, olham para elas mesmas, e percebem ya que se calhar isto não está assim tão certo, como para as outras pessoas que acham aquilo ridículo e que se calhar conseguem ter mais confiança, para numa próxima vez, num jantar de família quando aquele tio bêbedo disser que os homossexuais podem ser normais como as pessoas, já consegue dizer alguma coisa. É muito pretensioso mas sim, pronto. Então o humor para mim é, eu descobri uma arma e por isso é que eu não me quero livrar dele. Não quero deixar de fazer isto. E eu no meu trabalho estava a sentir que não estava a ter tempo suficiente para conseguir trabalhar para as coisas e para ler, e porque o humor que foi uma coisa que eu descobri, não é nada fácil. Fazer humor que podes não dar tantas gargalhadas mas que tens alguma mensagem, dá muito trabalho. Porque tu tens que perceber montes de coisas, tens que ler montes de coisas, tens que perceber quem é quem, é muito difícil para depois conseguires dizer alguma coisa certa. Não é só dizeres por dizer. Não podes levantar Falsos testemunhos ou insinuar não sei o quê, deves ter informação suficiente para poderes defender aquilo que estás a dizer. Especialmente neste tipo de humor, noutro provavelmente nunca vais ter que fazer isto, mas num humor um bocadinho abusatório tens que te salvaguardar. E dá trabalho.

E: E vale a pena?

D: Se vale a pena? Vale. Há alturas em que vale a pena, ou seja vale a pena em termos de mudar o mundo, mudar mentalidades mudar alguma coisa, eu acredito que vale a pena! Há altura em que eu fico com medo.

E: Medo de que?

D: Eu já estive ameaças de morte, portanto aí tive medo, e por mais incrível que pareça, eu tenho olhos, passa pelas touradas , pela PMR, pelos racistas, mas por mais incrível que pareça as ameaças de morte que eu recebi nunca vieram destes grupos até porque eu sei que existem pessoas desses grupos na minha pagina e nunca me disseram nada, e que vêem o programa e não sei quê e não dizem nada. Foi uma vez que eu fiz uma piada que nem foi com gordas foi completamente tirada de contexto, mas fiz uma piada que envolvia mulheres ... e eu tive..., porque agora o feminismo está na moda e eu já a um ano que um grupo de feministas que pelos vistos agora está a ser cada vez mais influente, resolveram meter isto tudo que eu faço, elas e eles , eles acharam que eu era uma comunista , que eu era como elas, ou seja eu podia ser muito bem uma cara daquele grupo. Porquê? Porque lá está, porque tocava nestes pontos, tocava nas injustiças e achavam que eu conseguia servir as agendas, do nada! Sem sequer falarem comigo, e começaram a falar muito em mim não sei quê as minhas coisas... Entretanto há um belo dia que me adicionam a um grupo que existe no facebook, delas! Fogo estou sempre a dizer delas por ser feminista e é ridículo! Deles! Apesar delas não gostarem muito de dizer deles porque pluralizar o masculino é bué mau, enfim, entretanto eu percebi que era um grupo que há lá muitas pessoas perigosas que têm alguma influência e então começou-me a assustar bastante, sendo que para te dar um exemplo. Imagina, há uma miúda que vai lá (imagina)com dezassete anos, foi lá e gostou e disse: “trabalho numa cadeia de fast food e na altura de pagar reparo que os homens em vez de me olharem para a cara, olham me para as mamas, o que devo fazer!?” E no meio daquelas respostas todas há um que diz: “A próxima vez que alguém te olhar para as mamas pergunta se quer fartura com contribuinte e fica lhe com o numero, faz queixa a policia.” Foi quando eu percebi que isto... ok isto é muita freak, é muita psicoo, portanto vou sair, quando eu sai do grupo, foi terrível, ameaçaram-me de morte com uma piada que nem foi grande piada , o que me chateia mais é que não foi uma grande piada.

E: Não foi uma grande piada porquê? Não tem muita graça ou...

D: Não, não teve muita graça, epá gostava que tivesse sido uma piada que sim Sr.! Mas caíram em cima de mim, ameaçaram-me, foi a primeira vez que eu tive medo, foi bué energético então tive receio, mas pronto de resto tenho pessoas que me ameaçam com processos, porque estou a expô-las e assim. Mas estas eu já percebi! Eu no início ainda ficava ai meu deus vão-me processar e eu tenho quase dinheiro nenhum... Vou ficar na merda mas hoje em dia já não tenho grande medo! Eu percebo que elas me quisessem

realmente processar, é uma forma de eu até conseguir chamar atenção para aquele assunto e potencializar aquilo a meu favor entre aspas, do problema em si! Portanto fixe! Agora uma coisa que eu descobri no humor e pode ser importante. Que é, os meus pais tinham uma personalidade mais fechada mais antiga pronto... E para eles um emprego a sério é ser advogado, arquiteto, engenheiro e assim... E quando acabou a publicidade eu na altura tentei, eu já fiz montes de coisas, aliás eu quero ser imensas coisas, porque acho que tenho jeito para imensas coisas, no início eu queria ser atriz tipo... Foi tirar um curso para a casa do artista. Entretanto os meus pais não e patrocinaram e na altura não me apeteceu e eu tive de pensar noutra coisa para fazer, quando eu fui para publicidade não foi o emprego em que os meus pais disseram sim Sr.! Não percebem muito bem... Fazer reclames, para fazer reclames não é uma coisa... não é? Quem é que faz reclames? Humm não é? Mas pronto ok! Ganhas alguma coisa fixe, porreiro, para eles é uma segurança, tens um trabalho, tiraste o curso perfeito, e eles não percebem apesar de gostarem, a minha mãe! Acho que o meu pai nunca leio nada meu, mas a minha mãe gosta muito daquilo que eu escrevo mas custa-lhes um bocadinho aos dois levar a escrita a sério, seja ela de humor ou de outra forma qualquer, não é uma profissão, ser artista não é uma profissão, e ainda por cima nos tempos que correm, por amor de deus! E eu sempre tive no meio desta coisa toda, há uma coisa que ainda hoje existe, e lá está a minha terapia é muito para ver se resolvo isto, que é o querer que o meu pai sinta orgulho em mim, e todas estas minha indecisões, o que é que eu hei-de fazer, o que é suposto eu fazer, em certa parte é o que é que é suposto eu fazer para o agradar, para fazer com que ele sinta orgulho em mim, e o humor fez-me perceber pelo menos uma coisa, isto ainda existe mas uma coisa fez-me perceber, os meus pais já viram o que eu faço na televisão, não se riram uma única vez porque também não têm bagagem para perceber, não têm informação, não sabem quem é... E eu na altura em que comecei a fazer isto comecei a reparar, eu estou a fazer isto por mim ou, lá está mais uma vez, ou para os agradar? Será que eles têm orgulho em mim, ai meus deus a minha filha está na televisão independentemente de não perceberem o que ela está a dizer, estou na televisão que é espetacular, e hoje em dia os pais terem um filho na televisão é grande coisa! E os meus pais não sentiram uma pinga de orgulho naquilo! Não é também não estarem orgulhosos mas estar a fazer aquilo ou estar a fazer reclames era exatamente igual, e quando eu percebi isso deu-me uma liberdade do caracas porque quero continuarem a fazer isto independentemente de eles sentirem orgulho, ou não, em mim, se sentirem ótimo mas se não sentirem vou continuar a fazer isto na mesma! E foi a

primeira vez que eu senti isto, e eu só posso pensar que pelo menos isto pode está certo, pode não ser isto que vou fazer a minha vida inteira, lá está não sei, mas estou a fazer isto pelas razões certas, estou a fazer isto por mim, não preciso da aprovação exterior para fazer isto, e estou a fazer isto pelas coisas que eu acredito, independentemente de mudar alguma coisa ou não, pelo menos tenho de acreditar que sim e é isso! A minha história no humor é isso, agora uma coisa que tenho a certeza que todos os humoristas te disseram é o humor além de ser difícil é bueda difícil de viver disto em Portugal porque não tens industria, ao seja, a longo prazo é fodido, tu queres planear qualquer coisa nem que seja nas próxima ferias não podes, não pode planear férias sequer, nem fins-de-semana sequer, não sabes se vais estar a trabalho se vais ter dinheiro, se te vão pagar. Não tens espaço, não tens industria, o entretenimento em Portugal, se fosse nos anos 90 ou nos anos 80, na altura em que a RTP fazia programas de humor, agora não se fazem, agora vais ter um na SIC do bruno noqueira e tinhas aqueles da RTP “não há crise” e não sei mais o quê, enfim, mas não tens industria em Portugal, o que é incrível, portanto é mesmo muito difícil e depois é psicologicamente tu lidares com a “meritografia” , se já não existia em publicidade, não existe no humor, não é por tu seres muita bom.

E: Vou ter de te parar aqui porque não sei o que é que a palavra que tu disseste quer dizer.

D: O quê? “meritografia” basicamente é tu consegues vencer por mérito. Não consegues ganhar obviamente, mas no humor é muita fodido porque lá está! Porque tu lidas com gostos de pessoas, tu lidas com o público que te julga, é o público que define, é o publico que te dá comida, se tu tiveres muito publico vais ter muito mais oportunidades, e lá está tu tens humoristas de merda, que fazem merdas importadas e coisas que toda a gente já fez, e as anedotas e não sei o quê, que vão vencer sempre, porque conhecem as pessoas certas, porque têm um certo estilo que agrada a maioria das pessoas e são essas as pessoas que dão audiências. E é muito lixado tu lidares com a frustração, e ainda por cima para mim, que tive uma depressão gigante e que ainda hoje é fodido lidar com isso, eu trabalho desde os 20 anos, já trabalhava antes mas desde 20 anos que trabalho na área e estava a ter um carreira e parei só a carreira, porque a minha carreira não morreu, mas que sempre trabalhei, o máximo que eu tirei de ferias foi uma semana o ano passado, desde os vinte anos, uma semana que tive na merda, porque senti uma cena de culpa gigante por ter tirado uma semana de ferias.

E: Porquê?

D: O estar parado, senti uma culpa gigante, não estar a fazer nada, as férias para mim, eu não quis tirar mais e foi uma semana podia ter tirado duas, eu tirei uma semana naquele contrato e eu não estava a conseguir lidar com o eu não estar a fazer nada, eu não estou a produzir, eu não estou a ser útil, obviamente são coisas que vêm de casa porque os meus pais trabalham para carações e então, para o meu pai quem não trabalha não é bom, ponto final. E eu com uma semana de férias não aproveitei nada, eu tive uma lesão no menisco, o médico do seguro do trabalho mandou-me eu ficar um mês em casa, eu passado duas semanas estava a chorar, a ligar a um dos meus diretores a chorar a dizer: “ por favor, que era uma coisa que o seguro do trabalho não podia saber, por favor manda me trabalho para casa”. Eu tinha acabado de ler “As cinquenta sombras de Grey” que era o maior livro que eu tinha lá em casa estava na fossa, eu acabei de ler esta merda e tenho vontade de comprar o segundo por favor manda-me trabalho senão eu vou comprar o segundo. E ele começou a mandar-me mails com briefings e coisas assim para eu me sentir útil, porque estava na merda. Portanto uma pessoa como eu que sou super ansiosa, tenho muita ansiedade, é muito difícil ficar em casa e ter que escrever, é difícil não acordares com ataques de pânico a pensar eu não tenho destino , sabes é horrível o escrever... ok vou escrever, mas isso é porque se calhar eu cá dentro ainda não percebi que isto é uma profissão a sério! Eu se calhar até que ponto isto será uma profissão, não consigo perceber porque é que eu tenho tanta ansiedade e me dá, durante o dia, tanta vontade de chorar a pensar eu não estou a fazer nada de útil, eu não estou a ser útil, e não estou a construir nada, estou parada, e na verdade não é estar parada porque no humor mas estou parada, a fazer piadas no fundo, tipo fazer piadas do facebook, mas que vida é esta?? Isto é uma parvoíce, não sou uma miúda para estar a fazer estas merdas, o Rui disse-me no outro dia uma grande verdade no meio de uma discussão que foi, no humor, eu não lutei por grande coisa, tu numa industria como esta para conseguires alguma coisa tens que lutar bué trabalhar bué, o rui trabalha bué, o Rui fez não sei o quê para conseguir uma oportunidade para fazer alguma coisa e não conseguiu, o Rui faz, o Rui tenta e não consegue infelizmente, agora está a trabalhar, mas pronto, a escrever para programas de colinearidade mas pronto sempre é dinheiro e está a fazer pelo menos uma coisa e eu tenho na minha cabeça cinquenta mil ideias, quando acordo com ataques de pânico a pensar não estou a fazer nada de jeito, e podia agarrar no meu computador e fazer só que há alguma coisa em mim que me impede

imenso e depois isto não sei se isto vai fazer sentido. Eu tenho imensa autopiedade e que no meio disto tudo desta ansiedade toda se consegue infiltrar com a mais pequena coisa... Ou seja imagina, eu acordo com um ataque de pânico, o que é que eu vou fazer? Já é bueda tarde depois eu odeio dormir, se eu dormir até as 11 acordo! Tipo ridículo depois é o que é que eu vou fazer? Vou escrever ok, vou para o computador, ahhh facebook, ... então vá o que é que eu tenho de fazer? Ok tenho esta ideia, vou... começo a ver um edifício bué antigo e acho aquilo muito mais interessante que fazer aquilo, sabes, é uma autossabotagem e eu não consigo perceber porquê e gostava de perceber para desbloquear mas eu pareço que fico perdida nesta ansiedade... ahh e depois entretanto o dia começa a acabar mas eu não fiz nada, sou uma idiota! Sou uma inútil, estou completamente perdida fodasse, o que é que é suposto eu estar a fazer aqui?

E: Se calhar é suposto estar a fazer nada, se calhar devias respirar um bocadinho

D: Mas estas a ver eu já estive duas semanas em casa, eu já fiz o nada! Como é que é suposto fazer o nada, eu já estou há duas semanas em casa e não sinto que esteja a descansar, sabes?

E: Pois! Porque todos os dias sentes que não fizeste nada quando na verdade estiveste só a dar tempo a ti, não é? É como estavas a dizer à bocado, se nós estivermos montes de hora de trabalho não vamos ser tão produtivos, não é por estarem dez horas por dia que vais produzir o mesmo que nos derem oito ou seis, se calhar vamos ser mais produtivos no tempo em que tivermos a trabalhar porque vamos ter o resto do tempo a descansar, e foste tu que disseste isto à bocado. Só que tu não dás as duas semanas para tu descansares para depois seres ainda mais produtiva e para pores as coisas em papel, ok agora já descansei, já tenho a cabeça mais leve!

D: Não, não fica, e depois é um arrependimento que é quando eu me despedi eles disseram-me que obviamente não me queriam perder, não é querer estar a dizer que sou... Mas eu sou muito competente, ter mais ou menos paixão, porque eu já não tinha paixão naquilo que fazia, mas com mais ou menos paixão eu consigo ser competente naquilo que faço. Eu quis-me despedir, eles fizeram-me uma contra proposta, “Vocês não estão a perceber, eu preciso mesmo de sair, de parar e perceber aquilo que eu quero fazer, até pode ser que volte para a agencia mas eu preciso de sentir que é isto, não porque acabei o curso e depois foi uma série de contradições”, e eles disseram precisas do quê? Um mês? E eu devia ter aceite porque não me sentia tão perdida e por vezes

não me sentia com tanto pânico de pensar no arrependimento, eu tenho uma meta só que as metas quando tu não tens coiso podem ser facilmente... Disse que queria subir a palco e tenho um texto de stand-up praticamente feito mas não tenho coragem... Há dias que eu quando vou ver o espetáculo de um amigo meu ou isso, sinto bué vontade e eu consigo fazer aquilo mas depois há dias que não! Quando me dizem, Cátia como é que és? Queres marcar a data? Eu... não!

E: Porquê?

D: Porque eu vejo por eles, é muito violento, o tu estares em cima de um palco, não teres qualquer personagem, podes criar personas mas é muito difícil seres uma grande persona que não és tu, o tu estares em cima de um palco e tu teres aquelas pessoas todas a julgarem-te não é? Elas não se riem e estas tu bué bem disposta, como é que tu lidas contigo se fores uma merda? Sabes? Porque tu estas a ser julgado pelo que tu és ali! Pelo que tu dizes pelo que tu és! E eu acho para uma pessoa, por isso é que eu percebo tão bem as pessoas porque ou tu tens uma auto confiança quase inabalável, super blindada, ou então como eu que apesar transparecer que sim que tenho uma autoconfiança bué fixe, não tenho. Eu sei que é uma coisa que pode potenciar os meus pensamentos menos bons e começar a potenciar a meter-me em causa a achar que não sou boa o suficiente, não que eu acho que sou boa o suficiente mas sou pior do que aquilo que eu pensava, é uma exposição muito grande, independentemente de gostar mais ou menos eu consigo admirar qualquer pessoa que suba a palco, só pelo simples facto de subir a palco e estar ali em palco com microfone e pessoas, faz-me rir, boa! É o que as pessoas querem, pagaram bilhete. E eu acho que mesmo em noites que corre mal eu vejo por exemplo, a gente vai sair, ou seja eu normalmente vou ver espetáculos de pessoas que eu conheço, portanto quando eles saíem eu consigo perceber a reação que eles têm, e eu começo a perceber que há coisas bué engraçadas, porque há mecanismos para lidar com noites menos boas, ou culpares o público, não pões em causa o teu texto porque é hilariante, o público é menos fértil... O Rui acontece-lhe algumas vezes o sair e está na merda porque correu bué mal, porque é uma questão de timing! Não é preciso um timing bom! E ele estar na merda e é mesmo horrível, ou seja tudo aquilo eu posso sentir, se eu experimentar isto eu posso sentir, também sei que quando a noite corre bué bem, há outra forma de estar de conversar, tudo muda em ti porque te sentes bué bem, sentes-te no topo do mundo. E eu consigo perceber que posso sentir isto, só que a questão é, eu não sei se estou preparada para sentir o mau, apesar de eu estar a

construir com terapia, este meu terapeuta que já estou com ele há três anos, é muito bom apesar de eu estar a construir-me, a minha estrutura ainda não é espetacular, ainda não é suficiente.

E depois porque coincidiu na semana em que o Passos Coelho tinha dito numa convenção que Dias Loureiro era um exemplo de cidadania. Para ele um exemplo de cidadão era Dias Loureiro. Aquele corrupto de merda que está em Cabo Verde. E eu pensei: Fodasse, e eu conheço-o durante um mês, ainda por cima ia para lá, durante um mês eu ia estar normal e cinco meses, tinha um compromisso de cinco meses e as expectativas não é uma coisa que tu passado dois meses dizes “Não dá”, não, tens que ir até ao fim. E quando ele disse isso, eu não me imagino cinco meses no lapa, a conversar com estas pessoas, e lidar com ela. O gajo quis fazer o referendo para o casamento, para a adoção homossexual. Sabes, a cena é que era trair a minha credibilidade. Com que credibilidade é que eu depois daquilo, depois de fazer as legislativas eu ia falar sobre um PSD da vida, ou sobre aquelas pessoas. Com que credibilidade? Nem sequer era ético. Então foi completamente fácil dizer que não, alegando obviamente questões morais, eles perceberam. Até porque eu não ia conseguir escrever. Eram seis dias por semana, com um horário muito lixado. Não é que eu escreva muito agora, mas lá está a cena do arrependimento, do género: Fodasse, se eu soubesse que não ia conseguir escrever, como eu imaginei que eu ia conseguir, enfim, se calhar ...

E: Como é que é? Agora não percebi.

D: Então, imagina, na altura era obviamente questões morais e era o não conseguir escrever como porque eram seis dias por semana. E apesar de eu, quando trabalhava em agência escrever às horas de almoço, por exemplo, que era o tempo que eu tinha para escrever, porque depois chegava a casa e tinha a cabeça tão cheia que sei que ali não ia conseguir fazer porque não ia conseguir fazer as coisas que eu queria, não ia conseguir falar agora sobre a campanha agora da coligação e não conseguia e achava que ia escrever bué. Especialmente agora sobre as legislativas, ia escrever bué, ia bué dismantelar isto e não o estou a fazer. Não aceitei mas também não estou a fazer. E nestas alturas em que estas menos segura da opção que tomaste é fácil tu pensares ‘Caramba, se calhar se eu tivesse aceite, estava a ganhar, feliz, durante 5 meses não falava daquilo. Mas pá, estava a ganhar fixe, para lá estar para depois poder de outra forma (isto é um engano total) ter dinheiro para fazer bollshit, são aqueles lugares para

onde tu foges, porque não estas a conseguir produzir e depois não sabes o que há-de produzir e é complicado. É mesmo, estou assim num ponto completamente perdido, portanto, isto do humor não tem muita graça. É raro, tu fazeres humor não tem muita graça, o processo de fazer não tem muita graça. Ou seja, é engraçado, tu fazer humor, eu agora estou a falar mas tu não vais perceber isto, mesmo até... Há uma diferença de Cátia quando ia ver espetáculos de humor, e Cátia quando ia ver espetáculos de humor a fazer humos. Vais com outro olhar completamente ... não te ris da mesma maneira, estás lá e estás a perceber como é que ele fez a piada. Estás a estudar aquilo. Logo até, programas de humor, espetáculos de humor, tu não te ris da mesma forma. Não te ris tanto. O tu fazeres humor não tem, muitas vezes é doloroso tu dizeres ‘Fodasse, não faço nada há bué. Eu vou ter que me forçar a fazer, o processo não tem muita graça.’ Depois, ou seja, não é, se calhar publicidade tem mais graça, pelo pensamento criativo, apesar de depois obviamente o cliente chegar e arruinar completamente o que fizeste, mas mesmo assim tem muito mais graça, estás ali com o teu amigo, ou com a tua dupla, estás ali a marrar, “Ai não sei o que, se fizéssemos isso?” “Ai buéda fixe, vamos fazer um elefante de patins.” “Ya, faz um elefante de patins.” Tem graça fazeres um elefante de patins. E estares ali a fazer humor é buedá sério. Mesmo fazeres humor com outra pessoa, contigo não estás naquele modo descontraído.

E: Porquê ?

D: Porque quando tu fazes com outra pessoa. Sei lá, é quase científico. Há formulas de tu fazeres, enquanto tu estas a fazer uma piada com alguém, por ex. o Rui, que volta e meia eu escrevo os textos de stand-up dele com ele, não é uma coisa que a gente ri imenso, e ah isso está hilariante, não! É isto, vamos usar os irmão Guedes que a gente sabe que os dois juntos não fazem um neurónio e não sei o quê... só fazem guedices e pegamos por aí, e depois uma piada sublinhar, e piadas sublineares não está muito na moda. É tudo muito pensado, para tu causares graça tem de ser pessoas que eles conheçam ou tem de ser as pessoas certas, e tem de ser a construção certa, não pode ser muito longo e basta isso para a piada... mas é tudo muito ajustado, estás a ver? É como se fossem formulas e portanto não tem muita graça o processo criativo, não é o tudo vale, na criatividade e na publicidade tudo vale e ali não, enquanto que a publicidade o nosso consumidor é a pessoa de dezoito para.... Não! Em humor não, o nosso publico são aquelas pessoas, é o João, o Francisco que está sentado naquela fila e estuda na católica, é o não sei quantos portanto tu tens de perceber o teu publico e tens de... E há

referencias que eu não faço ideia que a malta do secundário que por exemplo já não vão de viagem de finalistas para onde eu fui e não sei que... E depois como assim? Falam com buedas siglas, eu já não sei isso tipo... o que é que isto quer dizer? Portanto por vezes tem graça, eu vou dizer o que é que os comediantes e o meu grupo de amigos pensa uma coisa engraçada: que tu se vires muitos documentários de humor, eu percebi que é um determinador comum independentemente do país, que é: os comediantes tem o seu grupo de amigos e tu quando comes a fazer humor, assim mais a sério, aí comes a entrar na industria de alguma forma, todos os teus amigos, os teus amigos mais presentes, não quer dizer que não fales e não sejam teus amigos as pessoas da faculdade ou do liceu ou da primaria ou teu vizinho quando era miúda, não quer dizer que não sejam teus amigos mas as pessoas com quem tu... tu vais querer que no teu dia-a-dia, tu podes estar numa sala com toda a gente mas os humoristas gravitam em torno dos humoristas, as conversas só eles é que percebem! Porquê? Isso é uma coisa engraçada, porque as referências são as mesmas o universo é o mesmo. Temos os mesmos assunto ris-te das mesmas coisas, nós rimo-nos muito por vergonha alheia, imagina nós termos grupos entre nós, e mesmo quando estamos no café... nós passamos o tempo a gozar com outros comediantes ou a gozar com aquilo que vimos ontem a noite no “prós e contras”, nos estamos sempre a mandar piadas seja qual for a ocasião, nós gravitamos, lá está, se estiveres numa sala com os teus amigos todos, tu vais, quase magneticamente juntar por causa do tema, eu riu-me mais com um filme de comédia quando estou com eles do que quando vou a um espetáculo ou quando estou a trabalhar porque é bué natural sabes? Tu chegas a um ponto que, sentes quase que estás numa battle, não é estares a competir mas ... sabes?

E: Sim! Manda um e depois manda outro.

D: É bueda engraçado, e vi isso num documentário no outro dia e fiquei caramba, e comes a pensar que faz todo o sentido a razão de existir tantos romances entre comediantes, por exemplo: eu namoro com o Rui , há bué romances entre comediantes! Porque acabas por ter o mesmo universo, porque eu vejo os meus namorados antes do Rui, não tínhamos nada... Recentemente voltei a falar com um que já não via à seculos! E começo a ver que não tenho nada a ver, o meu tipo de homem, nós valorizamos muito o sentido de humor, e isso é uma coisa que eles sabem, os comediantes homens sabem que é: as raparigas adoram um gajo que as faça rir, esquece! Pode não ser o gajo mais lindo do mundo não sei quê mas faz-te rir, está feito! Sendo obviamente vais sentir-te

atraída, o que é engraçado que com uma mulher isso não resulta! Tu sendo mulher, os homens não olham para ti e pensam fogo granda babe, tenho amigos meus comediantes que nunca na vida sacava essa gaja se não fosses comediante. Facto! Se tu fosses um gajo normal, esquece. Sabes aquela cena do rock star? Há muito esta ilusão e na verdade é que isto existe mas em Portugal numa escala muito menor onde tu ficas numa pensão no porto, mas não interessa, estás no porto, pagam-te a pensão, o almoço... e na verdade que as raparigas se sentem muito atraídas e eu rapariga sei que ...

E: Não entras nesse mundo de rock star?

D: Não.

E: Porque não queres?

D: Porque ainda não, há uns que não quero porque eu já criei, não é inimigos, mas eu já criei muitas inimizades porque, isto em publicidade ou em comunicação... e não são muito a meu favor, porque a coisa de tu seres muito honesta intelectualmente agrada as pessoas certas, tu se fores um diretor queres ter uma pessoa assim! O tu não teres papas não língua e tu dares a tua opinião independentemente da hierarquia agrada as esfia. Neste meio não! porque não há... ok isto é industria precária tu tens um canal, como o canal Q que qualquer dia acaba e depois não tens mais nada , tens grupos que escrevem, tens comediantes que escrevem com outros comediantes. E tu sendo assim e por isso é que eu sei que no canal Q , eu sei que o diretor do canal, apesar de eu não o conhecer grande coisa, gosta muito daquilo que eu faço, porque não há ninguém que no canal que faça uma coisa assim, ou que seja tão ... epá que incomode, e eu incomodo e então ele gosta disso. Só que há muita gente que, lá está, que não gosta.

E: Porque és mulher?

D: Isso também, e porque eu, lá está, também me dou com um grupo de pessoas que não é muito querida no meio do humor, ou seja, o Rui Sinel de corte, o Paulo Almeida, pronto, este grupo, e eu por namorar com o Rui sou colada independentemente de me dar com imensa gente, este grupo e as pessoas que fazem uma coisa um bocadinho mais fora, mais forte, não agrada a muita gente e tu não tens... diz-me a ultima vez que passou em Portugal sem ser na sic radical os programas do Sinel, a última vez que tu viste alguma coisa, seja de série seja de programa, não tens! E é mesmo muito difícil. E tu sabendo aquilo, porque depois é assim, eu tenho amigos, não são necessariamente

estes, tenho amigos do meio que tu para chegares ao grupo que escreve o grupo da RTP ou tu és bueda amiga, é por amizades, tu tens de ser bueda amigo porque isto não são empresas, até podem fazer uma cooperativa e dar-lhe um nome, mas isto são pessoas e são amizades e tu por estares colada, eu sei que por namorar com o Rui não abona muito a meu favor porque eu sou... isto é bueda irritante , porque te colam obrigatoriamente àquele grupo e tu és amiga deles, e como as minhas amizades são essas, como eles têm inimizades eu passo a te-las também! O que é ridículo e no canal Q, no primeiro dia em que eu cheguei, eu não fazia ideia que isto existia, porque foi na primeira coisa que eu fiz lá que eu percebi que estava qualquer coisa estranha, porque eu sou simpática... o tipo de pessoa normal, e não foram simpáticos, sabes quando tu sentes... e depois foi um comprovar de que facto não gostavam de mim, sem qualquer razão, eu não sei que até pouco tempo eles queriam me tirar do ar, porque eles fazem reuniões semanais, com os argumentistas e as produtoras fixos, em que até bem pouco tempo falavam de mim no sentido em que a Cátia é muito violenta e agressiva para o canal e...

E: Como é que tu lidaste com isso?

D: Fiquei um bocadinho chateada porque ninguém me tinha dito, apesar de nunca ter saído mas tenho lá amigos e um amigo bastante proximo e disse-me quando estava bêbado, soltou... e eu não fazia ideia, ou seja, sabia que as pessoas não gostavam de mim, não por nada, mas não fazia ideia, e ele só me contou isto porque eu estava um bocadinho insegura se estou a fazer bem e ele estava bêbado e disse me: “Não tens de te preocupar com as pessoas, a quem tu tens de agradar já agradaste”, e eu fiquei como assim? “Na televisão tens de agradar a três pessoas, ao diretor do canal, as maquilhadoras e aos técnicos, é só isto, o resto é só caga nisso!” Mas caga nisso porque? Se caga nisso é porque há alguma coisa, não é? Pronto ele tinha me dito que nesse dia tinham tido reunião e que o diretor chegou, isto não deve ajudar, chegou a reunião, tinha os resultados e disse: “Antes de começar a reunião quero só dizer-vos sobre isto e aquilo.... e é mais isto que nós queremos aqui!” Epá e o resto das pessoas ficaram tipo... porque eles sempre quiseram que eu saísse, sem eu saber, e foi quando o guilherme me disse isso que eu fiquei tipo ok , fixe! Mas por outro lado fiquei... porque nós nuca trocamos mais que três frases, dizer olá , e as vezes nem há resposta, olá tudo bem? Portanto eu acho tão injusto, e por isso estava-te a dizer, o facto de eu... e depois eu digo as merdas, sei que certas pessoas estão lá e podem não sei o quê... digo as merdas! Quando gosto, gosto, quando não gosto, não gosto, digo no facebook, digo

pessoalmente, digo ... e o guilherme até nessa disse, brinde à Cátia que é a pessoa mais honesta que eu conheço. E ri-me e não sei o que, foi no mesmo dia que tivemos essa conversa e eu pronto tive a confirmação que ok, sorte a minha o diretor gostar senão já estava lá fora, se o diretor por acaso não gostasse ou se fosse um bocado indiferente, está a tua equipa toda a dizer que a Cátia é muito agressiva , violenta e não sei o quê... epá se calhar tira-se e mete-se lá outra coisa diferente. E aí percebi se eu, uma das minhas mais valias na outra industria, no humor o ser muito honesta, isto é horrível, porque quem diz que é muito honesto não é honesto, isto é horrível , não é? As pessoas podem ser honestas mas não precisam de expressar a honestidade, pronto. Eu não consigo é ficar calada porque eu acredito que existem montes de pessoas honestas, eu acho é que eu podia não verbalizar tantas vezes, só que corrói-me, percebes? Eu não consigo explicar! Fico louca, eu tenho de dizer! E depois é com injustiças, claro, então quando é com amigos meus desse grupo porque eu sinto que há pessoas a serem injustas com eles... não consigo! Eu cumpro as guerras todas, isso é uma merda porque depois nem é comigo, mas eu não consigo. A cena da honestidade no humor é muito difícil porque as poucas as pessoas que depois te aceitem e queiram escrever contigo e não sei o quê... não há muita gente, como isto é tudo amigos e toda a gente conhece toda a gente e ainda por cima sou namorada do Rui é bué difícil, ser namorada do Rui é muito mais difícil eu ser credível porque eu sou namorada dele, enquanto eu não fizer nada, enquanto eu não subir a palco eu sou a namorada do Rui, agora com a cena do canal Q, já é a Cátia.

E: Do género, estas na sombra dele?

D: Durante algum tempo sim! Tive na sombra dele, agora menos e pode vir a ser tão importante para mim quanto eu sozinha, enquanto eu indevida, enquanto profissional era bué importante para mim porque mesmo no meio é difícil tu desvinculares-te do papel de namorada, porque eu tenho a certeza que há algumas pessoas que não me convidam para algumas coisas por respeito, porque eu sou namorada, eu ainda não provei o meu valor sozinha, por isso é que eu sei que subir a palco, o próprio Rui diz-me que eu tenho de subir a palco, porque isto tem de deixar de acontecer, há mulheres em Portugal, as poucas que fazem que isso é bom para elas, de facto as pessoas com quem estão casadas ou namoram é importante, e conseguiram fazer alguma coisa com isso, também conseguiram subir a palco mas nunca quiseram se distanciarem do facto de serem mulheres, é bom para elas. Mas eu... tu não conheces o Sinel, nunca falaste

com ele? O Sinel é o melhor amigo do Rui, e eu o Sinel não somos as pessoas favoritas um do outro, respeito o imenso mas não somos, chocamos bué! E o Rui disse-me uma coisa muito engraçada que era: eu ando com o meu melhor amigo, porque eu e ele de feitos e de pensamentos há montes de merdas que nós... também não dá... somos bué iguais! E eu tenho a cena de ter um namorado de ser comediante, o Sinel vê uma coisa que é, ele é a estrela da casa, independentemente das namoradas que tem, ele é a estrela e ele sabe, é absurdo! E eu sempre tive isso nas relações é eu sou a mais inteligente ou a não sei quê... e com o Rui, ainda por cima fazendo os dois a mesma coisa, sendo eu muito competitiva, o Rui também é, apesar de ele não gostar de admitir eu sou muito competitiva, que é terrível. Daí as disclusões, nos temos muitas discussões porque somos muito competitivos. E eu como fui sempre habituada a ser a pessoa, a estrela da casa, eu ... É terrível, não é por ser meu namorado mas ele é o meu comediante favorito portanto eu tenho de ser melhor que ele e eu tenho que ser a estrela da casa, isto é terrível para relação, mas em termos de trabalho por isso estar na sombra, não preciso de ser a estrela da casa, podemos ser os dois, o estar na sombra é horrível, e ele sabe disso, aliás ele desconstrói-me completamente, “tu estavas habituada era a mais”, e até foi ele que me disse isto, “tu eras a mais das relações, mas não és lamento, somos iguais”, mas é difícil tu estares na sombra de alguém que está na mesma profissão que tu! É como ser filha única, independentemente de ser mimada não é? Sempre fui bastante independente e sempre fiz as coisas muito por mim, é muita difícil, porque ainda por cima estamos numa altura em que as redes pessoais, há mil e quinhentas paginas a nascer por dia, ou seja tens uma competição muito maior independentemente de... ou seja tu manteres atualidade, é muita fudido porque tens mil e quinhentas milhões de páginas que fazem humor da atualidade não é? Portanto a concorrência ‘muito maior. Depois é... há uma coisa que abona a meu favor que eu não gosto de admitir e que o Rui diz varias vezes e eu não gosto nada de ouvir que é as mulheres estão na moda, epá é agora estás a ver? e eu não gosto nada porque acho isso bué sexista, mas é verdade. E ainda, é uma questão de tempo não há nenhuma mulher a fazer humor da política e da atualidade, não há! As mulheres a dizer asneiras que é bué moderno, há mulheres a dizerem: eu tenho o período e não sei o quê... há mulheres a fazer... mas sobre a atualidade não há! Mas sei que isso podia ser um plus, e sei que é mais difícil porque a expectativa do público não é essa, mas podia fazer alguma coisa diferente, só que o meu medo de falhar e como é que eu me vou sentir... mas se calhar tens alguma explicação para isso porque também falo com o Rui e ele também não

percebe, que é; para mim seria mais fácil eu imaginar me em cima de palco, para aí no Porto ou Vila Real, num sitio...e não estar lá ninguém meu do que um sitio que, bora apoiar, toda a gente te vai apoiar bué! Eu não vou encarar as pessoas a apoiar mas como é que é possível? O meu pesadelo são as pessoas obviamente não gostarem mas mais do que isso é as pessoas que eu gosto verem-me falhar e tipo por estupidez, as pessoas estão lá para apoiar. O rui disse: a minha primeira vez senti que tinha de ser com apoio, estava lá este e aquele, adoro quando vêm os meus amigos não sei de onde ver-me. Que horror, e se tu falhares à frente daquelas pessoas?

E: E se tu falhares à frente daquelas pessoas?

D: As pessoas que significam alguma coisa vão te ver falhar! Que ridículo, epá não te vão dizer que és ridícula porque gostam de ti mas vão tipo humm para a próxima é melhor, vou ter de passar por isso.

E: Tu fazes isso com o Rui quando corre mal?

D: Mais ou menos, porque ele sabe que corre mal, tu lidares com a pessoa, eu primeiro faço-me mais ou menos de desentendida mas depois chego a casa quando as coisas estão mais calmas e depois digo: acho que isto assim assim...

E: E porque é que fazes isso?

D: Porque ele está na merda, porque ele está bué triste.

E: Porque ele mostrou que era ridículo ou porque aquela noite correu mal e há outras que vão correr melhor?

D: Mesmo assim, quando tu vês uma pessoa que tu gostas falhar, há uma parte tua que fica com pena, fico com pena por ele que ele tenha falhado, e também não gosto, eu não sei explicar este sentimento, não gosto.... não sinto bem... ou seja, não é ele sente-se mal e por isso eu também me sinto mal.

E: Porque é que te sentes mal?

D: Porque ele está a ser frágil, e ser frágil é mau?

E: Também! Vou dizer-te o que é que o meu terapeuta me diz em relação por exemplo a namorados, que é: o dia em que, as minhas relações são condenadas porque eu tenho

uma cena que é, quando eu perco a admiração na pessoa esquece, tipo... começa a ... e eu tenho bueda medo de perder a admiração e é bueda lixado porque não são todos os dias que a pessoa é bueda forte e o Rui é a minha relação mais longa e então já a dois anos, nunca tive relações longas, quando isso acontecia era quando calhava e é péssimo mas é verdade e é difícil lidar com as fragilidades dele, teres uma pessoa que é perfeitamente normal mas vês uma pessoa a falhar também é difícil, isto é horrível mas é verdade. E era essa a coisa que eu te estava a dizer que eu não sei explicar.

E: Pois eu estava a perceber que era por aí!

D: Que é, vê-la a falhar é muita difícil.

E: Porque te faz gostar menos dela, mesmo que não seja logo, perder essa admiração...

D: Um bocadinho... não quer dizer que não volte mas naquela altura um bocadinho. Se calhar estou a passar para os outros aquilo que eu sinto, ou outros os meus amigos, é terrível, é possível, mas é isso o meu medo de falhar com aquelas pessoas que não conheço é se estiver lá alguém... Porque eu sei que vai me estar a julgar mais do que aquelas pessoas, vai trabalhar para mim, vai me estar a julgar, é aquele julgamento daquelas pessoas que interessam, é o julgamento do Rui, o dos meus amigos, é o que eles vão achar e é o receio, a probabilidade de segunda e da terceira vez correr mal é bué grande e é o receio daquele para a próxima corre melhor... e é a minha reação perante isso, porque eu não estou habituada a, eu tenho esta imagem de autoconfiante bueda forte... mas eu sou uma merda, não tem nada a ver! E são raras as pessoas , apesar, que eu deixo chegar a

E: A parte frágil?

D: Sim chegar este ponto de sou bueda frágil...e com a confiança na merda, eu acordo quase todos os dias com ataques de pânico mas ya, há muito poucas pessoas que sabem isto.

E: Porquê?

D: Porque é como, porque é a cena do expor, o expor os teus medos e das tuas fragilidades às pessoas, não sei, eu podia dizer que vou ter outra imagem de ti mas vão ter uma imagem de verdade, não é?

E: E isso é chato?

D: Sim, isso é que é muita chato, e eu sei que consigo, mesmo nas alturas em que eu estive pior, mais descontrolada e não sei o quê, mesmo assim consegui, era tudo menos forte mas consegui preservar a minha imagem, tenha as coisas tudo mais ou menos sob controlo, não tinha nada e as vezes, ainda hoje não tenho e estou numa fase assim diferente em que estou a aprender a lidar com estas emoções de estar parada, que eu não sei lidar com isto e depois estou a ter momentos de..., por exemplo, eu sei que não é fixe para as pessoas que estão à minha volta, imagina do nada passares-te com a caneca que ficou no quarto e devia estar na cozinha e explodires , o eu não ter, imagina, o eu ter dito, o explodir por tudo e por nada, é o ponto em que eu estou, mas quando estou em publico com outras pessoas e não sei o que estou bestial, não é bestial tipo ahhh rir.. não, mas estou tipo...

E: Estás composta?

D: Sim, estou composta. Não, não se pode expor até as pessoas eu acho que ainda não... nem vejo nada de bom que se podia... uma pessoa que se exponha totalmente a sua fragilidade, não é as vezes nem é... não! Cem por cento! A imagem e a relação que ela cria com as outras pessoas não sei se ... se as outras pessoas como não são assim, eu não sei que tipo de relação é que uma pessoa cria com as outras pessoas, se tu partilhares as tuas fragilidades e os teus medos que tu tens, mesmo assim um ponto e meio eu partilho com aqueles que obviamente eu sei que com aquelas pessoas sei que posso partilhar isto mas agora assim aqueles assim de verdade, cá de dentro, eu nem vejo o que é que a relação com os outros podia ficar a ganhar com isso, porque aquelas pessoas pensar ahh com a vida delas também... é verdade, tipo eu percebo.

E: Mas se calhar não estão.

D: Por isso é que lá está quando dizem que eu sou bué honesta, eu não sou, sou intelectualmente honesta, acho que é isso, não sou bué honesta tipo bué na vida, acho que sou intelectualmente honesta naquilo que faço. Esse tipo de honestidade assim... eu nem em casa sou, nunca fui... apesar da minha mãe dizer que... sabe bué como todas as mães, então como estás? Eu conheço-te mais que ninguém! Isso é bueda triste meu! Percebi essa merda no outro dia, a minha mãe é aquela pessoa, como todas as mães, que me conhece bueda bem, não há ninguém que me conhece melhor que eu... e eu no outro

dia, isso era verdade, até , quando ela dizia isto, mas curiosamente a última vez que ela disse isso não era verdade, eu sei que já foi verdade durante bueda tempo e eu sei que tu pensas isso mas não é verdade, e é bueda triste, e eu fique muito triste de perceber isto! Nem a minha mãe, que é minha mãe, já me conhece tudo, se estas assim é por não sei o quê... e a minha mãe não sei o que é que se passou, se calhar é normal as mães deixarem de perceber tudo, de conhecerem os filhos como a palma da mão, e a minha mãe acho que não... ou eu sinto que ela não percebe algumas coisas... ou ela acha que eu tenho o comportamento , o que eu tive aos dezoito anos os meus pais passaram, independentemente de ter uma relação melhor ou pior, no caso, mas aquilo que os meus pais passaram e a minha família passou. Tudo aquilo que eles passaram eu sei que não há nada que eu possa fazer, que os possa, que me possa...

E: Que os possa compensar?

D:Que os possa compensar, quando eu digo que não roubei, não matei ninguém, não, mas fui uma pessoa desonesta, fui! Tive assim coisas que não eram da minha educação e coisas que sei que os fiz magoar e eles não percebiam muito bem os que se estava a passar comigo e que eu os afastei muito e não da melhor forma e então sempre gostei de compensar de alguma forma e muitas vezes a minha mãe acha que eu ainda sou essa pessoa, sabes?

E: Que tenta compensar?

D: Não, a pessoa que eu era antes de compensar, muitas coisas que ela diz hoje em dia, há coisas que tu obviamente, a minha cena de rebeldia tende a ser muito com outras coisas, claro que sim, a cena de ficar magoada com certas coisas, claro que a minha mãe consegue descodificar isso, mas há muitas coisas que eu já não sou assim... há coisas que eu mudei! Então eu acho que há coisas que mudaram em mim e que ela não percebeu ou não percebe. Mas eu percebi isso no outro dia, e essa cena de acompanhar a minha família também foi à pouco tempo que eu percebi que na altura que me despedi, isto ao mesmo está a ser muito doloroso mas dá para perceber algumas coisas, que foi um dia especialmente péssimo, estava pensar a levar isto como profissão , o que é que eu fiz tipo, isto não faz sentido nenhum, eu não encaro isto como profissão porque sempre fui educada que isto não era uma profissão, portanto vai ser sempre difícil, e a minha família tipo , sou bué pegada à minha família, bué bué, e família é tipo, e não é fácil mesmo para o Rui perceber que a minha família é bué unida e eu sou muito da

minha família e então, não é fácil para uma pessoa que venha de fora perceber bem a dinâmica porque eu sinto que sou filha deles todos na verdade e é uma relação bué especial, e eu sou uma privilegiada porque eu tenho essa relação pela infância e pela forma que cresci tenho essa relação então sou mesmo muito apegada só que tenho uma tarefa muito árdua que é: eu acho que a pessoa principal é o meu pai porque sempre tivemos uma relação difícil e ele nunca aprovou nada daquilo que eu fiz mas ao mesmo tempo tenho a minha mãe e tenho as minhas mães todas que também quero que sintam orgulho em mim, é muita gente para agradar e eu sempre tentei fazer isso, sempre fiz isso, todas as escolhas que eu fazia era sempre a pensar: aii vão ficar contentes ou eles vão ficar... epá e lá esta à pouco tempo é que estava nesse período de ... o que é que fiz e despedi-me, o que é que os outros vão pensar... como é que lhes vou explicar isto, o que eles vão pensar... e disseram-me tipo Cátia! Já chega! Já chega de tentares compensar, já chega, Já está. Mas na verdade, eu acho que tu pensas sempre... só que é fodido porque enquanto a maioria das pessoas tem pai e mãe para agradar, as minhas tias, uma faleceu entretanto, e as minhas tias, eu quero, ainda por cima algumas eu tenho uma relação mais próxima, quero mesmo que elas tenham bué orgulho em mim, tipo boa miúda, o elogio do pai, continua a ser uma boa miúda ok, a Cátia é uma boa miúda, a Cátia está a fazer as coisas bem ou está certo! Está a fazer tudo bem! Pronto então com este passo eu não sei, porque como eles não compreendem muito, ainda estou assim numa fase... o que é que eles acham da minha decisão, é muita pessoa para agradar, têm todas expectativas diferentes, a minha mãe, a minha mãe só não quer isto de ficar sem trabalho, foi bué doloroso por me ter despedido para a minha mãe, nem é por não estar a trabalhar em publicidade, é porque a minha mãe nisso conhece-me e diz: “tu vais ficar parada”, porque a minha mãe, lá está, esse estilo, primeira fila, é bué intuitivo, ela tem bué medo que eu volte a cair, então o receio dela é isso, vá ao fundo, porque começa aquela espiral, e depois é pensamentos de existencialismo, e quando eu começo a ficar muito existencialista, é quando eu sei que tenho de fazer qualquer coisa. O que é que é o sentido da vida, mas porquê? Então para a... o dia em que eu fui para este novo terapeuta foi espetacular, o dia em que eu fui, a primeira coisa que eu disse quando lá cheguei, então não sei o quê, quais são as tuas expectativas e eu fui bué honesta e disse: “eu estou com um conflito espiritual, isto é, porque eu sei quando é que começa, que é um grande problema, que é o não saber o que faço aqui, para onde quero ir, tipo estou aqui quero ir para outro sítio e depois estou noutra sítio e quero estar aqui, estou completamente perdida, não estou a perceber o meu rumo, quando eu começo a pensar,

e o meu discurso é, isto é um bocado grave, porque é muito do passado e eu não posso acreditar nisto percebes? Não posso depender deste pensamento que é : a vida é isto, nós estamos aqui agora e que daqui a bocado vamos comer não sei onde, é casar ou não, termos filhos ou não, a vida é isto, hoje estamos bem, amanhã estamos mal, e depois estamos bem outra vez, é isto, a vida é isto não é? São estes bocadinhos todos juntos! Para quê? Para quê? Para quê passar por... ok a vida é isto fixe, umas vezes estás melhor outras piores mas para quê tanto tempo disto”. No outro dia ele pediu-me, não sei se é uma técnica, um micado, para eu desenhar a minha linha da vida, desde que eu nasci até onde eu o vejo, e depois explicar os picos, o que é que são. Ou seja, de onde é que eu fui, como é que eu estou e para onde é que... e foi inacreditável, ele estava a espera que eu demorasse para aí uma hora a fazer aquilo não sei, em dez minutos já estava, e disse mas como assim, pronto isto é minha vida, então mas explica, ok... . e então aqui acaba, mas que idade é que tens aqui? Cinquenta, e ele ok. Estava a ser bué honesta, eu não consigo ver a minha vida para além dos cinquenta anos, é quase do género, aos cinquenta anos és espetacular e já fizeste bueda cenas ou a partir dos cinquenta, é ridículo que a minha mãe tem cinquenta e quatro, mas ainda continua a fazer coisas, mas cá dentro quando eu paro para pensar, não, aos tipo cinquenta... pronto até aos cinquenta guerreira sempre, tens filhos, até aos cinquenta tu tens de fazer o que é suposto , ou não! Não interessa mas é o tempo que tu tens, a partir dos cinquenta anos, eu assim, a minha mãe tem cinquenta e três, agora é um vegetal, não mas não sei a partir dos cinquenta era suposto fazer... se é para fazer alguma coisa de importante na vida , até aos cinquenta! Não me perguntes porque é que eu tenho esta ideia, mas é até aos cinquenta é que é! Epá depois dos cinquenta esquece, já podes criar netos e não sei o quê, isto é terrível, mas foi essa a minha reta de vida.

E: Hm. Acho que podemos terminar a entrevista. Obrigada

Transcrição da Aplicação do T.A.T:

Cartão 1: [50’'] Isto é um cigarro, isto é um miúdo claramente do Vietname, está um cigarro na mesa e ele quer bué deixar o vício do tabaco, e o pai disse lhe que a melhor coisa para deixar um vício é substituir por outro, “toma lá a puta do violino e vais aprender a tocar violino”, neste momento ele está no quarto, está aqui um cigarro, se

isto não for um cigarro ahaha, é o último cigarro dele, este gajo parece da juventude ariana, parece um miúdo nazi, mas agora é do Vietname. Agora é que eu percebi que isto não é um cigarro, isto é a cena que toca o violino, não é? E o pai disse-lhe que ele tem de aprender a tocar violino (é que eu nem sequer gosto de violino) ele nem sabe o que é um violino na verdade, ele nem percebe muito bem como vai tocar aquilo, mas está extremamente zangado porque quem é que diz que o vício dele pelo violino não vai ser muito mais prejudicial que o do tabaco, ninguém diz que não, só que o violino é muito mais socialmente aceite, porque quando os amigos do pai forem lá a casa é muito mais fixe ele tocar violino, mesmo que seja uma merda, não estando a ser um prodígio mas isto vai lá com o tempo, do que estar a fumar, cai-lhe os serviços sociais em cima, o miúdo vai para uma casa de... ele tem um anel? A cena do gangue dele, o gangue dos cigarros, e é isto apesar do miúdo parecer ariano, e um pequeno nazi, provavelmente o miúdo é alemão ou austríaco mas isto como parecia um cigarro a ser apagado, "foda-se vou ter de aprender a tocar violino", ele está a pensar "como é que a partir de agora hei-de esconder melhor os cigarros e o cheiro a tabaco?" E vai aprender a tocar violino.

Cartão 3BM: [1' 30''] Isto para mim, é uma mulher que foi presa, está numa cela provavelmente por excesso de modernices.

I- Que modernices?

C- Ou era pela emacipação, ou era pelas propinas, vejo-a nos anos 70, numa prisão sozinha, é uma ativista de alguma coisa, tem o cabelo meio curto, a pensar que deve ser bueda duro, ela nunca tinha estado presa e foi um choque de realidade bue grande, a pensar se isto compensou, o que é que ela foi fazer.

I- Chega a alguma conclusão?

C- Não, só pensa nisso, no que aconteceu e no que é que lhe vai acontecer, se valeu a pena isto, o não saber o que é que lhe vai acontecer também, que é mais assustador.

Cartão 6GF: [1'] Isto é só senhoras upa upa, esta senhora também, esta senhora podia

ser aquela senhora muito parecida com aquela senhora, cabelo e tudo, portanto este se calhar é o marido super barão que chega a casa e diz: “o que é que se passou hoje lá em casa? Tipo aconteceu alguma coisa?” E ela está naquela digo ou não digo, este é o momento de decisão que ela tem de perceber se vai ser boa ou má pessoa. Ela, digo ou não digo “passou-se alguma coisa de estranho hoje?” Está mesmo com aquele olhar digo ou não digo, e ela diz!

I- Ou seja, é má pessoa ou é boa pessoa?

C- É boa pessoa, ela compactuou com eles e não diz ao marido o que se passou porque provavelmente ele iria despedir a empregada e a filha, ia tirá-las de casa, portanto ela não diz. Este é o momento decisivo da senhora.

Cartão 7GF: [49’’] Isto é um pão? Um gato? Um pão? Não sei... esta é a ama, “que interessante vou sempre a mesma coisa”, é uma menina da alta sociedade e esta é a ama, e a ama é super protetora dela, e está sempre a mentir por ela e assim... E a menina na verdade, na altura da aula de piano dela ou de costura, se calhar era de costura e era suposto a ama estar-lhe a ensinar a costurar, mas ela não quer saber costurar, ela quer brincar com os rapazes, quer ir lá para fora, quer não ter de fazer o cabelo todas as manhãs porque é uma granda seca e é uma miúda, quer sair de casa, quer brincar, é uma miúda! Não quer ter esta diferença de ser menina, e a ama está a dizer-lhe “por favor tens de aprender qualquer coisa senão o teu pai um dia vai ver que tu não sabes costurar, não sabes fazer nada! E vai perguntar porque é que estamos aqui tanto tempo e é suposto tu saberes costurar e tu não sabes fazer nada portanto por favor concentra-te e aprende a fazer qualquer coisa, a costurar um passarinho ou o teu nome ou uma merda qualquer”, ela está naquela tipo foda-se, mas eu não quero e a ama é bue fofinha, mas quer muito safar as duas.

Cartão 16: [33’’] Isto é... Isto não é nada, mais do que nada isto para mim parece-me, [10’’] isto o que me transmite é falecer, isto para mim é falecer , não é nada, não tem nada, para mim nada especialmente branco, sei lá , parece me falecer, é o nada! Para mim isto é quando morres, é o nada, portanto ver numa folha branca a morte é muita bom

I- A mim fez me sentido com o que disseste antes, como parar é morrer....